

Noites de Lamego
de Camilo Castelo Branco

ÍNDICE

Prefácio
Conhecimentos úteis (lãs e algodões)
Dois casamentos
O tio egresso e o sobrinho bacharel
Tramóias desta vida
Dois murros úteis
A formosa das violetas
Como ela o amava!
História de uma porta
O Infante D. Duarte
César ou João Fernandes?

PREFÁCIO

Chama-se este livro Noites de Lamego, em razão de serem proverbiais em comprimento, profundidade e largura as noites daquela terra, a tantos respeitos interessante, e, sobre todos os respeitos, interessante pelos excelentes presuntos que a caracterizam na história da civilização culinária, a mais prestadia de quantas há. Para uma daquelas noites infinitas, cuida o autor – pedindo vénia da imodéstia – que este seu livro deve de ser, numas compleições, leitura de engalhar o sono rebelde; noutras, distractivo expediente para aligeirar as horas. Está dada a razão do abstruso título.

Lisboa, 12 de Julho de 1863

CONHECIMENTOS ÚTEIS

(LÃS E ALGODÕES)

No princípio, Adão e Eva amanheceram nus, e estavam contentes, ao que parecia, com a singeleza do seu trajar. Não está sobejamente averiguado se Adão e Eva anoiteceram contentes, no primeiro dia da humanidade. O certo e sabido é que se vestiram de folhagem de figueira, logo que a serpente os embaiu a comerem do fruto proibido. Devemos disso inferir que o pudor foi consequência do pecado; e que, a não existir o pecado, esta bonita coisa, que se chama pudor, faltaria à beleza da mulher; e os poetas, e romancistas, e moralistas desconheceriam um manancial de graciosos discursos, sermões, e madrigais, que correm impressos acerca do pudor. Ainda assim, melhor fora que Eva não desse trela à serpente, e que a virtude ingénita da inocência nos deixasse andar, sem vergonhas do mundo, quais saímos das mãos do Criador.

Ao crime da desobediência, seguiu-se o do homicídio, praticado por Caim. O homem, que matou o homem, não sentiu repugnância em matar os bichos, e particularmente os carneiros. Com a morte violenta dos carneiros, veio a reforma no vestido. Começaram os homens a vestir-se com as peles das suas vítimas, e não foi sem razão, atendendo que, no Outono, se despegavam secas as folhas das árvores e o pudor ficava em transe até à Primavera.

Passou o carneiro a ser civilizado na companhia do homem, e o homem reconheceu a conveniência de tosquiar o carneiro anualmente, em vez de o matar. Os animais de lã branca eram os preferidos. Consta da Bíblia que Labão deu a Jacob, para apascentá-lo, o rebanho dos lanígeros apintalados, e a seus filhos encarregou o pastorearem o rebanho de felpo negro, que dispensa tinturaria, e o rebanho de felpo branco estreme.

Não se sabe quem inventou a fiação. Dizem os historiadores que Penélope e Lucrecia fiavam; mas a primeira no que primou foi na tecelagem. Na Grécia a fiação chegou a subido aperfeiçoamento.

Os carneiros tiveram grande consideração em Roma. Os censores legislaram prémios aos cultores da lã e coimas onerosas aos proprietários descuidados do melhoramento dos carneiros, cujas raças se apuravam em Tarento. Os carneiros, chamados *merinos*, originários de Espanha, eram os mais preciosos. A antiguidade não conheceu outro estofo, e com ele fabricavam as túnicas recamadas de enfeites.

Deve-se ao cuidado dos Mouros, dominadores da Península, a raça mais avantajada de todas, a do carneiro merino. Os primeiros que apareceram em França foram de Espanha em 1757; e em 1775 pôde obtê-los a Áustria. A Espanha, em melhores tempos, até com os seus carneiros mandava a civilização aos centros dela.

A Inglaterra tem lá consigo este provérbio: «O carneiro é o termómetro da prosperidade de um povo.» Ora vejam onde está a prosperidade! E nós, os Portugueses, temos muito mais barões que carneiros! E, depois que temos rebanhos de barões, pedimos frades; e de carneiros apenas se lembram alguma vez os legisladores para lançarem contribuições aos lavradores que os têm; os quais lavradores, para não pagarem o imposto, comem os carneiros. E como, a passo igual, minguem os carneiros e crescem os barões, pode afoitamente, e sem receio de paradoxo, dizer-se que o barão mata o carneiro, assim como *isto mata aquilo*, no dizer do mestre Victor Hugo.

Vejam como a Inglaterra se constituiu rainha do Universo, que conquistou com o carneiro.

Diz David Law: «Quando, em 1778, uma leva de condenados ingleses foi

transportada a Botany Bay para coadjuvar os colonos de lã e estabelecer rebanhos permanentes, passaram para ali de Bengala carneiros de raça pequena, de pelo hirto, como eles são naquela parte da Índia. Notou-se logo que estes anãzados animais se melhoravam a olhos vistos com a mudança do clima e pasto. A lã desbastou-se, passando a ser brando felpo, conquanto não fosse mais fino. Doze anos depois desta auspiciosa experiência, a colônia tinha seis mil carneiros, os quais, proliferando com os de Espanha, vieram a dar lã quase igual à dos merinos».

Este exemplo, com outros análogos, explica a prosperidade da Inglaterra, e tudo vem argumentando a favor do carneiro como termómetro para avaliar a riqueza de uma nação.

É muito para louvar a Deus a susceptibilidade de aperfeiçoarem-se, que ele deu a alguns animais destituídos de razão, como parece que é o carneiro, segundo a opinião dos naturalistas. Com a espécie humana foi mais esquiva a liberalidade do Criador.

Entre nós, e nestes últimos trinta anos, vão-se as raças mesclando e procriando; mas a progénie, no máximo das vezes, sai ou mais mazorra que os progenitores, ou mais defecada e entanguida. O carneiro lãzudo de Botany Bay melhorou; o lãzudo racional transmite à prole o canhestro da sua figura e do seu espírito; tudo, pelos modos, feito à semelhança de Deus. O carneiro, pois, é muito mais progressista do que o homem; e é-o porque não cria teoria de progressos, e se deixa ir impassivelmente à vontade da Providência, que o fez carneiro; e não é como o homem, que ousa sujeitar aos moldes de suas fantasias o destino da humanidade, delineado na mente do Criador.

Tornando à parte suculenta e erudita deste artigo, darei notícias acerca do algodão, as quais andei escavando no pó das bibliotecas, para afinal de tudo me sair com um artigo, que me há-de carear o desamorável epíteto de erudito, que em linguagem de damas literatas e peraltas, formados em Alexandre Dumas, é sinónimo de maçador.

Heródoto... Heródoto! Que nome! Só o escrevê-lo é uma ejaculação de sabedoria! É este um nome que dá de quem o escreve a severa imagem de um doutor em cânones, com barrete de troçal, e a pitada do meio-grosso engatilhada ao nariz.

Heródoto, que floresceu 445 anos antes da vinda de Cristo, diz que há na Índia umas árvores silvestres, que frutificam uma lã mais bela e fina que a das reses, da qual os indígenas se vestem.

Virgílio, n'*As Geórgicas*, também menciona a árvore do algodão. Estrabo viu telas de algodão, matizadas de flores pintadas. Plínio, Teofrasto, Arriano, e outros excruciantes cáusticos da paciência humana, dizem todos que há árvores que produzem algodão, coisa que eu não contesto. A propósito do algodão, vou dar-lhes um romance, intitulado

O ALGODÃO

I

Era no baile natalício do barão de***. Festejava ele os anos de sua formosa filha Etelvina, que se morria de amores de um jovem que tinha diferentes gravatas, várias bengalinhas e um pé muito pequeno, cujo calcanhar assentava num supedâneo, quatro dedos acima do botão da bota. Chamava-se Porfírio, e era céptico e rico.

Etelvina queria-lhe da alma, e escrevia-lhe pela posta interna cartas, que eram modelo, afora a ortografia. E ele, o céptico, para dizer que o era, escrevia «*cinto* que estou *cético*». Corriam parelhas em ortografia, e como parelha que eram, escouceavam a prosódia.

Estavam, pois, no baile.

Porfírio entrara, e, feitos os cumprimentos, foi fumar. Voltou à sala, e disse a Etelvina, com fátuo sorriso de quem desfruta o próximo:

– Está hoje muito bonita; o seu seio é de jaspe.

E, quando isto dizia, ouviu uma voz de um grupo, que o escutava, acrescentar:

– E de algodão.

Porfírio encarou no homem que tal dissera; mediu-o de alto a baixo, e murmurou:

– Retire a palavra.

– O algodão?

– Sim, o algodão.

– Não retiro, cavalheiro, porque eu sou o proprietário do peito daquela fada.

– Mente! – replicou Porfírio.

– Pois bem: as nossas espadas abrirão bocas mais verdadeiras.

II

No dia seguinte, quatro padrinhos acordaram que os bravos se degolassem no campo da honra, e depois se dessem mútuas explicações acerca do algodão. Porfírio arremeteu furioso contra o adversário, e estragou-lhe o punho da manga direita da camisa. O proprietário *soi-disant* do peito de Etelvina cortou uma orelha da gravata azul-celeste de Porfírio.

Os padrinhos lavraram e assinaram a seguinte acta do duelo:

«Considerando que os cavalheiros Porfírio de tal e Felisberto de tal se houveram corajosamente no pleito de suas honras;

Considerando que o motivo da sua discórdia assentava numa alusão a uma dama, que, no entender de um, tinha peito de jaspe, e, no do outro, de algodão;

Considerando que o cavalheiro Felisberto ofendera o cavalheiro Porfírio, denominando-se proprietário do peito da dama;

Considerando que efectivamente, depois do duelo e mútuo desagravo, o senhor Felisberto tirou do fundo de um chapéu umas pastas convexas de algodão que disse serem sua propriedade, havida por consentimento da dama, que ele amara com acrisolada ternura;

Considerando mais que a honra do peito de uma senhora não pode estar à mercê de um equívoco;

Os dois cavalheiros, ouvidos os padrinhos, retiraram as expressões com que suas dignidades estavam feridas, e resolveram mandar à dama o algodão sobreposto a uma empada de pombos em forma de coração.»

Segue as assinaturas dos padrinhos.

III

E telvina comeu o pastel.

CONCLUSÃO

Porfírio, passando ao escurecer debaixo das janelas de Etelvina, recebeu uma baldada de água pela cabeça, e ficou constipado, oito dias de cama.

Quando se levantou, viu nos jornais a notícia do casamento de Felisberto com Etelvina. Tirou uma cópia da acta do duelo, e mandou-a ao noivo.

O noivo, nas costas do traslado, que devolveu pelo mesmo portador, escreveu o seguinte:

«Não seja tolo.»

DOIS CASAMENTOS

I

Pobres crianças! Amavam-se, sonhavam-se, e perdiam-se em êxtases de felicidade pelo futuro além!

Tinha quinze anos ela e ele vinte. Ambos riquíssimos dos tesouros daquela idade, ouro de fantasia, diamantes de esperança, um mundo que não cabia neste, e, além de tudo, um céu de amor, que não tem que ver com o céu dos mártires, dos apóstolos e dos confessores!

Pobres crianças!

Helena era filha de um professor de Línguas. Guilherme era o melhor discípulo do professor.

A situação do mestre, em todas as nove Línguas, que ele sabia, chamava-se «pobreza». Ora o discípulo destinava-se a imitar o mestre na profissão e na ventura.

O pai de Guilherme era um algibebe, falido, de Lisboa, que se fizera guarda-portão de um visconde, que fora com ele caixeiro em casa do mesmo patrão.

A Helenazita, quando tinha dez anos, emendava os erros em francês, de Guilherme; aos doze, emendava-lhos em inglês; e aos quinze, dizia ao condiscípulo que o amava, em todas as Línguas.

O velho professor não dava por isto. Andava lá absorvido em acrescentar cento e trinta mil vocábulos ao velho Calepino, e nem sequer levantava mão do ímprobo trabalho para cismar se a sua obra de vinte anos acharia um editor em Portugal. De si para si tinha ele que a Academia Real das Ciências, avaliadora nata dos feitos imortais do espírito humano, lhe tomaria à sua custa a estampa dos cento e trinta mil vocábulos. Feito isto, o poliglota, farto de trabalho, gozaria a doirada mediocridade em gloriosa velhice.

E, no entanto, iam-se amando as pobres crianças.

II

O professor educara o filho único da viúva condessa de Prazins até aos dezassete anos. Nesta idade, morreu o discípulo, e a mãe ficou sempre chorando o filho, e bem-querendo ao mestre.

Helena costumava ir passar o Estio a Sintra, e o Outono a Pedrouços, em companhia da condessa, que andava nos seus trinta e sete anos. A fidalga, conquanto saudosa e desconsolada, desadorava a convivência do capelão, e da parentela pesada de anos, de espírito, e brasões. A conversar com a viçosa e ilustrada Helena corriam-lhe as melhores horas dos seus raros contentamentos. Animada pela familiaridade, a filha do helenista contou à condessa o segredo dos seus amores. A excelente senhora folgava de ver aquela flor abrindo a medo a urna dos seus perfumes. Excitava-a a referir as coisas, muitas vezes contadas, as quais se resumiam em inocentes colóquios da menina com o pálido Guilherme, simpático à condessa, por ser da estatura e idade de seu filho.

– Que fins são os vossos? – dizia a fidalga. – Não podem ser mais honestos do que são, creio eu. Mas Helena é pobre, e o seu Guilherme também.

Helena, pela primeira vez, pensou na pobreza, e custou-lhe a dar com a relação de uma coisa com a outra.

– Que tem que eu seja pobre?! – disse ela, com sincera e receosa curiosidade.

Tem, que seu pai não há-de querer que a menina case com um moço sem

emprego, nem meios para a sustentar. Diga ao Guilherme que cuide em ter posição, e depois será seu marido. Eu me empenharei a ver se consigo que o empreguem.

Helena, de assombrada que ficou pelo raio de luz nova, nem se lembrou de beijar as mãos à benévola senhora.

Tomou conta do recado; e, assim que teve ocasião, disse a Guilherme o que passara com a condessa.

Guilherme respondeu lhanamente:

– Eu já pensei nisso, Helena: cuido que teu pai, se eu lhe pedir que me deixe cá ficar a ajudá-lo nas lições, me aceitará.

– Pois então, pergunta-lho, Guilherme, para ficarmos descansados.

Quando chegou a hora da pergunta, o moço titubeou, e faleceu de ânimo para o acto, que ele, dois dias antes, julgara tão simples. É que desvelara uma noite, cismando nas vantagens de ser rico, e nos tropeços materiais que empeciam o coração. Ocorreram-lhe à memória nessa noite muitos versos latinos dos seus livros, acerca da inconveniência de ser pobre, versos que ele decorara sem lhes entender o conceito aplicável às situações da vida.

III

– Que te disse o pai? – perguntou a ansiosa Helena.

– Faltou-me o ânimo e a fala. Já por três vezes lhe disse que desejava ser seu filho, e fiquei nisto, à espera que ele me pedisse a explicação do meu embaraço. Teu pai sorriu-se; e, à terceira vez, disse-me: «Querias ser meu filho para me herdar o meu Horácio de 1629 e o meu Tucídides de 1731? És tolo, Guilherme! Melhor te fora ser filho daquele forçureiro, que ali mora defronte, que já tem um filho cónego, e prepara o outro para os conselhos da coroa! Tu não sabes ainda o que é ser pobre!...» Estas palavras acabaram de me desanimar. Parece-me que encerram a resposta de teu pai, se ele adivinhou o meu pensamento.

Helena viu embaciarem-se os olhos de Guilherme, e disse-lhe amavelmente:

– Não desanimes, que eu lhe falarei. Tem esperança, meu amigo. Eu vou ver se o pai já saiu da escrivania.

– Aqui estou, Helena – disse o professor entrando.

A filha e o discípulo empalideceram.

– Diz aí o que ias dizer-me, filha – tornou brandamente o helenista.

A face da menina passou do branco ao escarlate. Balbuciou alguns monossílabos, que o pai parecia escutar atento, com ar de quem se interessa muito na revelação de um segredo; mas Helena era ininteligível, ou de mais a entendia o velho.

– Se não falas, falarei por ti – disse ele. – Foste criada com Guilherme, estás afeita com ele, és sua amiga como irmã, e desejas ser sua esposa. Escolheste bem, filha; Guilherme é um rapaz inteligente, estudioso, e sisudo. Escolheste mal, filha: Guilherme é um rapaz pobre, sem ofício, e sem velhacaria para suprir a falta do ofício. Não te deixo casar, porque um pai não consente que sua filha seja desgraçada. Guilherme tem boas qualidades provadas; mas falta-lhe dar a prova do essencial; falta-lhe provar que é honrado. Um homem honrado não sacrifica aos desejos do coração o bem-estar de uma menina. Guilherme, antes de me pedir noiva, devia colocar-se de modo que eu não tivesse de perguntar-lhe se ele tem com que sustentar minha filha e os meus netos. Num moço honrado, o coração, antes de impor prazeres, impõe deveres. Tenho respondido. O meu discípulo sabe o que lhe convém fazer, se quer continuar a merecer a minha estima paternal.

IV

Foi a chorosa Helena desafogar nos braços da condessa de Prazins. A condoída senhora começou desde aquela hora a escrever cartas a todos os seus amigos, pedindo uma colocação para Guilherme da Costa. Respondiam alguns, perguntando-lhe que habilitações tinha o pretendente.

Informava a fidalga que o seu afilhado sabia as Línguas grega, latina, alemã, inglesa, francesa, e outras ciências dos estudos secundários.

Ao cabo de dois meses de solicitações, descobriu-se que a república não tinha algum lugar em que pudessem ser exercitadas as habilitações de Guilherme da Costa. Estavam todos os cargos públicos preenchidos por sujeitos idóneos que não tinham alguma daquelas habilitações.

Resolveu a condessa ir pessoalmente falar com o director da alfândega de Lisboa, cavalheiro muito atencioso, que ofereceu ao moço tão auspiciosamente apadrinhado um lugar de guarda-supra, com trezentos e sessenta réis diários. O pretendente informou-se do exercício do seu cargo, e soube que tinha de ajudar a carregar e descarregar os fardos nos armazéns da alfândega. Consultou suas débeis forças, e resignou, nas mãos da condessa, a nomeação, já de si muito pesado fardo de ignomínia.

Helena chorava, a fidalga raivava contra os seus conhecidos, e Guilherme caía de cama com febre, e com sincero desejo de morrer.

No entretanto, o professor, concluída a reforma do Calepino, andava por portas dos sócios da Academia Real das Ciências, solicitando a publicação do seu trabalho. Respondiam-lhe que o privilégio das publicações por conta da Academia era regalia dos escritores já académicos efectivos. Um destes, movido por sentimentos de humanidade, propôs sócio o abalizado poliglota, professor. Rejeitou-o a pluralidade dos votos, posto que, na mesma sessão, fora admitido um poeta, que tinha escrito duas poesias a um anjo, quatro à brisa da tarde, e uma ode natalícia, parecida com um dítirambo, à esposa do sócio proponente.

O professor adoeceu também de febres, e desejava também sinceramente morrer na labareda dos seus manuscritos.

Guilherme convalesceu, e foi velar a doença do pai de Helena. A todos acudia a condessa com bastantes recursos, posto que os houvesse de cercear às suas despesas. A viúva pleiteava com seus cunhados os bens herdados, com grande risco de os perder. A sociedade assim o pensava, e assim cabalmente se explica o malogrem-se-lhe as diligências no alcance de uma posição para Guilherme. O certo é que a condessa vivia sem fausto, e sem mais amigas que as menos ricas que ela, e sem mais amigos que os resignados a adorarem-na silenciosos e respeitadores. Eram pouquíssimos.

Recobrado o velho da fulminante doença, Guilherme falou assim na presença de Helena e do mestre:

– Vou procurar a minha vida noutra parte. Dizem-me que eu alcançarei uma posição lucrativa num colégio, no Rio de Janeiro, e que poderei, com alguns anos de trabalho, ser proprietário de um estabelecimento de educação. O meu pensamento é chamar ao Brasil o meu querido mestre, logo que a sua ida seja bem prosperada. Essa será a melhor vingança que pode tirar da pátria, mãe sem entranhas, sem regaço onde um ancião possa encostar a face, e morrer, depois de quarenta anos de professorado.

– Vai, meu filho – disse o velho soluçante –, vai, e chama-me, que eu te levarei a esposa.

Helena queria chorar. O pai, limpando as suas lágrimas, exclamou:

– Nem uma lágrima, filha!, se não é chorar de alegria o teu... de alegria, sim, porque, bendito seja o Altíssimo! Eis aqui três infelizes honrados! Três, é muito, meu

Deus!

V

Dias depois, Guilherme devia sair para o Brasil, num barco de vela. O amo de seu pai deu-lhe metade da passagem, e a condessa a outra metade, e o professor vendeu o seu Tucídides de 1731, e o seu Horácio de 1629 para comprar roupa branca ao aventureiro. O moço, quando soube a venda das preciosas edições, quis resgatá-las. Resgatá-las... com quê? Ofereceu o seu sangue. De que servia o sangue de Guilherme ao comprador dos dois livros raros? Ofereceu o duplo do dinheiro trocado por eles; ia-se já movendo o livreiro às lágrimas do mancebo, quando este cismava na traça com que negociaria quarenta mil réis para dar pelos livros.

Saiu alucinado, e procurou o capitão do navio. Contou-lhe a sua vida; e, chegando à passagem do resgate dos livros, o marinheiro desatou uma casquinada de riso alvar, exclamando:

– Deixe ficar com todos os diabos os livros, que eu não dava quatro patacas por eles.

Guilherme arrepelou-se, e o capitão atalhou a furiosa e muda resposta com esta branda pergunta:

– Que quer você que eu lhe faça? Diga lá. Quer que eu lhe dê quarenta mil réis para ir buscar os livros?

– Queria – respondeu Guilherme – que me levasse como criado, como marinheiro, de qualquer modo, a pagar-lhe eu lá, e que me restituísse o dinheiro da passagem.

– Isso não é comigo: é com o proprietário do navio. Vá-se lá ter com ele. Estou que o homem, se você lhe der fiador à passagem, lhe dará o dinheiro, que já lá tem.

Foi Guilherme, com poucas esperanças, contar ao proprietário da galera a sua vida.

Acertou de ser humano o capitalista. Admitiu-o sem fiança, e restituiu-lhe os quarenta mil réis recebidos.

Correu o moço a resgatar os livros, e levou-os para bordo com a sua bagagem.

Na manhã da partida, foram ao bota-fora o quebrantado professor e a filha. Os passageiros e a tripulação viram a um canto da câmara aquele grupo de um ancião entre duas existências em flor, mas em flor desbotada, pendidas, como boninas dos campos, ao lado do velho tronco, que o furacão arrancou desde as raízes. Viram aquele grupo, abafando em gemidos, e passaram como homens que viram muito chorar, e de muito domarem o oceano se disseram que as lágrimas eram indignas do homem.

Deram o último abraço, na escotilha. Já o professor estava no bote com a filha nos braços, quando Guilherme desceu ao beliche, mandando esperar o bote, e voltou com os dois livros in-fólio. Desceu a escadinha, entrou no bote, e depôs no regaço de Helena os dois livros, dizendo:

– Dá-os a teu pai, minha esposa: eram dois amigos dele que eu lhe roubava.

O velho, em tremuras, ergueu-se a custo, clamando:

– O Tucídides e o Horácio! Que é isto, Guilherme?

– Levava-os a pesarem-me no coração; assim vou mais leve, meu pai... Há-de ser-me doce o trabalho para resgatá-los.

Guilherme beijou a mão do mestre e de Helena, e fugiu com os olhos turvos, vendo a custo as escaleiras que subia.

VI

A quinta carta que o moço escreveu do Rio de Janeiro a Helena rezava assim:

«A minha enfermidade progride. Nem já a diminuição do trabalho me dá tréguas aos padecimentos. Deixei de leccionar, e consegui passar a melhores ares para a chácara de um meu discípulo; mas aqui mesmo as dores de peito são tais, que nem me deixam lugar a entreter o espírito na leitura. Só as tuas cartas me refrigeram; mas essas sei-as eu de cor, e as de teu bom pai também.

Fui mal sucedido nos meus planos, minha querida Helena. Foram sonhos de infeliz. Se Deus me desse saúde, não eram vãos os meus projectos; porém, assim, extenuado, e caminhando aceleradamente ao termo dos meus infortúnios, que hei-de eu fazer? Seria uma crueldade chamar-vos, para em breve vos deixar em terra estranha, onde só o trabalho é benquisto, e o desamparo uma situação sem igual na escala dos suplícios.

É já certo para mim que não te verei mais, Helena!... Dizem os médicos que os ares da pátria me restaurariam; pode ser que o ar que tu respiras me aviventasse; creio-o; mas de que me serve a vida? Que ia eu fazer aí nesta pobreza, desvalido, doente, sem forças, nem já vontade para trabalhar?

Desligada estás do teu juramento, Helena. Não olhes a minha imagem no teu futuro. Vê-me antes no Céu, que o hei merecido, com a dor paciente, e a funda crença que os nossos corações unidos recolheram do religioso coração de teu pai.

Se a Providência te der um apoio nesta vida, aceita-o, que eu te abençoo a resolução.

Creio que este desapego é já o pressentimento de que tudo se vai desfazendo entre nós, menos o imortal espírito que, daqui até ao Céu, te vê em todos os átomos do ar que vai matando, e em todas as estrelas que me estão sempre apregoando o escuro nada desta vida.

Teu pai precisa de amparo, Helena, e tu és digna de um homem a quem ele possa dignamente chamar «filho».

Não me esqueças, não; mas não te sacrifiques à minha memória, que eu já não sou senão uma lembrança...»

Helena, que lera em soluços a carta, chegando a este período, soltou um estridente grito e perdeu os sentidos.

VII

A condessa de Prazins ganhara as demandas, e enriquecera. No mesmo dia em que a última sentença foi lavrada, o velho e sua filha, a muito instados em sua mal rebuçada pobreza, deixaram a pobre casa em que viviam, e hospedaram-se no palácio da condessa. E no primeiro paquete Helena mandara a Guilherme uma carta da fidalga, chamando-o imediatamente a Portugal.

Ao mesmo tempo, Guilherme, prezado ao pai do discípulo, que lhe emprestara a chácara, saiu do Rio de Janeiro para além de São Paulo, cujo clima é mais sadio. O moço deixava-se ir indolentemente, sem contar os benefícios do ar; mas ainda assim, no dizer dele, secreto impulso o acoroçoava a seguir os ditames da protectora amizade do negociante. Á saída do Rio, deixou Guilherme cartas escritas para Portugal, nas quais dizia o seu destino.

Do Paraguai escreveu, confiando as cartas a um alemão que vinha a Lisboa; mas este alemão naufragara, e as cartas de Guilherme não acudiram às ânsias de Helena. As que tinham ido de Portugal, com o chamamento da condessa, perderam-se entre a capital do império e a remota província, para onde tinham sido descautelosamente

dirigidas. Deu-se, pois, que no espaço de cinco meses, os dois infelizes não trocaram palavra, se é que em espírito se não encontraram em algum oásis do seu imenso e solitário deserto.

Que angústias lá e cá! Para ambos havia uma quase certeza da morte do outro. O moço, ao sair do Rio, tinha escrito a Helena: – «Vou procurar a sepultura em melhor clima: lá para o Sul a vegetação é mais rica de flores, e o dormir eterno é acalentado pelas maviosas melodias das aves. Flores são um formoso pavilhão de sepultura: onde elas perfumam deve dar menos asco a putrefacção do cadáver.»

Era de razão que a pobre Helena o julgasse morto, cinco meses depois desta carta, cinco meses de sepulcral silêncio!

Ai!, a sofrer tanto aquela infeliz porque não morria? Que esperança lhe escorava a hastezinha da existência sem flor única, sem renovos de outra Primavera? Aqui é o ponto de crermos que da mão de Deus estava a triste, sempre orando, sempre esperando, quando ninguém esperava!

VIII

Acaso encontrara Guilherme em Mato Grosso um seu discípulo de latim, recentemente chegado de Lisboa. Pediu-

-lhe novas do mestre comum, e recebeu-as triste. O português disse que fora despedir-se, e encontrara outra família no prédio, e ninguém que lhe dissesse o destino do velho e da filha. Conjecturou Guilherme que o pai falecera e a filha iria abrigar a sua orfandade e pobreza na caridade da condessa de Prazins.

As melhoras foram tão rápidas como passageiras. Talvez que o moço vigorizasse, se um raio de alegria lhe aquecesse os pulmões congelados pela glacial desgraça. Oh!, que milagres opera o contentamento! Quantas vezes a imprevista mão de uma mulher sustém uma lousa, que já inclina ao peito de onde o coração saía em golfos de sangue! Um dever sagrado, a obrigação de viver para amparo de um filho, é tantas vezes o sustentáculo de uma vida desesperada! Afectos, ainda menos poderosos, bastam a dilatar o horizonte da vida aos desalentados caminheiros da sepultura. O arraiar de uma esperança, que os alvoroça, como ao fatigado viajero do deserto a moita das palmeiras; uma saudade do que foi, rompendo as trevas do futuro para lá nos acender luz igual à que julgávamos para sempre extinta!... Em quão pouco está a vida, e a morte!

IX

A condessa de Prazins tivera um amigo leal nos dias da dolorosa experiência. Era um jornalista. Os serviços, que ele pudera fazer à viúva assoberbada por litígios, eram apregoar os direitos da sua causa, na imprensa. Por amor da justiça da illustre dama fora ele despedido de alguns jornais, subornados pelos contendores. Já o escritor tirava a partido a faculdade de advogar no jornal, onde ia escrever, os direitos da condessa. A sociedade, sem reboço nem respeito, indigitava o escritor como esperançoso marido da viúva, se pior não era ainda o conceito.

O jornalista, Francisco de Alpoim, visitava muitas vezes a condessa, quando parentes e amigos a não visitavam nunca, e raro se via nos salões do festejado palácio, depois que os respeitos e amizades ali surgiram como por encanto. Não poucas vezes a opulenta Prazins apeava da carruagem à porta da modesta casa do jornalista, e sentava-se diante da banca do operário incansável, consultando-o sobre coisas de pouca monta com o fim de obrigá-lo a levar-lhe resposta.

Não constrangido, mas timorato, Francisco de Alpoim nunca bem se afez a passar

as noites na sala da condessa. Parece que hei-de recorrer ao absurdo para idoneamente explicar o constrangimento do literato. É verdade que os seus méritos de defensor ficam sendo ouro com liga; mas a verdade, em romances, é que eu quero no superior quilate. Alpoim amava a condessa, desde que a vira no escritório do advogado, onde o jornalista praticava. Fora, de mandado do patrono, consultá-la e examinar títulos, algumas vezes. Nestas diligências, o amor acrisolou-se em paixão e a paixão em profundo e silencioso respeito, cousa parecida com o terror religioso, nas almas nimiamente supersticiosas.

Lembrou-se ele por vezes, que a perda das demandas igualaria a fidalga a qualquer senhora talhada para esposa de um bacharel, escritor público. Este desejo, porém, volvia-se-lhe odioso, ao lembrar-se que vira chorar a condessa, com medo de perder as suas demandas, chorar de vergonha de ser pobre, chorar o perdimento de algumas formosas esperanças em que andava embevecida. E, por isso, nem na pobreza, nem na opulência lhe disse que a adorava.

De per si, a fidalga pasmava do desinteresse, senão orgulho, do literato, e cismava em premiá-lo melindrosamente da dedicação a que ela supunha dever o bom resultado, até certo ponto, dos seus pleitos.

Helena via com estima o escritor, este admirava-lhe a lindeza, ornada com as galas da melancolia.

A condessa, a sós com a menina, exaltava as qualidades de Francisco de Alpoim, e a sós com ele, dizia de Helena com maternal affecto o mais que poderia dizer-se de uma filha ou de um anjo.

Compreendeu-a Alpoim, e então se desenganou de que não era amado. Teve más noites de chorar a esvaída esperança de quatro anos; mas, aferrou-se à âncora da dignidade, e saiu outro, caldeado da forja do sofrimento. Os brios podem tudo que o coração não pode.

X

Quando a condessa sondou o coração de Helena, a respeito de Francisco de Alpoim, achou lá a imagem de Guilherme. Deixou-a chorar, incitou-a mesmo a redobradas lágrimas, lembrando-lhe a mesma renúncia do moço, provavelmente falecido, e deste ponto em diante obrigou-a a olhar para o futuro. E dizia-lhe: – Guilherme adivinhava a existência de Francisco de Alpoim, quando lhe escrevia: «Se a Providência te der um apoio nesta vida, aceita-o, que eu te abençoo a resolução». Eu creio que no seio de Francisco de Alpoim está o coração de Guilherme. Eram dois anjos que lhe deviam aparecer:

– aceite o segundo, filha, já que o primeiro lho levou Deus.

– Guilherme há-de tornar! – exclamava Helena, com fervente veemência de sua fé.

– Não tornará, Helena.

– Pois Vossa Excelência tem a certeza de que ele morreu?

– Não... mas não tenho uma só probabilidade de que ele viva.

Às razões da condessa cresceram as instâncias do velho, que estremecia as virtudes do moço, chorando sempre a perda do discípulo. Helena, criada na obediência filial, e no respeito à protectora de seu pai, cedeu silenciosa, contando com uma breve morte resgatar-se da violência, sem ter dado desgosto a alguém. Muitas damas me dirão que era fraca a moça... Ora, meta cada qual a mão em sua consciência, e mostre-me as maravilhas, que eu ainda não descobri neste barro, que tão lindas formas tem na leitora, e tão desgraçoso é, se a mais leve pancada o desmancha!

Caso estranho! O escritor à força de contemplar Helena, passou da simpática

condolência ao amor grave e cismador. Sabia a curta história de Helena, e invejava o coração que ainda palpitava por Guilherme. Já queria poder certificar-se de que a imagem de um homem morto lhe não disputava os sonhos da triste menina. Segredava à condessa os seus receios, e folgava de ouvir que o tempo faria o seu dever, deixando os mortos em eterna paz, e os vivos no livre gozo de suas venturas.

Era pobre Helena, como sabem; porém o bacharel não pensava nisso. O escritor apurava do seu trabalho uns cem mil réis cada mês, e imaginava-se mais que rico, porque se tinha em conta de feliz. A condessa, porém, não queria que a sua Helena fosse a paga única de grandes serviços. Pensou em dotá-la; mas temeu, com acerto, ferir o melindre de Alpoim. Inventou um bilhete de lotaria comprado em nome de Helena: e corrida a roda, inventou um prémio de dez contos, cuja veracidade ninguém averiguou. É certo que a filha do ex-professor de Línguas dotava-se com vinte mil cruzados.

XI

Estava marcado o dia do casamento, e Helena esperava ainda. Já Francisco de Alpoim se ocupava alegremente de mobilar casa, com todas as poéticas condições da vida doméstica. Pensava nas delícias do trabalho, com um anjo inspirador ao lado. Despedia-se com tédio das noites desbaratadas nos cafés, nos teatros e nos bailes. Mandava ajardinar o quintal, para que as flores, na Primavera, lhe festejassem a esposa, se a inveja as não despeitasse.

E Helena esperava ainda, e via com indiferença as cassas, e sedas, e galas do seu enxoval.

«Se fosse uma mortalha!...» – dizia ela entre si.

A condessa nunca levantava a voz em monólogos; porém aqui não há remédio senão obrigá-la a dizer-nos o que pensava, com a face ainda bela encostada à mão, e o cotovelo do gentil braço apoiado num parapeito de miradouro, olhando ao mar:

«No tempo em que Alpoim me obrigava com tantos sacrifícios, sacrificando-me até os seus interesses, pude imaginar-me amada por ele, e o meu orgulho sofreu com isso. Perdoei-lhe por ver quanto me ele respeitava, e quase cheguei a lisonjear-me de ser assim amada!... Foi um engano, como tantos que nós, orgulhosas e desatinadas, sabemos criar!... Ei-lo aí está feliz, se é que alguma vez se julgou infeliz na distância que nos separava!... Ainda bem que eu nunca lhe ouvi nem disse palavra, que hoje possa envergonhar-me, nem obrigá-lo a ele a explicações. Será certo que eu alguma vez o amei?...»

A condessa como que fugiu de si mesma para não responder a semelhante pergunta. Ainda bem, que, momentos depois, ao recordar-se da pergunta, respondeu-se assim: «Que disparate!»

Entendam lá as senhoras!

XII

Guilherme tocou o extremo de atonia moral em que já não há vontade própria.

O dedicado capitalista veio à Europa, e trouxe-o em sua companhia. Apenas transpuseram a linha do oceano, que para tantas compleições é baliza entre vida e morte, Guilherme recobrou alentos; e como ao enlevar-se no céu estrelado, reconhecia com júbilo o céu da Pátria, em as estrelas invocadas nos devaneios da sua infância pareceu-lhe que acordava, e se lembrava de ter vivido! Viu Helena, ouviu-a nos juramentos do último adeus! Minuto a minuto, recordou tudo que pouco e pouco lá vira queimar-se ao Sol ardente da América. «Se ela vivesse!» – exclamava ele. E logo ajuntava: «Viveria para

outro, que eu aqui vou pobre como vim! Nem as esperanças que foram comigo!»

Desembarcou Guilherme, em Lisboa, no ano 1856.

O pulso era regular, as faces revaçavam nas antigas cores, a ideia descongelava-se do torpor da alma, o anjo da esperança ondeava-lhe nos páramos de luz, que se abrilhantavam como nova aurora de poesia. Era a Pátria!..., O que esta palavra é, só os grandemente desgraçados o sabem!

Foi à Rua da Procissão, onde morava o mestre. Tinha o coração em ânsias, quando perguntava por ele. Deus louvado! Um antigo vizinho mandou-o procurar o velho e a filha a casa da condessa de Prazins, e – desgraça inexorável! – acrescentou:

«Ainda há dias aqui estive o bom do pai, contando-me que a filha vai casar com um doutor muito sábio, e leva vinte mil cruzados de dote, que lhe saíram na lotaria! Mereceu-o a Deus, que era uma alma pura aquela menina!»

Dali Guilherme foi procurar seu pai: tinha morrido. Foi procurar o benfeitor, que o trouxe à Pátria, e disse-lhe: «Não achei ninguém: não tenho Pátria... Leve-me outra vez consigo.»

XIII

E Helena esperava ainda. Era por uma tarde de Abril. O Tejo mostrava a serenidade de um lago. As serras de além toucavam-se de escarlate, com os clarões moribundos do Sol.

Helena descera, pelo braço do pai, ao Cais das Colunas. Dali vira ela partir, dois anos antes, a galera *Carlota*, que levava Guilherme. Ia despedir-se, despedir-se de uma sombra, que ainda de lá lhe acenava com um lenço, então molhado de lágrimas e agora de sangue!...

E, a despedir-se, esperava ainda!

Ao voltar do Tejo os olhos lagrimosos, viu, reparou, enxugou os olhos para ver, enxugou-os segunda vez, largou precipitadamente o braço do pai, e correu, correu... e o ancião a seguiu-la, e a clamar: «filha, minha filha!...»

Lá ao longe, ao lado da *Memória*, vinha Guilherme, a passo lento, só, com os olhos em terra.

Acaso os ergueu, e viu uma mulher correndo para ele. Parou, e ouviu o seu nome. Correu para Helena, e já tão perto, que o hálito ofegante aquecia a face de ambos, não pôde ampará-la nos braços, e ergueu-a da terra sem sentidos.

Daí a pouco, o ancião e a filha exânime, nos braços de Guilherme, entraram numa carruagem.

A população não queria deixar romper a carruagem sem saber a história. O escárnio da curiosidade! O máximo inferno das angústias!

XIV

No dia seguinte, a condessa apeou à porta do escritor, e disse-lhe: – Venha comigo.

Entraram numa sala do palácio, manso e manso, e avizinham-se de outra em que estavam Helena, Guilherme e o velho.

– Quem é aquele homem?! – perguntou o escritor, atordoado com a visão e com o ar misterioso daqueles passos.

– Escutemo-lo – disse a condessa.

E Guilherme dizia assim:

– Basta-me ver-te feliz, minha irmã... Desliguei-te da tua palavra; não permita

Deus que eu viesse tolher o teu futuro. A minha vida já por lá ficou, Helena. Creio que vim dar-te o final adeus, e mais nada. Teu pai reconhece as virtudes de teu marido: deve tê-las, porque te soube avaliar, minha irmã. Hei-de amar-vos a ambos, e provar-vo-lo enquanto viver...

– Oh!, que frieza, Guilherme! – exclamou Helena.

– Frieza, não, minha amiga... – atalhou ele limpando o suor da fronte. – Eu precisava de vida, que não tenho, para achar sabor à luta com a desgraça. Aqui há só o coração com uma pouca de virtude fácil. Estas renúncias ao pé da sepultura não custam nada... Eu hei-de ver o teu esposo, e falar-lhe do anjo que tu eras, e ele me dirá o anjo que tu hás-de ser.

– Nobre alma! – murmurou o escritor, e entrou de golpe na sala, e a condessa com ele.

Guilherme ergueu-se para cumprimentar a fidalga. Francisco de Alpoim adiantou-se a apertar-lhe a mão, e disse:

– O senhor me dirá o anjo que foi Helena, e o anjo que ela há-de ser. O irmão sou eu, e como irmão lhes dou uma casa para residirem. Lá estão as flores, Helena, que se abriram para festejar a sua verdadeira ventura. A sua felicidade comigo seria uma ficção, como tantas que o mundo pactua em chamar contentamentos.

A condessa abraçou Francisco de Alpoim, e, se não falou, isto ouviu ela que lhe dizia a alma:

– Quem pudera ser amada por ele!...

CONCLUSÃO

O leitor já sabe.

Estão casados Helena e Guilherme, poucos dias depois. Com a felicidade, vem a saúde, e com a saúde descerram-se novos horizontes de felicidade.

Um casamento está sabido; mas o outro?

O outro é de uma simplicidade que aflige o romancista mais imaginativo.

A condessa está, uma noite, tomando chá em uma banquinha de charão, e defronte dela está Francisco de Alpoim. A condessa ri da pequenez da banquetta, e diz:

– É uma mesa de amantes felizes!... Senancour escreve que alguns espíritos, para sentirem o gozo da soledade, carecem de um pequeno quarto, com uma pequeníssima mobília. Devia ter dito isto dos amantes, e não dos solitários. Parece-lhe?

– Sonhei essa felicidade – respondeu Alpoim.

– Quando?

– Quando sonhava, e chorava de alegria por aspirar a tão pouco.

– E não realizou o sonho!... porquê!...

– O anjo que eu chamava à minha soledade, destinava-se às deslumbrantes glórias da vida. Nunca me viu na minha obscuridade.

– E esqueceu depois essa mulher?... *mulher*, digo, para corrigir a palavra «anjo»...

– Não a esqueci: ergui entre nós a barreira da dignidade de ambos.

– E, se hoje a encontrasse, reconhecia-a?

– Sim, minha senhora: reconhecia-a, amiga como podem sê-lo os anjos.

– E quisera que ela fosse sua esposa? – redarguiu a condessa, estendendo-lhe a mão.

Francisco de Alpoim ergueu-se arbatadamente, e neste movimento a banquetta ia tombando.

A condessa abraçou-o; e, apontando para a mesa que caía, disse:

– Não me parece que estas banquinhos sejam muito boas para esposos felizes!...

.....
.....

A condessa de Prazins vive em dulcíssima intimidade com D. Helena da Costa. Os dois maridos, altos personagens na política, posto que adversários, e chefes de litigantes lojas maçónicas, são amigos inseparáveis!

Já é quererem-se muito!...

O TIO EGRESSO E O SOBRINHO BACHAREL

(CAPÍTULO DE UM ROMANCE MAÇADOR)

TIO: Que lê's tu, rapaz?

SOBRINHO: Coisa edificativa, posto que péssima tradução de romance. É *Os Amores de Paris*, por Féval. O capítulo VI trata do *Fandango*.

TIO (*algum tanto sobre o pávido*): *Fandango!*, que é isso?

SOBRINHO: Escute. (*Carmela estava meia deitada no canapé, e Western, sentado defronte numa cadeira, acabava de comer um biscoito molhado em vinho de Bordéus.*) Feios quadros estes... pintados! Isto indigna-o, e escandaliza-o, meu tio? Pois a vida é isto. Carmelas, biscoitos e vinho.

TIO: Estás corrupto.

SOBRINHO: A corrupção está no ar.

TIO: Cuidei que o ar deste século era um clarão.

SOBRINHO: É um clarão corrupto. Quer meu tio objurgar contra o progresso? A actualidade palpita mesmo debaixo da mão de ferro dos noitibós. Os preconceitos foram espalmados sob o rolo da imprensa. O velho edifício está a derruir-se. Choverá quarenta dias e quarenta noites óleo de mamona com que a humanidade ficará limpa. Salve-se numa arca, meu tio. De bichos, leve só galinhas, coma e durma; e, se tiver pomba, que mandar à descoberta do mundo velho, dou-lhe de conselho que a coma também.

TIO: És um mariola, homem! SOBRINHO (*distraído*):

Linda, linda se desliza,
como o velo, como a brisa,
que na flor se aromatiza,
aljofrada da manhã!
Tem os mimos da baunilha,
é estrelinha que rebrilha
é a mais dilecta filha
do fantástico Ossian!

TIO: Isso que é?

SOBRINHO: É poesia com nervo.

TIO: Poesia isso?

SOBRINHO: Pois então? Poesia será o Bernardes, o Ferreira, o Filinto?

Animalicidas! Não há flor da alma que eles não estragassem!

TIO: Essa asneira é maior de marca, doutor.

SOBRINHO: Os chatos! Nunca sentiram rebentar-lhe o peito em etnas de lirismo. O volátil e diáfano do intelecto saía-lhes grosso e pesado como um tamanco! Aqueles madrigais, e aquelas nossas avós esmadrigadas por eles!

TIO: Que dizes tu, farsante?

SOBRINHO: Quando viram eles a poesia?, esta maga que vive em palácios de missanga?, esta donosa que ora se carpe e destrança as madeixas de oiro, ora borboleteia a iriar as asas nos brilhos prismáticos da fantasia doida?

TIO: Doutor Polido!... E a gramática?

SOBRINHO: Qual gramática?

TIO: Pergunto eu se a gramática *borboleteia* também.

SOBRINHO: Não entendo.

TIO: Entendo eu. Fazes-me dó, rã inchada! Que sabes tu, e que sabe a tua geração? Donde vêm vocês? Onde está a novidade do livro?

SOBRINHO: Não fazemos livros novos como os do século passado, que estavam feitos havia mil anos.

TIO: Macacos de França! Trejeitais, careteis pelos moldes que de lá vos trazem os ventos pestíferos da impiedade. A quem roubavam os escritores do século passado?

SOBRINHO: Aos Latinos.

TIO: Como sabes tu isso, se não sabes latim?

SOBRINHO: Os velhos não têm outra injúria com que argumentar contra os novos: *não sabem latim!* E porque não hão-de saber latim os rapazes?! Que Ornar incendiou as bibliotecas por onde estudavam os moços de há cinquenta anos? Perdeu-se, porventura, a arte da língua latina?... A irracionalidade dos *fósseis!*... O último frade da congregação do Oratório levou consigo o último exemplar do «Novo Método»?... Não sabemos latim!... forte teima!... O que nós não sabemos é o que a fradaria escreveu em latim fradesco: isso é que a gente não lê. Lê-se o latim simples da versão bíblica, lê-se o latim grandioso da idade áurea de Roma.

TIO: *Da versão bíblica!*... Ora essa! Vocês sabem lá o que é a Bíblia!

SOBRINHO: Eu sei mesmo os relanços da Bíblia em que os velhos são severamente corrigidos pelos novos. Meu caro tio, a questão não é de latinidade, é de cabelos brancos. A decrepidez rói-se porque temos cabelos negros.

TIO: Necedade pueril!... Vamos à Bíblia... Dá-me conta dos anciãos corrigidos pelos rapazes.

SOBRINHO: Aí vou. Daniel, o profeta, contava doze anos de idade, quando repreendeu Sedécias e Acab, dois anciãos que espreitavam..., direi só *espreitavam*, Susana no banho. Isto é assim, meu tio?

TIO: Vamos adiante.

SOBRINHO: Deus disse a Jeremias, aos dezasseis anos de idade, que pregasse a moral aos velhos. *Puer ego sum*, disse Jeremias: «sou muito rapaz». Os anciãos no reino de Judá eram para mais de cinco mil, e o eleito para morigeração dos velhos foi o mancebo. Salomão tinha doze anos, quando julgou entre as duas mulheres, que se disputavam o filho. Sou eu que minto ou a Bíblia?...

TIO: A Bíblia tem variadas interpretações.

SOBRINHO: E a história? Valério Corvino foi cônsul aos vinte anos; Pompeu, aos dezanove, capitaneou três legiões. As câs o mais que indicam é velhice. *Cani indices aetatis, non prudentiae*: isto é de Cícero. Nós, os rapazes, lemos Cícero. Nada há aí mais torpe que um velho fazendo alarde de muitos anos como prova de sua muita vida. *Nihil turpius est quam grandis natu sen ex, qui nullum aliud habet argumentum quo see probet diu vixisse propter aetatem*. Isto é de Séneca. Nós, os rapazes, lemos Séneca. Era já balda de Caifás, dar vaias aos moços: *Vos nescitis quidquam*. «Não sabeis patavina.» O farisaísmo moderno, como não encontra Cristo que sentenciar, arvora cruz ao génio, e crucifica-o porque não sabe latim.

TIO: Fazes-me sono (*abre a boca, e benze-a*). Como é que vocês tão lidos, pelos modos, em bons exemplares, são tão imorais?

SOBRINHO: É porque o latim não moraliza... Vamos ao sério: em que está a nossa desmoralização? Quer-me falar do amor?, da sede do infinito?, desta sublime loucura da paixão de anjos que nos preluzem os páramos da glória, da luz infinda?

TIO: Não entendi. Isso é Séneca ou Cícero?

SOBRINHO: Isto sou eu.

TIO: Lá me quis parecer que eras tu, meu sobrinho. Que te *preluzem os páramos*?

SOBRINHO: Chacoteia Vossa Reverência?

TIO: Não, senhor doutor: consulto a esfinge. Com que então o amor...

SOBRINHO: O amor é a vida, Deus é a vida, e amor é Deus, e Deus é a mulher.

TIO: Cala-te, sacrílego!

SOBRINHO: Aí está!, aí vem a mordança! É por isso que conspiramos contra os

velhos, desmemoriados do que foram. Torquemadas do mais vital da alma, que é o amor, é por isso...

TIO: Sabes tu bem o que são mulheres? Diz-me aí tu, patarata, o que são mulheres?

SOBRINHO: E o tio sabe?

TIO: São animais bípedes.

SOBRINHO: A mulher é uma aurora sempre a apontar como prenúncio do dia eterno do Céu. Ouve-se no murmúrio do arroio, no gemer da harpa eólia, na consonância harmoniosa das esferas.

TIO: Na consonância consonante, queres dizer. O pleonasma vem a ponto. A mulher pode ser também pleonasma, assim como é arroio, e aurora a nascer sempre. Parecia-me melhor dizer-se que a mulher é a fêmea. A natureza aplaude esta definição. Penso, porém, que vocês, os poetas, não lhe chamam fêmea, por delicadeza consigo mesmos, receando que a mulher lhes chame machos! Pois são, são-no em duplicado. A mulher, a meu ver, é a que ministra ao Baltasar embriagado a taça, enquanto Ciro lhe derruba as oitenta portas de bronze da cidade. A mulher é Aspásia, que tira a coroa da cabeça a Ciro, e o esbofeteia...

SOBRINHO: Isso é contraproducente, meu tio. Com esse argumentar provo eu que a mulher com um fio dos seus cabelos loiros amarra um leão. Quem venceu primeiro Marco António? Foi Cleópatra ou César Octaviano?

TIO: E quem tirou a cabeça a Marco António?

SOBRINHO: A cabeça beijada por ela!... Oh!, valeu bem a pena perdê-la!

TIO: Por causa de Lucrecia acabaram os reis de Roma: e de Virgínia os decênviros.

SOBRINHO: Louvemos Tarquínio e Ápio Cláudio, quer?

TIO: Helena cavou a sepultura da juventude grega. Betsabeia infernou os dias de David. Judite degolou um general; por causa de Dina morre o príncipe de Siquém. Tamar mata Ámon num festim. Laodiceia matou Antíoco. Lucila envenena e mata o marido. Fredegunda mata Quilpérico. Aníbal, vencido das mulheres, degrada-se. Aqui está o ídolo a que se abate o génio soberbo destes heroizinhos de babeiro!

SOBRINHO: Eu pensei que essa caterva de assassinados não eram meus contemporâneos! Os tempos são melhores, meu tio. A mulher actual não mata.

TIO: Humilha.

SOBRINHO: Também não. Quem se humilhava era Hércules, que fiava na roca de Ônfale. Era Aquiles, que vestia saia para se acocorar entre mulheres. Era Sardanapalo que usava touca. Era Sansão, mestre de esgrimir queixada de burro. Era

Herodes, que, a pedido de Herodíade, decapitava o Baptista. Era Nino, que, por ordem de Semíramis, morreu a rir-se.

TIO: Também eu hei-de assim morrer, ouvindo-te muito tempo. O que tu descobriste de factos repreensíveis em seis mil anos, incluindo na tua erudição a mitologia! Nesses tempos, por cada delinquente, dava-te a sociedade mil justos. Que prometem vocês hoje? Mil parvos por cada homem sensato. A mulher, sempre a mulher! Ela nos salões, ela nos folhetins, ela no drama sempre brilhante de vícios, aplaudida no crime, e lastimada, se expia!... Pois quê! Não me dirás tu quem são umas desgraçadas que aí estão no mundo, e o mundo chama *perdidias* e repele de si, como infames? Quem são?

SOBRINHO: São mulheres.

TIO: São mulheres? Que é do trono que lhes dá a vossa geração e os vossos poetas? Quem as derribou de lá? A quem devem elas a sua perdição e ignomínia?

SOBRINHO: A sua má cabeça...

TIO: Cala-te aí, miserável! No teu culto à mulher não há vislumbre de sentimento: é tudo imaginação. Vocês para entoarem hinos a umas, escorcham com o pé o seio de outras. Sede vis, sede algozes; mas não sejais hipócritas, nem insulteis o passado, que tinha menos luz e mais coração.

.....

Santa Cruz do Doiro – 1849

TRAMÓIAS DESTA VIDA

CONTO MORAL ¹

I

Um tal Gastão de Mendonça, morgado de Pinhatel, requestou uma Balbina, natural de Esposende. Gastão era de linhagem tão antiga, que se apagava nas trevas da mitologia. Balbina era filha de uma viúva, que vivia de sua habilidade de fazer rede, e da sua indústria de taverneira, em dias santificados, e romarias circunvizinhas.

O morgado de Pinhatel era homem de quarenta anos, vicioso, dissipador e escalavrado pela libertinagem. Balbina tinha dezasseis anos, costumes irrepreensíveis, muita saúde e muita alegria. Parece que a natureza os desligava; mas o demónio, que é uma segunda natureza na condição tentadiça de cada qual, ligou-os! A gente pasma; a verdade, porém, é esta, que se baldeia de um poço de lama.

Uma noite, a filha única da mulher laboriosa fugiu de casa, e entrou no solar de Gastão. A mãe chorou até morrer, e poucas semanas chorou. Balbina, desde que vestiu luto por ela, sentiu trespassar-lhe carne e ossos e coração umas dores lancinantes as mil agulhas do remorso, que a não deixavam sossegar. A mãe sentava-se ao lado dela à mesa, seguia-lhe os passos à igreja deitava-se com ela, e, assim que o sono lha tirava das mãos pesava-lhe no peito em sonhos hórridos.

Nesta espécie de remorso há uma força que lhe desponta os espinhos: é o amor do homem a quem a filha sacrifica a honra ou a vida de seus pais.

Amor infando é esse; mas, por magia infernal que tem, é certo que prevalece ao remorso.

No entanto, Balbina, ainda que quisesse escudar-se do fantasma de sua mãe, com a audácia e despejo que dá a satisfação do crime, não podia, que, à hora em que a velha expirou, já não era amada.

Ora, depois de desamada, passou a aborrecida, porque chorava sempre; e, se há veneno que roa o último liame de coração enfastiado de um mau homem, são as lágrimas da mulher enfadonha.

Gastão de Mendonça pôs a mira a outro fito. Deixou-a a braços com o fantasma, e foi-se em demanda de realidades.

Andou por lá uns dois meses, ora no Porto, ora na Foz, amando em toda a parte, com aplauso de sua vaidade, inveja dos rapazes, e beneplácito de ilustres damas, menos mal comportadas, na impecável opinião pública.

Voltou a casa para vender umas propriedades, e tornar à Foz, onde perdera, jogando, o dinheiro de outras, que tinha vendido.

Quando chegou a casa, e não viu Balbina, perguntou por ela. Os criados disseram que se havia ido embora, um mês antes, a pé, mal enroupada, e sem dinheiro nem coisa que o valesse.

Mandou o morgado a Esposende averiguar se ela por lá estava, com a tenção de lhe dar algumas moedas para restabelecer a taverna. Bom homem!

Ninguém deu novas dela: todos a supunham em Pinhatel. De si para si, Gastão entendeu que a moça se havia atirado ao Cávado. Teve pena de Balbina, e um certo horror de si mesmo; todavia, como este horror o incomodasse, apressou a venda dos bens, e foi distrair-se.

¹ Pessoa fidedigna me contou a seguinte história, acontecida, há quinze anos, na vila de Esposende e em outras partes.

Aconteceu ver ele uma dama deslumbrante, de família genealógica, maior de vinte e oito anos, galhofeira, fascinadora, amestrada e esperta, à custa dos logros da poesia; prosa, enfim, mas belíssima prosa. Amou-a; foi acolhido, e logo repellido; daí a pouco amado, e outra vez aborrecido; um dia, requestado, e, no seguinte, desfeitoado. A resulta disto foi casarem-se, com escrituras cavilosamente vantajosas para a noiva, que já sabia com quem as havia de ter. Fez-se dotar com o máximo da casa de seu marido, estimuladas as condições de modo que, em caso de divórcio, ela se levantasse com o dote.

Eles aí vão como dois pombos arrulhando finezas por aqueles bosques do Minho.

Ao oitavo dia de delícias conjugais, D. Perpétua abre a sua boca engraçada, espreguiça-se, e diz:

– Estou farta de aldeia, Gastão! Vamos nós para o Porto? Está cantando o Montemerli, que é um assombro!

– Muito me custa não te fazer a vontade, minha adorada Perpétua; mas sinceramente te digo que de finanças está isto mal.

– Ora, finanças! Arranja, menino, arranja dinheiro. Se tu quiseses, vamos.

– Não sei onde hei-de ir bater, meu amor! Salvo se vender uma propriedade.

– Pois vende; lá por uma propriedade de menos também não ficamos pobres.

Vendeu-se a propriedade, e foram ouvir o Montemerli.

Ouvir o grande cantor era desejo inocente e louvavelmente artístico; porém, vender um pedaço da casa, em holocausto às

orelhas, foi desatino; mas, enfim, passe, que a arte e cultivo dos ouvidos é um despotismo perdoável. O que de todo o ponto se não perdoa é que a senhora D. Perpétua aplicasse uma orelha a Montemerli, e a outra a um sujeito que a visitava no camarote, na sala e nas casas que ela visitava.

Gastão desconfiou, e sentiu dentro da alma podre uns rebates da alvorada do dia expiatório. Procedeu avisadamente: calou-se, e foi com a sua senhora para Pinhatel.

Era no coração do Inverno. A aldeia fez-se pavorosa. A carranca do céu só podia igualar-se à carranca de D. Perpétua.

Rompeu a desordem. Gladiaram-se de língua até se retirarem de punhos cerrados cada um para seu quarto. Não se viram oito dias; e, para se verem, foi mister que o vigário interviesse na reconciliação com o Evangelho em punho, posto que para o caso sujeito tanto valesse o Evangelho como o Alcorão. E tanto isto é verdade que, quinze dias passados, assanharam-se de novo, e o padre voltou com o Evangelho, e saiu corrido do que ouviu a respeito da religião. É que D. Perpétua, no acume do seu ódio à aldeia, negava Deus; e Gastão, se já não fosse ateu, nem houvesse ateus, inventava-se ateu por ter havido um Deus que fez semelhante mulher!

Perdida religião e vergonha, bateram-se mutuamente às punhadas. Perpétua escreveu a seus irmãos. Os irmãos requereram o depósito judicial da mana, para acção de divórcio. Gastão opôs-se. As leis eram por ele; mas os juízes foram por ela. Sentenciada a separação, executou-se o estipulado na escritura dotal. O morgado, que de vínculo apenas tinha uma torre e uns montados, ficou reduzido a bens que valeriam vinte mil cruzados escassos.

D. Perpétua, senhora de propriedades excedentes ao triplo daquela quantia, recolheu-se à família, e deu-se a viver regaladamente, prestando não já um só, senão ambos os ouvidos àquele sujeito que outrora compartira da honraria de Montemerli.

A ponto estamos de aparecer em Esposende um forasteiro que não dizia donde era, nem o que fazia ali.

Chegou o homem um dia, e parou defronte da casa da mãe de Balbina. A nova inquilina, cuidando que o viandante procurava a antiga taverneira para aí jantar, disse-

lhe:

– Olhe que já não é venda aqui. A taverneira morreu há dois anos. Ainda que eu seja confiada, o senhor é brasileiro?

O sujeito resmungou uma resposta ininteligível, e perguntou:

– E a taverneira, que morreu, não deixou ninguém?

– Deixou uma filha, senhor; é a Balbina Rosa, que apareceu aqui há tempos, depois de lhe termos rezado por alma. Coitada!... castigo assim!

O suposto brasileiro sentou-se no banco de pedra da testada e escutou a história da fuga de Balbina e da morte da tia Serafina da tenda. A informadora, mais ou menos inventiva, rematou assim a notícia:

– Ninguém sabia de Balbina, nem já falava nela, quando um moço cá da terra, que é soldado, a topou na serra do Laboreiro a guardar cabras. Ela pegou a fugir assim que ele a chamou pelo nome; mas o moço já a não deixou sem ficar bem certo. Pelos modos, meu senhor, a rapariga parece desenterrada. Olhe vossemecê onde ela foi parar! Á serra do Laboreiro que é daqui oito léguas! A tia Serafina bebia os ventos por ela. A Balbina tinha as mãos tão mimosas que eram mesmo dedos de fidalga. Não trabalhava senão em coisas finas; até sabia fazer *crochete*. O senhor há-de saber o que é *crochete*?... Pois é verdade! Uma menina, assim criada, andar agora lá pelos montes a guardar cabras! Aperta-se-me o coração, quando penso nisto!... Tudo pr'amor daquele diabo do homem, Deus me perdoe, que, se é verdade o que se diz, não tardará que ele ande às esmolos! Ainda eu o veja a cair a pedaços, e tantas pragas o cubram como de lágrimas ele fez chorar à pobre velha, que era uma santa!... Então vossemecê, ainda que eu seja confiada, conhecia a tia Serafina?

O brasileiro, se era brasileiro, como vai conjecturar-se do capítulo seguinte, respondeu coisa mal percebida, e levantou-se, cortejando a sensível mulher, que estava enxugando as lágrimas.

Ela, porém, despeitada do laconismo do sujeito, ficou dizendo de si para si: – «Parece atolambado o homem! Vai-se assim embora, sem dizer isto nem aquilo!»

Dali a pouco, voltou o mal-encarado perguntador, e disse:

Faz-me o favor de me dizer como hei-de eu encontrar o soldado que encontrou Balbina?

– Eu sei lá, senhor! Só se a família dele souber onde pára o regimento.

– Indague-me o que puder saber – tornou o sujeito, lançando ao regaço da mulher alguns cruzados novos. – Aí tem pelo seu trabalho, e outro tanto lhe darei pelo seu segredo. Não diga que falou comigo nem as perguntas que lhe fiz.

Articulou a mulher umas palavras de assombro e alegria, e saiu a executar discretamente o encargo.

Deteve-se pouco, e voltou afirmando que o José Torto estava em Valença, na quarta companhia do regimento.

O generoso remunerador da notícia despediu-se, prometendo redobrar-lhe a paga do segredo.

A mulher, assim que o homem saiu, pôs as mãos diante de uma imagem do Senhor de Matosinhos, e disse: – «O meu Pai do Céu, fazei que eu não diga nada do que se passou!»

A sincera criatura entendia que, só ajudada por Deus, poderia calar-se! E fez-se o milagre!

Este homem, que assim se empenha em descobrir Balbina, quer o leitor saber quem é, donde vem, e que tem ele que ver com a pastora da serra do Laboreiro?

Chama-se este homem João Moreira, e vem do Brasil, para onde foi menino. É natural de Esposende, e irmão da defunta Serafina da Tenda, tio, portanto, de Balbina Rosa.

Havia saído da terra natal cinquenta anos antes. Escreveu aos pais alguns anos. Depois, morreram os pais, ele casou, trabalhou, enriqueceu para os filhos, e esqueceu-se da Pátria e da irmã, que deixara. Serafina julgava-o morto, e os seus patrícios esqueceram-no.

Quando estava rico e velho, morreu-lhe a mulher, e, no breve termo de um ano, seus três filhos. Lembrou-se então de Esposende e da irmã. Estava só, amargurado, contemplador melancólico de sua inútil riqueza.

Veio, então, para Portugal em busca de família, e envergonhado de, só à hora do desamparo, procurar sua irmã.

Sabem o mais. Parou defronte da casa onde nascera; e, como visse uma mulher representando quarenta anos, pensou consigo que não podia ser aquela. «Morreu, certamente!», disse João Moreira entre si, com dor, com um desapego mortal da vida, e arrependimento de se ter alongado dos ossos de seus filhos, que ao menos conhecia, para se avizinhar das cinzas deslembadas e desconhecidas de seus pais e irmã.

Nisto cismava o brasileiro, quando a inquilina, ou proprietária da casa paterna lhe disse que a taverneira tinha morrido.

Agora vamos em cata dele ao Alto Minho. Vai o leitor pasmar-se daquelas bem-aventuradas margens do Lima. Entra comigo em Viana, na louçã namorada do oceano, naquela esquiva formosa que vacila entre deixar-se amar das ondas, que lhe beijam os pés, ou dos arvoredos que lhe enramam a fronte. Agora, vamos neste barquinho rio acima até Ponte do Lima. Não se me fique arrobado neste ondear de esmeralda que a viração balança, que receio me deixe ir sozinho em procura do brasileiro. Aquilo são bosques, que escondem moitas arrelvadas, e meandros de fontes, e amores de aves, e amores de damas castelãs, que por ali se escondem mais conhecidas das estrelas que nossas, e mais conhecidas ainda dos faunos ilustrados do sítio que das estrelas.

Aqui estamos na velha Ponte. Iremos por terra a Valença, que é um ir sempre ao debaixo de abóbadas de verdura. Cá está a fortaleza, fazendo carrancas a Tuí, à decrépita Galiza, que o rio Minho separa de nós, como cordão de limpeza entre a orla do ridente Portugal e a testada dos nossos sujos vizinhos, sujos, como galegos que são. Sujos!, e ladrões lá na sua cafraria? Isso então é coisa para tamanho espanto que só não há-de espantar-se do que são lá, quem souber como eles são ladrões cá.

Aqui vamos na peugada de João Moreira, que procura o vinte e três da quarta companhia, José Torto de Esposende.

Declara José Torto que, indo a escoltar uns presos da vila dos Arcos para outro ponto, vira uma pastora no caminho, a tornar à manada uma cabra que se desgarrara, e cuidara ele ver Balbina; mas tendo ouvido dizer que ela se deitara ao rio Cávado, não acreditara os seus olhos. Ajuntou que se persuadira ser ela, vendo-a voltar o rosto, e apertar o pé a fugir por um outeirinho abaixo; e ele então a chamara pelo seu nome, e ela mais corria.

Acrescentou que deu quatro pinchos no declive da serra, e a pilhara, obrigando-a a confessar que era Balbina, e não tivera tempo de lhe ouvir mais nada, porque o cabo da escolta o chamara, ameaçando-o, por cuidar que ele perseguia a moça desaus-tinadamente.

Ouvida a narrativa, João Moreira procurou o comandante do regimento, conversou largamente com ele, e obteve que o vinte e três da quarta o acompanhasse à

serra do Laboreiro.

Chegaram ao romper da manhã do segundo dia de jornada aos montados de Entrime, e do píncaro mais levantado descortinaram em derredor os rebanhos que iam subindo das póvoas escondidas nas gargantas da serra. Foram à fala com o primeiro pastor, que avistaram, e descobriram que havia em Castro Laboreiro uma rapariga ao serviço de um lavrador, vinda de longe, e chamada Francisca. Os sinais desta Francisca exactamente condiziam com os de Balbina. Devia ser ela. Dali baixaram ao outeiro onde o soldado a topara, e, por felicidade de todos, ao dobrarem o cotovelo de um barrocal, entreviram, ao través da ramagem de uns carvalhos, a pastora, sentada à borda de um regato, que devia ser um braço da ribeira das Várzeas, a qual por ali se infiltra na aridez daqueles algares.

– E ela mesma! – disse o José Torto.

– Fique você aqui – ordenou o brasileiro.

João Moreira acercou-se de Balbina, que, ao vê-lo, se erguera surpreendida e timorata.

– Bons-dias, menina – disse o irmão de Serafina.

– Deus lhe dê os mesmos – balbuciou a pastora.

– Venho buscá-la.

– Buscar-me?! – exclamou apavorada a moça, relanceando os olhos como quem procurava socorro.

– Parece – tornou João Moreira – que a minha velhice é bastante para que a moça me não tema. Se quer quem lhe acuda, está ali o nosso patrício José Torto. Não o vê acolá?

Balbina reparou, e disse:

– O senhor é de Esposende?!

– Sou.

– Nunca o vi; ele sei que é; mas o senhor...

– Sou de Esposende, sou irmão de Serafina, sou tio de Balbina.

A rapariga deixou cair o fuso da mão, e abriu a boca, tingindo-se de um escarlate precursor da perda dos sentidos.

O brasileiro prosseguiu:

– É teu tio que te procura. Não tenhas pejo de mim, nem remorso da tua desgraça. Tua mãe já deve ter-te perdoado. Beija a mão de teu tio. Serafina algumas vezes te falaria do irmão ingrato ou morto. Veio à hora que a Providência divina ordenou. Venho buscar-te, Balbina. Daqui irei a teu amo; ele mandará novo pastor ao seu rebanho, e tu não voltarás a casa dele.

Balbina ouvia; mas, querendo falar, sentia a língua soldada ao céu da boca.

– Então, minha sobrinha, responde: quem é teu amo? –volveu o brasileiro.

A moça disse o nome do dono do rebanho, e permaneceu no espasmo.

– Ensina-me o caminho mais perto – instou o tio.

A pastora deu alguns passos até assomar ao alto de um teso, donde se avistava o lugarejo, e disse:

– Aqui por este fojo abaixo vai mais depressa.

– Diz adeus às tuas cabrinhas, que eu volto já, filha.

E, acenando ao guia, desceram à aldeia, guiando-se pelo trilho dos rebanhos.

Correu assim grande parte do diálogo entre o brasileiro e o lavrador:

– Há quanto tempo é sua criada a moça que vossemecê diz chamar-se Francisca?

– Há quatro anos e três meses.

– Tem sido boa serva?

– Como não há outra em todo o Laboreiro; mas eu não sei donde ela é.

– Nem eu lho pergunto, amigo. A sua criada deixou de o ser. Vai retirar-se comigo. Mande vossemecê tomar conta do seu gado.

– Pois ela vai?! E vossemecê quem é?

– Sou o legítimo dono daquela rapariga.

– Dono? E ela quer ir?!... É o que vamos saber. Isso lavra mais fino cá, meu amiguinho. Eu vou lá à serra, e irá comigo um dos meus filhos.

– Pois, sim, convenho: isso é prova de que vossemecê é um amo honrado, e zelador de suas servas.

– Pudera, não! Eu sei cá se vossemecê a leva furtada!...

– Se a levasse furtada, não vinha aqui dizer-lhe que a furto. Acha vossemecê que um velho destes anos anda pela serra do Laboreiro a furtar pastoras?

– Enfim, nós lá vamos, e tenha paciência. Isto cá lavra mais fino.

O lavrador pegou da foice encavada, o filho pôs ao ombro uma caçadeira, e saíram, caminho do outeiro, em que Balbina, àquela hora, estava orando.

Chegaram à beira dela.

– Francisca – disse o velho –, este homem diz que tu queres ir com ele. Queres ou não?

– Sim, senhor – respondeu a moça.

– É teu parente ou *adrente*?

– E meu tio.

– Tio! – exclamou o José Torto.

– Balbina! – disse João Moreira comovido. – Quis ouvir essas palavras do teu coração. Foi tua mãe que tas disse. Senhor lavrador, estão esclarecidas as dúvidas. Podemos ir?

– Ainda não – respondeu o lavrador –, vamos fazer contas. Eu tenho cá as soldadas todas desta rapariga.

– Aplique-as aos pobres da sua aldeia. Adeus, amigo! – disse o brasileiro. – Se nos não tornarmos a ver, até ao Dia do Juízo.

O filho do montanhês sentou-se, atravessou a espingarda sobre as pernas, e baixou a cabeça a chorar.

João Moreira reparou; o velho também, e disse:

– O rapaz chora porque lhe tinha amor de dentro. Queria casar com a moça; e, se não é marido dela, foi porque a moça não quis, saberá vossemecê.

– Era outro o seu destino – disse o brasileiro, e voltando-se à sobrinha perguntou:

– Amavas este moço, Balbina?

Balbina abaixou os olhos, e disse:

– Não, senhor: era amiga dele, porque me tratava bem.

– Era outro o seu destino... – repetiu o tio. – Vamos; que o Sol aperta... Acharei nalguma destas povoações quem me venda uma cavalgada?

– Eu não vendo; – disse o lavrador – mas aí está uma mula, sendo necessária. Vão vossemecês descendo até à estrada, que eu lha mando sair à bouça da tia Andresa. A rapariga sabe onde é.

– Obrigado, bom velho. Eu me farei lembrado pelo seu favor – concluiu o brasileiro.

E apartaram-se.

O ancião entregou a guarda do rebanho ao filho, dizendo-lhe:

– Não fiques agora aí a chorar, Bernardo! Um homem é um homem!

O moço empinou-se no viso de uma colina, e viu desaparecer a pastora.

Que alma de poeta sofreu já aí cruz de saudade tão dolorosa? Que lágrimas se secaram naquelas penedias brancas! O desventurado lançou-se por terra, e escondeu a

face nas urzes. As tuas lágrimas, ó traspasada alma, podia vê-las o Céu, que eram puras!

Eles lá vão.

Ninguém mais falará de ti, pobre solitário das montanhas!

Vai chorar à margem desses regatos! As flores silvestres te dirão que as lágrimas de Balbina as fizeram revirar em suas hastes ressequidas. Afaga esse cão que lhe lambia as mãos. Aí tens a rês que se aninhava no regaço dela. Longo tempo chorarás, amante cristão; e o suicídio nunca te há-de lembrar; a luz do facho civilizador nunca te mostrará o boqueirão da caverna onde se abismam os cobardes!

Ela lá vai!... Se alguma vez a vires, dirás contigo:

– Parecia-se com esta fidalga uma pastorinha que eu amei, e ainda agora amo, nas minhas serras do Laboreiro!

III

João Moreira comprou casa no Porto, e estabeleceu aqui sua residência. D. Balbina Rosa Moreira tinha criadas, que mal a conheciam, carruagem em que nunca saía, e ricos vestidos que nem sequer examinava.

O tio passava em conversação com ela o maior número das horas, bem que a história da sua desgraça quis ouvi-la uma só vez.

Tirá-la da solidão do seu quarto, fazê-la erguer mão da costura, levá-la a teatros e recreações é que nunca vingara. Balbina com a branda defesa das lágrimas, além de vencer, acareava a mais o amor do velho.

João Moreira, passado o primeiro mês de convivência com a sobrinha, saiu do Porto a Viana, e por lá se deteve alguns dias. Regressou a casa, e novamente digressou ao Minho.

Estas sortidas entendem com o nosso conto.

Planeou o velho uma traça de vingança incruenta sobre o descaroadado desonrador de sua sobrinha. Na urdidura da trama é que ele anda.

Informou-se, e soube que o morgado de Pinhatel está hipotecando as suas propriedades, restantes da doação, que a consorte divorciada judicialmente levantou. Vai propriamente João Moreira a casa do morgado e propõe-lhe a venda de seu casal por um quinto superior à louvação. Por outra parte, obrigando-se ao pagamento das dívidas, instiga os credores particulares e as irmandades a demandarem-no. Gastão de Mendonça, deliberado a sair da Pátria e ir longe acabar em obscura miséria, assina a total alienação dos bens e embolsa uns doze mil cruzados, pagas as dívidas pelo comprador.

Sabe João Moreira que Mendonça intenta sair de Portugal. Dolorosa contrariedade que lhe frustra o plano! Mal sabe ele que a Providência colabora também na vingança exemplar e justa!

Gastão vai para Lisboa, e João Moreira entrega a José Torto a feitorização do seu casal de Pinhatel, obtida a baixa. Balbina Rosa tudo ignora.

O chamado ainda morgado está em Lisboa pensando no destino mais conducente ao seu fim, que é morrer ignorado, e raciocina cabalmente que Lisboa é excelente sítio para morrer ignorado quem morre pobre. Resolve, pois, ficar, e consoladoramente planeia suicidar-se, exaurido o pecúlio. Doze mil cruzados abrem-lhe a porta a muitos prazeres bons para aturdir-se, bestificar-se e morrer insensivelmente. Calcula viver assim dois anos e deixar apenas a pistola com que abrir na cabeça uma brecha oportuna à alma, cuja existência lhe é, de fora parte, a mais inaceitável das existências.

Quando tem desbaratado alguns milhares de cruzados, principia a sentir um vago

desejo de ir com a vida além dos dois anos aprazados. A Santa Casa da Misericórdia convida-o a ganhar quarenta contos com uma sorte de vinte mil réis. Gastão corresponde ao imoral convite da Santa Casa, e compra não um, mas doze bilhetes. São doze probabilidades baratas que ele compra de enriquecer-se.

Espanta-se de lhe saírem brancos de uma assentada os doze bilhetes, e na próxima lotaria compra vinte e quatro. A fortuna é por ele desta feita, concedendo-lhe a graça de lhe premiar um dos vinte e quatro bilhetes com o mesmo dinheiro. Que zomb⁴ ria! Enfuria-se o jogador, e redobra as paradas. Ei-lo aí está antes de um ano a ponto de matar-se na suspirada obscuridade! Ali o está convidando a pistola e a miséria. Que faz ele? Vende o jogo das pistolas, vende o fato escusado, endivida-se com pessoas que o viam gastar a froixo e o consideram ainda abastado na sua terra. Afinal, descobre-se a indigência do morgado minhoto; cerram-no os credores e as injúrias; a fome sulca-lhe o rosto; e ele foge de Lisboa e vai ao Minho pedir as sopas de alguns parentes.

Os parentes lançam-no de si, como vilipêndio dos Mendonças, e Gastão é agasalhado na pobre casa dos seus antigos caseiros.

José Torto avisa disto João Moreira que então viaja em França e Inglaterra com sua sobrinha.

Saíra ele e, como à força, levava Balbina, por preceitos dos médicos, que a supunham gravemente enferma de tristeza e carecedora de acção.

Entre gozar os recreios do Porto e ir viajar, Balbina escolheu, bem que obrigada, o ir onde a não conhecessem, e acabar por lá; que, em verdade, a vida pesava-lhe; a lembrança de sua mãe ainda lhe atormentava os sonhos. Organização débil, ou falta de luzes!

Inesperadamente para Balbina, seu tio, ao receber em Londres cartas do feitor, apressa a partida, sem esclarecer a sobrinha.

Balbina fica no Porto, e Moreira vai a Pinhatel.

Ali vê Gastão, que se está aquecendo a uma réstia de Sol na eira de um lavrador. O infeliz veste um capote desbotado de baetão, calça uns sapatos fendidos e dessolados e ampara entro as mãos o rosto cadaveroso quase escondido nas barbas e cabelos brancos, intonsos e esquálidos.

Reconhece o brasileiro, levanta-se e diz:

– Já me não conhece, senhor Moreira...

– Conheço: é o senhor Gastão.

– Cheguei a esta desgraça: vivo de esmolas.

– Pois, quando tiver fome, vá lá ao feitor que lhe dê de comer.

– Bem haja.

– E um quarto onde dormir.

– Seja por alma de suas obrigações, senhor Moreira.

– Sua mulher, que é feito dela?

– Não sei, senhor.

– Já se vê que lhe não faz bem nenhum...

– Escrevi-lhe, nunca me respondeu. Disseram-me que estava quase tão desgraçada como eu. Os irmãos gastaram-lhe tudo. A doação, que eu lhe fiz, está vendida. Tudo vai como vem. Deus é para todos. Eu estou a penar os meus pecados: ela há-de penar os dela.

– Então, o senhor tem grandes pecados?

– Pois, se os não tivesse, eu chegava a isto?...

– Ainda bem que a consciência do crime lhe dá força para a expiação. Adeus. Já lhe disse: quando quiser, vá lá para casa. Terá que comer e uma cama.

João Moreira retirou a mão, que o mendigo lhe queria beijar, e voltou ao Porto.

Dias depois, disse à sobrinha que haviam de ir ao Minho ver uma quinta comprada para o passadio do Verão.

Saíram a horas calculadas por caminhos transversos para entrarem de noite em Pinhatel.

Balbina, reconhecendo o local, exclamou:

– Onde estamos nós, meu tio?!

– Na quinta que comprei.

– Oh!, meu Deus!, esta quinta...

– Bem sei o que queres dizer, minha sobrinha... Não te alvoroces... Estás em casa de teu tio. O antigo morador desta casa só por esmola poderá entrar nela.

E Balbina, com justo assombro do tio, rompeu em pranto desfeito.

João Moreira disse entre si: «É impossível que ela ainda tenha alma capaz de compaixão de tamanho infame!»

Gastão de Mendonça dormia num quarto ordinário da casa, junto das cavaliças, quando o brasileiro esmoler entrou.

Balbina, à vista da saleta onde fora o seu quarto, expediu um grito e desfaleceu. O tio confiou da criada o levar sua sobrinha à cama e passou uma cruelíssima noite. A presunção de que ela ainda o amava, horrorizava-o e embravecia-o.

«Que indigna mulher!», murmurava ele.

Ao romper da manhã, a criada chamou João Moreira e disse-lhe ansiadamente que a menina o esperava na sala.

Foi o velho onde a sobrinha o esperava de joelhos.

– Tire-me já daqui, meu tio, senão morro! – clamou ela, abraçando-lhe os joelhos.

– Morres?!... De quê?... De vergonha?... – disse ele um tanto severo.

– De vergonha e de remorsos!... – replicou ela, erguendo-se e refugindo para a sua alcova.

Horas depois, João Moreira chamou a sobrinha, e disse-lhe brandamente:

– Vamos embora à noite, filha.

Balbina osculou-lhe a fronte com expansiva alegria.

– Mas... – tornou ele – não estejas metida no teu quarto. Vem um pouquinho à janela que está sobre a eira.

Balbina foi.

Abriu o tio a janela e, estendendo o braço fora, disse-lhe:

– Olha, Balbina.

– Que é?! – disse ela, encarando em Gastão de Mendonça, que, sentado num banco de pedra, tomava o Sol.

– Ali tens o sedutor. Estás vingada! E aquele velho mendigo, que ceou e dormiu no quarto onde se deitava o seu lacaio. Ali tens Gastão de Mendonça!

Balbina levou ambas as mãos ao rosto, desabafou um como grito de quem o expede da garganta com a alma, e caiu no sobrado em todo o peso e desamparo.

Não cifrava nisto a intencional vingança de João Moreira. Aguentou-a a sensibilidade da sobrinha, e, porventura, a invisível mão do anjo da misericórdia. Desenhava o velho levar Balbina diante do indigente, apontar-lha como senhora daquela casa, e obrigá-lo a agradecer-lhe a ela a esmola do pão e da enxerga. Seria isto ótimo relanço de drama negro, *melodrama* chamado entre nós, onde se fala muito o grego. Dizem os adversários desta feição teatral que o melodrama está fora da verdade e da natureza: asserto falso. Pois aquele João Moreira, sujeito sobremodo iliterato, avisado inimigo da leitura, que era senão genuína e pura natureza? Se o melodrama fosse uma arte de paixões supositícias, o brasileiro não pensava tão de espaço e friamente um desenlace, que devia ser assaz espectacular.

Na noite daquele dia, Moreira e a sobrinha voltaram ao Porto; e, daí a breve tempo, recommençaram a viajar na Europa.

Balbina, apesar do velho, estava sempre recolhida em apática introversão, saindo raro de si para simular prazer com a satisfação do tio. O viajar era-lhe já pena de corpo e alma. A palidez macerada, com que descera do agro Laboreiro às moles delícias de um palacete, era ainda a mesma, se não agravada por maiores tristezas íntimas. Enquanto pastora, ignorava o casamento de Gastão de Mendonça. Que esperava ela de Gastão solteiro? Deus sabe o que esperava a cândida alma da pobrezinha.

Nós é que racional e glacialmente lhe diríamos: «Morre de dor, e desesperada de remédio, que o não há para ti, mulher perdida!» A Providência Divina não é assim: ampara, ilude, influi esperanças, instila ao coração chagado linimentos paliativos, e assim vai sustendo os infelizes, até que o tempo os transverta, ou a morte serenamente os acolha.

Disse-lhe o tio que o mau homem casara; e, para logo, lá muito no âmago do seu seio, quebrou o fio que o delir das lágrimas não rompera.

Depois, vê-lo assim, aquele que deveras amara, e, abandonada, esperara, nas rochas do monte; vê-lo assim roto, defecado, mendigo, aquecendo ao Sol as escamadas mãos, dormindo na tarimba dos seus lacaios, pagando tão duramente os vícios da idade e da abundância, desamparado da mulher que o roubou, de parentes que lhe fruíam os desperdícios, de amigos que se banquetevam em sua casa!... A penitente senhora condeou-se, perdoou-lhe; e, no sonhar febril daquela noite, afigurou-se-lhe que descia à eira, e tomava aos lábios a mão regélida daquele desgraçado, e lha aquecia com torrentes de lágrimas quentes ainda do fogo do coração!

E, por isso, a doença lhe anojava o andar de terra em terra, sem vontade, nem espírito para admirar, estranha a tudo que a rodeava, indiferente às decantadas magnificências do engenho humano e da majestosa natureza; sempre a suspirar pela quietação de um cubículo em algum ermo, onde, a orar e a trabalhar, se lhe fossem gastando os dias apagados de toda a alegria e fenecidos para sempre ao reverdejar de alguma flor.

Sondou-lhe o tio o ânimo, e, ao fim de seis meses, voltaram para Portugal.

Detiveram-se em Lisboa alguns dias.

No quarto do hotel, contíguo ao de Balbina, hospedava-se alguém que tocava piano a horas mortas, e as melodias eram pausadas e melancólicas como os hinos sagrados.

Um dia, o proprietário do hotel perguntou ao brasileiro ele queria comprar um rico piano inglês de uma senhora, si. hóspede, que se retirava.

João Moreira disse que não precisava, e Balbina indago se a hospede era a que tocava de noite.

À afirmativa resposta ajuntou o solicitador da venda d piano que a senhora, a seu ver, era infeliz; porquanto viera ter a sua casa, dois meses antes, em companhia do

marido, ou que tal diziam ser, e que depois o sujeito desaparecera, e ela ficar, sem dinheiro, vendendo algumas jóias de pouco valor; e agora para se ir para a província, se desfazia do piano.

– Onde é ela? – inquiriu distraidamente o brasileiro.

– Acho que é do Porto, ou desses sítios. Visto que Vossa Senhoria não quer, vou ver se algum armazém me fica com eh ao desbarato.

– Meu tio! – disse Balbina com maviosidade.

– Queres que eu compre o piano?...

– Queria... Se ela é assim infeliz...

– Pois bem: quanto quer ela?

– Vou saber – disse o estalajadeiro.

Volveu o homem, pedindo cinquenta libras, e afirmando que a vendedora perdia sessenta.

– Coitada! – murmurou Balbina.

– Venha Vossa Senhoria examiná-lo – continuou o agente.

– Vamos lá – disse o brasileiro –, vem tu também, Balbina. Tanto entendes tu como eu de pianos; mas vamos levar o dinheiro à mulher. Vá indo o senhor que lá vamos – acrescentou João Moreira, reflectindo.

E disse à sobrinha:

– O piano não nos serve de nada, menina. Se o coração te disser que a mulher é digna de lástima, oferece-lho, e deixa-lhe o piano, depois que eu der as cinquenta libras.

Balbina, de contente, bateu as palmas, e as últimas deu-as na face do velho, à mistura com um beijo.

Saíram ao corredor comum para onde abria o quarto da vendedora do piano. Pediu licença o brasileiro, e viu a senhora, que se erguera a recebê-lo. João Moreira fitou-a com estranho olhar, hesitou na entrada, e, como quem vai por violência, entrou.

D. Balbina cortejou a dama, sem reparar no semblante demudado do tio.

– Aqui está o piano que se vende – disse o hospedeiro, que ia direito ao âmago dos negócios.

– Já sei – respondeu o brasileiro –, pode o senhor sair que eu cá fico para contratar.

E, na ausência do dono da casa, João Moreira continuou:

– A senhora é do Porto, creio eu.

– Sou do Porto. Vossa Senhoria conhece-me?

– Penso que sim. E irmã dos senhores Leites Mascarenhas.

– Justamente. Eu também creio que já vi esta senhora no Porto...

– É possível. Ouvei dizer que Vossa Excelência viera com seu marido para Lisboa... Se bem me lembro, a senhora há cinco anos que se divorciou do seu marido. Congraçaram-se depois?

– Não senhor. Eu estou ainda separada de meu marido..

– Ah! sim? Onde está ele, sabe?

– Creio que está em sua casa. Conhece-o?

– Se é o que eu conheço, seu marido não tem casa nenhuma, minha senhora.

– É que a dissipou – respondeu a dama.

– Diz bem, minha senhora: dissipou-a. E Vossa Excelência que fim deu à dotação? Desculpe o atrevimento da pergunta.

– Gastaram-ma meus irmãos.

– E está pobre, portanto, como seu marido?

– Estou mais desgraçada que ele porque sou mulher.

– Está, pois, claro que a sua vinda a Lisboa...

– A minha vinda a Lisboa é o remate dos meus infortúnios... mas quer Vossa Senhoria comprar-me o piano, sim?... O resto são desgraças, que não interessam a ninguém.

– Não é tanto assim; minha sobrinha é compadecida, e poderá ser-lhe útil.

E, voltando-se para Balbina, disse-lhe:

– Queres acudir à desgraçada situação da esposa de Gastão de Mendonça? Aqui a tens!

Balbina levantou-se impetuosamente, e retrocedeu para o corredor, sem consciência do movimento que fazia.

D. Perpétua, despercebida do lance, olhava estupefacta o sorriso do brasileiro, e balbuciava monossílabos interrogatórios. João Moreira, com notável serenidade, contava cinquenta libras, que depôs sobre o teclado do piano, dizendo:

– Aquela menina dá o alimento e a cama a seu marido, minha senhora. Se ela é boa para o homem que a seduziu e abandonou, melhor deve ser para Vossa Excelência que nenhum mal lhe fez. Guarde as cinquenta libras e o piano.

João Moreira foi encontrar a sobrinha com a cabeça entre as travesseirinhas do leito para abafar os gritos. Achevou-a do peito com ternura, limpou-lhe o rosto lavado de lágrimas, e aquietou-lhe as ânsias com silenciosas carícias.

Daí a momentos, D. Perpétua entrou subitamente no quarto do brasileiro, e, com vivas mostras de aflição, exclamou:

– Eu não tenho culpa da sua desgraça, minha senhora. Enquanto vivi com meu marido, ignoro se ele amou alguém; e, quando casei com ele, não me constou que estivesse obrigado a alguma outra senhora. Soube que tivera em casa uma rapariga do povo, que se lançou ao rio; mas desse crime está tranquila a minha consciência. Muitas vezes lhe reprovei a acção indigna de abandonar a infeliz; porém, Gastão dizia-me que,

se a tal mulher se deixasse estar em casa, havia de casar com ela. A mais desgraçada fui eu porque vivo. Aquele homem tinha crimes, que estamos ambos pagando...

– Minha senhora – atalhou João Moreira –, essas explicações são escusadas. Minha sobrinha, a filha do povo, *a tal mulher*, não se queixa de Vossa Excelência. Vá em paz e seja mais feliz do que ela.

Obedecendo ao gesto de urbana despedida, D. Perpétua saiu, sem ter compreendido que era aquela a filha do povo, suspeita de suicídio nas águas do rio Cávado. Vacilou entre aceitar ou rejeitar a esmola; mas a necessidade é tão suasória conselheira de tolerância e docilidade que nem os evangelistas e santos doutores lhe ganham. Guardou o dinheiro e o piano, que noutra hora venderá para acudir ao intervalo crítico da passagem de um para outro galanteador, nem mais amante, nem mais duradouro, que o último (último cronologicamente falando) que a deixara no hotel, e se fora a Espanha na peugada de uma bailarina de castanhetas.

V

Vãs esperanças alimentara João Moreira! O contentamento da vida íntima não podia dar-lho a sobrinha. Se ela, quantas horas lhe dispensava o Senhor eram todas escuras e mortificadas!

– Eras mais feliz na serra a guardar as cabras de teu amo... – lhe dizia o tio consternado.

– Esperava morrer, ignorando tudo; era mais feliz... – respondia Balbina.

– Se tu repeles a felicidade! – replicava o velho. – Porque te deixas vencer da tua extraordinária tristeza?

– Que hei-de eu fazer, se Deus quer que eu sofra assim em castigo da minha culpa!

– Ora, filha, se todas as culpadas sofressem como tu, este mundo era um cárcere de condenadas e um mar de lágrimas! Queres tu viver, Balbina, e encontrar satisfação? Procura-a na estrada do esquecimento. Vem comigo aos teatros e aos bailes; recobra a tua saúde, que sem ela não há contentamento; e se o coração te pender a algum rapaz, diz-mo sem reboço, que eu te...

– Por compaixão, cale-se, meu tio! – exclamou Balbina. – Eu nem por sonhos cuidei ainda em tal desatino!

– Chamas tu desatino...

– Pois não sabe a minha vida, meu bom tio?

– Ora!... a tua vida que tem!? Não sabes nada do mundo, nem queres saber, moça!... Queres tu ir casar ao Rio de Janeiro? Ninguém lá sabe que tu vives.

– E meu tio sem ter pena de mim!... – balbuciou ela.

– Tenho pena, tenho, menina; mas queria que tu a tivesses de mim também. Pois não te dói o coração de ver um velho a pedir-te as alegrias da tua idade para enganar as tristezas da minha; e tu, em vez de me suavizares a solidão da alma, mais ma amarguras com esse teu continuado chorar... de modo que hei-de eu ainda ver-te morrer, como vi, um a um, em menos de um ano, irem-se-me à sepultura os meus três filhos... Que triste acabamento este, no meio de tanto oiro, que tanto me custou!... pois fiz eu mal a Deus em trabalhar sem tréguas, ganhando isto tudo, onde não há lágrimas de órfão nem de viúva, nem de escravo flagelado pela minha ambição!...

Balbina correu a abraçar o tio e clamou:

– Aqui estou, meu querido tio. Disponha de mim; eu farei tudo que possa dar-lhe satisfação.

O velho acariciou-a com tristeza, e disse soluçando:

– Que hás-de tu fazer, se não podes fazer nada!... O coração não te deixa... Infeliz!, tu amas ainda aquele teu algoz, que a Providência divina precipitou na miséria e no desprezo do mundo! Deus a vingar-te, e tu a reprovar a obra divina! Pois é isto acreditável?... Soluças e confirmas a minha desconfiança!... Tem pena de ti própria, moça, que esse teu amor é vergonhoso, e só, por grande castigo, Deus te empeçonhou a vida com ele!...

E Balbina, ouvindo estas e outras expressões cuja severidade ia além dos termos da justiça, arquejava em grande ansiedade, e, em verdade, se envergonhava de sua fraqueza, se não antes indignidade.

Condoeu-se dela o velho, e afastou-se, protestando entre si nunca mais levar o cautério à chaga insanável daquele fatal amor.

Há escritores acerbos, e praguentos importunos que nada escrevem, os quais não perdem vez de malsinar as santas do amor, as pobrezinhas, em que Deus anda repartido nestes lamaçais do mundo.

Quando o livro pejado de calúnias cai abaixo dos olhos da mulher amante e atormentada, com que falecer de alma erguerá ela aos lábios o cálix que a sociedade, pela imaginativa do escritor, lhe oferece!... Que admira se ela arranca e lança de si a sua coroa de espinhos, e diz: «Se te injuriam, mártir, melhor é que te insultem, devassa!» E, depois, pode ser que os insultadores do rosto, coberto de lágrimas, se vão ajoelhar às faces carminadas da droga e da orgia! Pode ser que ainda a pena de ferro que rasgava no coração da penitente se amolente e desentranhe em blandícias épicas à Lais despejada, que vai por essas praças fora sacudindo lama da carruagem, lama dos olhos, lama do coração, aos Petrónios, que ontem se davam uns longes de censores severos em arremedo de Tácito. E eles, enlameados, virão fazer-nos praça da sujidade que os

distingue! Oh!, que grandes miseráveis criou Deus em plena luz, à proporção das grandes virtudes, que gemem e agonizam obscuramente!

Recolhamo-nos ao assunto, que isto não é globo onde se pregue com ares de quem já pregou na Lua.

Correram dois anos, depois do juramento que João Moreira fizera de nunca jamais entender com Balbina em questão de amor.

Ela, por sua parte, à custa de muito dissimular, revestiu-se de um ar de graça, que por ser em muito artificial, disparava em jeito por demasia infantil.

O velho conhecia o esforço; mas assim mesmo o aceitava. Se ela não falava em teatros e passeios, ao menos, de portas a dentro, enquanto o tio estivesse em casa, era sempre a seu lado, ora afagando-o, ora incitando-o a falar de sua vida passada, de sua esposa e filhos, ou das criancices em Esposende.

No termo, pois, dos dois anos melhormente vividos, João Moreira, já de muito enfermigo, antevia avizinhar-se a morte, e fitou-a bem no rosto, como quem facilmente se despega dos pesados grilhões de ouro. Cuidou, desde logo, em dispor de seus haveres, que abastavam a muitos desígnios caritativos. Um terço deles legava a sua sobrinha, e outro à parentela pobre de Esposende, que o não julgava vivo, e o restante a estabelecimentos de caridade no império do Brasil, donde era sua mulher, e de cujos sogros, naturais da Baía, lhe adviera o máximo de seus cabedais.

Chamou ele a sobrinha ao leito para lhe dizer como dispusera dos seus bens.

– Aceito de joelhos a parte que me toca – disse ela –se meu tio me consentir que eu tome para mim o necessário e reparta o excedente pelos desgraçados.

– Sim, permito – disse o velho. – E que destino segues, depois da minha morte, Balbina?

– Entrarei num convento, se essa for a vontade de meu tio.

– Faz a tua vontade, filha; nem eu te posso, ainda que pense, indicar melhor caminho. Vai, vai, Balbina; e a minha alma será melhor servida das tuas orações.

Morreu João Moreira.

Vários sujeitos do Porto, estimáveis a todos os respeitos, quando souberam, com o seu olfacto de corvos inofensivos, que o brasileiro era cadáver, e deixara uma sobrinha muito rica, rodearam os testamenteiros, uns alegando que eram gentis-homens, outros mostrando que eram homens gentis, outros recenseando a «fortuna» que esperavam reunir depois da morte de quatro tias e sete tios decrépitos. Os testamenteiros respondiam que escassamente conheciam a sobrinha do defunto, e sabiam que ela ia recolher-se no mosteiro de Vila do Conde, Viana, ou Vairão. Estes galãs saíram atónitos da seráfica brutalidade da herdeira. E atribuíam a mania à influência dos fautores do *Imaculado Coração de Maria*, por não terem ainda os *Lazaristas* à sua disposição.

Encerrou-se Balbina Rosa num daqueles conventos, oito dia depois do enterro de seu tio, e dali fez suas disposições. Daremos relação de uma que tem directamente com a nossa história. E vem a ser que mandou ela chamar o feitor do casal de Pinhatel, com o qual conversou breve espaço, entregando-lhe um papel, que parecia ser traslado de escritura.

Em seguimento disto, José Torto voltou a Pinhatel, e apresentou-se a Gastão de Mendonça, dizendo:

– Como faleceu meu amo e eu não sei se o dono destes bens me quererá para feitor, venho despedir-me do senhor Gastão.

– Mais essa desgraça! – disse o comensal do feitor. –Enquanto vossemecê aqui estivesse, bem me iria; mas Deus sabe se o feitor que vier me deixará aqui estar!... Pode ser que a herdeira o não mande embora, senhor José.

– Não é já herdeira.

– Não? Pois não foi herdeira a sobrinha?
 – A sobrinha já passou o casal.
 – Já?! A quem?
 – Ao senhor morgado de Pinhatel.
 – A quem?!
 – A Vossa Senhoria.
 – Vossemecê está a caçoar comigo!? – redarguiu Gastão com o triste sorriso de quem se dói de ser metido a riso.

José Torto abriu a carteira e deu o papel ao novo amo.

Gastão leu as palavras usuais de uma escritura de doação, quanto lho permitia a tremura do papel nas mãos convulsivas.

Quando chegou ao nome da doadora, exclamou:

– Quê?! *Balbina Rosa?*...

– Sim, senhor – disse o feitor. – Balbina Rosa, a filha da Serafina da tenda, de Esposende, irmã do meu patrão, que Deus haja.

O traslado da escritura caiu-lhe das mãos, e as lágrimas rebentavam a quatro. Curvou-se ele para levantar o papel; mas, quer as forças lhe faltassem, quer um calefrio de religiosidade o assaltasse, Gastão pousou sobre os joelhos, e, inclinando ao chão o rosto, beijou o papel, que as mãos pareciam não poder segurar. Depois, recresceu o palor de suas faces descarnadas, não de fome, mas de agonia lenta, e, levantando as mãos ao Céu, exclamou:

– Perdoai-me, Senhor, para que ela me perdoe!

*

Gastão de Mendonça vive ainda na sua casa de Pinhatel. Conserva as barbas intonsas que lhe cobrem o peito, como a alva mortalha das alegrias lá dentro mortas. Consta que ele fora, quatro vezes em cada ano, à portaria do mosteiro de*** perguntar pela saúde da secular Balbina Rosa Moreira.

Não a viu nunca.

Em 1855 foi Gastão no começo do ano, consoante costumava, perguntar por Balbina, e disseram-lhe que estava com Deus.

Desde então, apenas se vê o morgado de Pinhatel, ouvindo de joelhos, em cada dia, uma missa por alma da filha de Serafina.

Enquanto a D. Perpétua, é voz pública que se envenenara e morrera, quando o espelho lhe disse: «Mata-te, que estás velha».

Lisboa, Julho de 1863

DOIS MURROS ÚTEIS

CONTO MORAL

As pessoas que falam são:

BONIFÁCIO JOSÉ ANDRAENS
D. LUÍSA ANDRAENS
VENCESLAU DE MENDANHA
JOAQUIM GONÇALVES PARADA

QUADRO I

No Porto – 1849

(Sala) D. LUÍSA e VENCESLAU

D. LUÍSA: Somos incombináveis. Vossa Senhoria está fora deste mundo. Concebe coisas extravagantes, umas angélicas, outras diabólicas. Quando se grimpá às nuvens, à procura do impossível, deixa um pé na Terra, a esmagar corações. É duro subir por tal escaleira!... A glória da poesia tem exigências medonhas!

VENCESLAU: Glória, não, coroa de espinhos e irrisão, minha senhora.

D. LUÍSA: Suportável coroa, que se faz amar, adorar e invejar!

VENCESLAU: Ninguém vê em que sangue têm a raiz as flores! O riso, este agitar estúpido dos beiços, é uma máscara.

D. LUÍSA: E as lágrimas?

VENCESLAU: São o licor de umas glândulas chamadas lacrimais. A dor, que se chora, gasta-se. Nenhuma paixão resiste, quando começa chorando. É uma regalia o desabafar em prantos. As crianças facilmente choram, e logo riem. Mas há criaturas ilacrimáveis. A dor nelas é fogo, e não água. Queima-lhes o coração e o cérebro.

D. LUÍSA: E é assim o senhor Mendanha!!... Custa a crer! Na manhã da vida, com tão esplêndida aurora, futuros a rasgarem-se tão lindos!... Desça à Terra... Viva!... Não o interessa nada deste mundo?

VENCESLAU: Já não estremo a rosa do cardo. Pigmeus e gigantes, diante de mim, estão na mesma profundidade do atoleiro...

D. LUÍSA: E o amor?

VENCESLAU: Perdeu-me!

D. LUÍSA: Traíram-no?

VENCESLAU: Não me compreenderam.

D. LUÍSA: Encontrou sempre mulheres boçais?

VENCESLAU: Nunca! A minha desgraça foi isso...

D. LUÍSA: Antes as queria estúpidas?!... Que esquisito!...

VENCESLAU: Que infeliz, minha senhora!... Eu amei em silêncio...

D. LUÍSA: E queixa-se! Até querem que as pobres mulheres entendam o silêncio!...

VENCESLAU: E pode sorrir, D. Luísa?!... Não sabe que eu amei até enlouquecer! Sete meses vivi sem consciência da vida... E, ao sair deste letargo, vi minha família consternada... E, quando, pela primeira vez, desci à rua, encontrei com seu marido a mulher que me endoidecera... Eis-me aqui sem alma. Vi ontem morrer um operário, rodeado de filhos sem mãe. Choravam sete vozes inocentes: não me compadeceram! Hoje, dei esmola a um homem, caído de uma alta posição; ouvi-lhe glacialmente a história das vergonhas que tragara até à derradeira da mendiguez; pois declaro a Vossa Excelência que ouviria com a mesma insensibilidade a história da brilhante subida donde o despenharam.

D. LUÍSA: Essa apatia é temporária. A alma tem suas borrascas, invernos e gelos. Vossa Senhoria há-de amar ainda muito, muito. São muitas as primaveras do coração. Espere que, mesmo contra sua vontade, tem de amar...

VENCESLAU (*sinistro*): A corda da estrangulação...

D. LUÍSA: Que pavor de linguagem!...

VENCESLAU: As pessoas que amam, e são amadas, apavoram-se da minha linguagem!... Cuidam que a dor é um absurdo, e o Inferno um devaneio ardente da poesia.

D. LUÍSA: Eu nunca fui amada, senhor Mendanha. A alusão, infelizmente, não me toca.

VENCESLAU: Pois seu marido...

D. LUÍSA: Meu marido acha-me uma interessante escrava. A minha satisfação é uma violência. O orgulho é que me faz rir. Olho para estas sedas como a odalisca para as suas cabaías estreladas de ouro. Sei que o amor é grande, o amor do coração humano; mas, sem o romance e a poesia, nunca poderia calcular-lhe a sublimidade. A julgar por mim e pelas minhas sensações o amor seria o rótulo impostor do mais grosseiro materialismo. Estou aqui por obediência e talvez por ambição. Enganaram-me, e, para me enganarem, brutificaram-me primeiro com a promessa de faustos e delícias brutas. Aceitei o jugo, e resignei-me. O amor maternal é a compensação. Outra corda não soa

em minha alma, nem outra luzinha se abre na minha escuridade. Eu sorrio-lhe, e minha filha acaricia-me. Mas... assim mesmo... que vazio na minha vida..., que dura precisão de o encher de lágrimas!...

VENCESLAU: Não me sensibiliza, minha senhora. É essa uma invejável vida vegetal! Se é!... Deixe-se viver assim, D. Luísa. Não queira saber o que é esse fruto de Pentápolis, chamado amor: dentro é cinzas, e fora um encanto de olhos.

QUADRO II

Os ditos e BONIFÁCIO JOSÉ ANDRAENS

D. LUÍSA (*em sobressalto*): Meu marido!... (*Serenissimamente*) Ainda bem que ele veio!... Eu ia descaindo numa sensabona!

ANDRAENS: Criado do senhor Mendanha!... Que sabe o senhor do ministério?

VENCESLAU: Nada.

ANDRAENS: Que faz o senhor ao seu tempo?! Vossa Senhoria é que podia ler os jornais de fio a pavio, que não tem que fazer.

VENCESLAU: Que me importa a mim governos e jornais?

ANDRAENS: E a baixa das notas também lhe não importa?

VENCESLAU: Não, senhor; eu ando a vender o meu património, e recebo o preço em moeda sonante.

ANDRAENS: Isso é não ter amor da Pátria.

VENCESLAU: Há-de ser isso, senhor Andraens... Amei a minha aldeia; mas, à medida que fui vendendo os bens que lá tive, e vendo os que me restam, senti e sinto que o amor da aldeia é o amor aos bens.

ANDRAENS: Faz mal em vender.

VENCESLAU: Isso também é verdade; faria melhor em comprar.

ANDRAENS: Gaste menos, e empregue-se. Lembre-se da velhice.

VENCESLAU: Na velhice me lembrarei da mocidade; lembrar o futuro é desvario. Eu sei o tempo que hei-de viver.

ANDRAENS: Ora essa!...

VENCESLAU: «A vida é um contrato cuja condição é a morte», disse o cristianíssimo Chateaubriand.

D. LUÍSA: A ideia do suicídio!...

VENCESLAU: Teorias que não assustam nem matam.

(D. Luísa ergue-se triste, e sai.)

ANDRAENS: O conde de Tomar arranjará o empréstimo?

VENCESLAU: Arranjará.

ANDRAENS: E se não arranjar?

VENCESLAU: Não arranja.

ANDRAENS: E cai... pudera não!

VENCESLAU: É bem de ver.

ANDRAENS: Que me diz aos roubos das alfândegas?

VENCESLAU: São roubos das alfândegas.

ANDRAENS: Isto é um país que está a acabar!

VENCESLAU: Parece-me que sim.

ANDRAENS: E o meu dinheiro?

(D. Luísa, e o escudeiro com o chá)

D. LUÍSA: O eterno tema da política!... Sempre a política!... Apre!

ANDRAENS: Vamos agora falar em vestidos, menina!... As mulheres são tolas!...

(D. Luísa corou.)

VENCESLAU: A reflexão de sua senhora foi inocente.

ANDRAENS: Cada coisa em seu lugar. Não te metas onde não és chamado, diz o rifão.

(Treme a chávena na mão de Luísa. O senhor Andraens come fatias, e diz ao escudeiro que lhe tire as botas.)

D. LUÍSA *(erguendo-se, mais furiosa que o necessário)*: Senhor Mendanha! Este indecente espectáculo é necessário ao bem-estar de meu marido!

(Sai. – Andraens cuida que a esposa denomina «espectáculo indecente» a extracção dos botins.)

ANDRAENS: Ela que rosnou?

VENCESLAU: Nada ofensivo.

ANDRAENS: Tem demónio ela!... A literatura derranca-ma! Faça-me o favor de lhe não trazer mais novelas, amigo e senhor Mendanha... O senhor sabe o que são mulheres...

VENCESLAU: E também sei o que são homens. Há mulheres santas, e homens santos.

ANDRAENS: Eu sou um, aqui onde me vê!

VENCESLAU: O senhor é injusto, e desculpe-me, se o não acho santo.

ANDRAENS: Então o senhor acha bonito que minha mulher se intrometa com dichotes em questões sérias?

VENCESLAU: Um bom marido não obriga sua mulher a corar diante de estranhos. Consinta-me a sua bondade esta reflexão.

(Andraens conta notas, que tira de uma carteira. Faz aritmética a lápis, e resmunga. Mendanha tosqueneja, riça o bigode, levanta-se e despede-se. Andraens manda trancar as portas, e vai à cozinha saber se compraram pescada para a ceia. D. Luísa está a chorar às escuras.)

QUADRO III

Quarto de VENCESLAU MENDANHA num hotel – MENDANHA bebe conhaque e escreve:

«Página de um livro.»

«Sou um mistério!

As lágrimas daquela mulher são a voz de Jesus Nazareno ao Lázaro!

Via-a chorar!... Oh!... avezinha sem franças de árvore!... Voa, voa, por esses céus além, e poisa em minha alma, que te segue!

Ó Luísa, Luísa, como eu te amo!

Es a pomba da minha arca! Já vejo terra! Já as águas tempestuosas se abaixam!

Eu não tinha amado nunca, nunca!...

Cuidei que o escuro do meu abismo era a cor do mundo! Não! O mundo é belo! A alma banha-se em ondas de luz!

Et caetera.»

(Entra Joaquim Gonçalves Parada.)

PARADA: Aqui estou. Bebamos!, e *confidenciamo-nos*. Vens de casa do Andraens?

VENCESLAU: Venho.

PARADA: Sempre de granito...

VENCESLAU: Quem, ele?

PARADA: Tu; tu de granito sempre aos olhos dissolventes dela!...

VENCESLAU: Não me fales nela.

PARADA: Amarás tu Luísa?

VENCESLAU: Não sei.

PARADA: Que ela o não soubesse, acontece isso com muitas; mas tu!... é original a ignorância!

VENCESLAU: Penso muito nela.

PARADA: Então amas.

VENCESLAU: E não volto lá. Temo-a!

PARADA: Eu a temer alguém era o marido, que tem um pulso de elefante!

QUADRO IV

BONIFÁCIO JOSÉ ANDRAENS e D. LUÍSA

ANDRAENS: Menina!, é preciso economias. O estado ameaça bancarrota. Leia *O Estandarte*, e verá. Os meus capitais estão comprometidos seriamente. Trago duzentos contos nas mãos do governo.

D. LUÍSA: Então que queres?

ANDRAENS: Fala-me com bom modo, menina! Quero economias. Comer e beber bem; vestir o necessário; teatro uma vez cada mês; bailes acabaram-se; carruagem acabou-se: é o que eu quero.

D. LUÍSA: Pois cumpra-se.

ANDRAENS: Tu estás a chorar?

D. LUÍSA: Deixe-me chorar, senhor!

ANDRAENS: E pr'amor do trem e do camarote.

D. LUÍSA: Deixe-me!

ANDRAENS: Pois fica-te. Não podes com a felicidade, mulher!... Ora anda lá, que o caldo entorna-se!... Os romances, as literaturas...

D. LUÍSA: Fale baixo... que nos ouvem os criados.

ANDRAENS: Em minha casa berro à minha vontade.

D. LUÍSA: Menos expondo-me à irrisão dos seus criados, ouviu? Distinga entre as nossas educações, senhor Bonifácio!

ANDRAENS: *Cáspite!*... Temos a princesa Magalona!

D. LUÍSA: Escarneça, mas ouça! Se o senhor descobrir ao mundo as nossas desavenças, eu ponho um pé sobre os preconceitos, e não me importarei que me vejam uma nódoa na fronte.

ANDRAENS: Não entendi.

D. LUÍSA: Bem sei...

ANDRAENS: Duas palavras ao ouvido, menina. Chega cá a orelha... *Eu não sou para graças.* Olha que os criados agora não ouviram...

QUADRO V

BONIFACIO JOSÉ ANDRAENS, D. LUÍSA,
VENCESLAU e JOAQUIM GONÇALVES PARADA

VENCESLAU: Apresento o senhor Parada.

ANDRAENS: Muito gosto em conhecer.

D. LUÍSA: Os amigos de Vossa Senhoria, senhor Mendanha, são todos dignos da nossa estima.

PARADA: Minha senhora, folgo imenso de...

ANDRAENS: Viram o artigo d'*O Estandarte*?

VENCESLAU: Sobre?

ANDRAENS: Não viu; e o senhor Parada?

PARADA: Só leio *A Nação*.

ANDRAENS: É realista o senhor?

PARADA: Ufano-me.

ANDRAENS: Sebastianista, no caso! Ainda os há!...

(*D. Luísa envergonha-se do marido.*)

PARADA (*à parte*): Com efeito!... nesta casa usa-se uma franqueza patriarcal!

ANDRAENS: Com que então realista! É boa asneira!

D. LUÍSA: Bonifácio!

ANDRAENS: Estarás tu realista, menina?

PARADA: Deve sê-lo. As senhoras, como rainhas absolutas devem simpatizar com a realeza.

D. LUÍSA: Não sei retribuir o primor da lisonja.

PARADA: Quem diz a verdade, dá-se por bem pago de a ter dito.

ANDRAENS: O conde de Tomar cai!

VENCESLAU: É possível. Deixá-lo cair.

D. LUÍSA: Divertiu-se muito no seu passeio à província, senhor Mendanha?

(*Andraens faz má cara.*)

VENCESLAU: Enojei-me muito, minha senhora. A poesia das montanhas é como as flores de lá: dura momentos. As estalagens são covas de insectos desde a carocha até à lagarta. As pastoras andam muito sujas; e as estradas são lamaçais.

D. LUÍSA: E o senhor Parada é também refractário à poesia campestre?

PARADA: Eu não faço versos, minha senhora. Quando vou às aldeias é dormir. Dormir é realizar as inocentes delícias da Arcádia. Viver estranho ao mundo é realizar o verso do rato de La Fontaine: *Les choses d'ici-bas ne me regardent plus.*

D. LUÍSA: E é feliz?

PARADA: Como os ratos, enquanto os gatos os deixam. Creio que sou feliz.

D. LUÍSA: *L'homme Je plus heureux est celui qui croit l'être*, diz Fénelon.

ANDRAENS: Falem linguagem cristã.

PARADA: Creio em Vossa Excelência ainda mais que em Fénelon. Eu, quando não durmo, estou a rir-me.

D. LUÍSA: Ri-se agora, ou dorme?

PARADA (*embaraçado*): Agora... não me conheço!

D. LUÍSA (*a Mendanha*): O seu amigo é temível!

VENCESLAU:

*Les esprits dont on nous fait peur
Sont les meilleurs gens du monde.*

ANDRAENS (*boquejando*): Que me dizem das pautas de Espanha?

PARADA: Que são pautas de Espanha?

ANDRAENS: Que pergunta! Os senhores onde vivem?

D. LUÍSA: Podem viver, sem saber o que são pautas de Espanha.

ANDRAENS: Então que deve saber um homem?

D. LUÍSA: Primeiro que tudo um compêndio de civilidade.

PARADA (*à parte*): Toma!

ANDRAENS: Está cada vez mais atolambada esta minha literata! Tu não te calarás, mulher!... Não tens emenda!...

(Estupefacção gera)

ANDRAENS: Jogam a sueca?

PARADA: Eu mal; mas com um parceiro tolerante...

(Abancam, e jogam. Mendanha está emparceirado com D. Luísa. Andraens desconfia que eles se fazem sinais ca vilosos com referência ao jogo, e protesta. À meia-noite, saem os hóspedes.)

DOIS MONÓLOGOS

MENDANHA (*no passeio das Virtudes, à uma hora da manhã*): Ó Luísa!, bem te vejo pálida e lacrimosa naquela estrela!... As lágrimas de teus olhos são doces como a linfa da fonte de Siloé!

PARADA (*à mesma hora, no passeio das Fontainhas*): Abre-te, meu coração! Luísa é o bálsamo das tuas feridas!... Ai!, tu dirás, ó Lua, se mais fino amante, se Petrarca ou Dante alguma noite te contaram mais maviosos segredos!... Como eu te amo, Luísa!

COISA QUE NÃO É QUADRO; MAS PODE SER PAINEL

Carta de D. Luísa Andraens a Vasconcelos Mendanha

«Não pedi ao céu coragem para escrever-lhe. É abusar da Providência, é injuriá-la pedir-lhe auxílio em lances destes. A religião não consolou Heloísa. É a desgraça que me dá valor. É a desgraça que me absolve. De algum bem me havia de servir ela!

Tenho febre. Vejo-me indigna, abomino-me, e todavia prezo agora mais que nunca a minha vida. Ai!, eu compreendo-me!... Sonhei o amor!

Que venho eu pedir-lhe, Venceslau? A compaixão do amigo. Nem isso já pode dar-me?... E uma lágrima que eu venho pedir-lhe. Não me escarneça.

Oh!, com que perdição o amo! Digo-lho por estes lábios impuros; digo-lhe com o coração virgem; digo-lho com a santa candura dos quinze anos! Peça-lhe vida, peça-lhe amor que me faça esquecer esta vergonha.»

Carta de Joaquim Gonçalves Parada a D. Luísa Andraens

«Era ontem por noite alta.

A Lua baloiçava-me em coxins de azul;

E o Douro soluçava no seu cinto de fragas;

E a natureza, filha do Senhor, ouvia em silencioso pasmo o eco sonoro do eterno *fiat!*

E eu, alma irrequieta como uma das luzentes sombras, que regiram nos limbos do Dante, buscava-te, ó Beatriz, ó visão puríssima, ó mago Santelmo de perdido náufrago;

Luísa! Luísa!, sobre qual abismo me impende a tua mão! Rainha de imortal esplendor, huri, ave do Paraíso, lâmpada do santuário das regiões divinas!, como eu te dobro este joelho nunca dobrado às filhas dos homens!

Tu és a mirra e o cardamomo das aras do Senhor!

És a abelha das colmeias do Céu!

És o soído da harpa eólia!

És o aroma das flores místicas!

És a veneziana em sua gôndola!

És a visão de Maomé, quando inventou o Céu!

E eu amo-te... Oh! como eu te amo, Luísa!... Se queres saber o meu nome, pergunta-o ao suspirar da noite, à claridade suavíssima da Lua, àquela estrela que além me está dizendo de ti os inefáveis mistérios da tua dor!»

E nada mais continha.

QUADRO VI

D. LUÍSA e VENCESLAU

D. LUÍSA (*trémula*): Bem haja! A sua carta, Venceslau, deu-me ânimo para o receber sem pejo! Como as nossas almas se encontraram!

VENCESLAU: A minha carta?! Qual...

D. LUÍSA: Sim... a carta que recebi ontem.

VENCESLAU: Eu é que recebi ontem uma carta de Luísa. D. LUÍSA: E, ao mesmo tempo, escrevia-me outra...

VENCESLAU: Eu!... Nego!

D. LUÍSA: Ela aqui está. Nega?!

VENCESLAU: Esta letra... esta letra... oh, Céus!

D. LUÍSA: Que é?!

VENCESLAU: É do *meu amigo* Parada!

(Desfranze sorriso feroz, e senta-se a suar.)

D. LUÍSA: Pois Parada ousou!... E eu doida de contentamento!, doida de esperanças!... Porque não havia de ser sua esta carta, ó Venceslau?!

VENCESLAU: Deixe-me vê-la. *(Lê.)* Tem muita tolice! Quem é que chama *ave e lâmpada* e *cardamomo* a uma senhora!... Este homem é infame e lorpa! Eu a vingarei, e me vingarei, porque eu amo-a, Luísa!

D. LUÍSA *(exagitada de júbilo)*: Que ouvi!...

VENCESLAU: Passos de seu marido... Cumpre fugir!

D. LUÍSA: Por onde?... A esta hora não o esperava... Por onde há-de fugir!

VENCESLAU: Esta janela...

D. LUÍSA: Dá sobre a quinta..., é grande risco... Estamos perdidos!

VENCESLAU: Morrerei, querendo salvá-la!

Nota – *O heroísmo do salto era medo. Venceslau contundiu um joelho, e perdeu a aba esquerda do fraque. Foi feliz.*

QUADRO VII

D. LUÍSA, *desmaiada*,
BONIFÁCIO ANDRAENS *mais vermelho do que o costume*

ANDRAENS: Aqui há marosca! Ó menina! *(Sacudindo-a.)* Temos flato! Upa! Toma lá água.

D. LUÍSA *(volvendo-se a si)*: Não quero água. Estou morta!...

ANDRAENS: Parece-me que não, menina. Anda comer, que isso é fraqueza.

D. LUÍSA: Morta!!...

ANDRAENS: Toma uma pitada, a ver se espirras, menina. Queres que te esfregue as fontes?

D. LUÍSA: Não!... Deixa-me!...

ANDRAENS: Vou buscar umas folhas de arruda ao quintal.

D. LUÍSA: Não, não... (*Segurando-o pelo casaco.*) Detesto a arruda! Não me mates!... Vamos jantar..., isto é debilidade, meu amigo... Não é nada.

(*Vão para a mesa. D. Luísa está amável. Pergunta o que diz O Estandarte e discorre a respeito das pautas de Espanha, e da quebra das notas.*)

ANDRAENS (*recolhe-se ao seu escritório, e faz o seguinte solilóquio*): Aqui há marosca! A mim não me embaças tu, Luisinha! Eu te pilharei com a boca na botija!... É um dos dois... Se não forem ambos... Tinha graça!... Eu que, por dá cá aquela palha, deslombei homens, se me deixava mangar por estes safios!

QUADRO VIII

É noite

PARADA e VENCESLAU *encontram-se à porta*
de BONIFÁCIO JOSÉ ANDRAENS

VENCESLAU: Procurei-o hoje, três vezes, senhor!

PARADA: Que modos são esses?!

VENCESLAU: O senhor é um biltre!

PARADA: Isso é graça? Entendamo-nos, Venceslau!

VENCESLAU: Estamos entendidos! O senhor praticou a vilania de escrever a Luísa uma carta cheia de asneiras...

PARADA: Defendo o meu estilo, senhor Mendanha. O meu estilo primeiro que tudo, depois a honra! Se viu a carta...

VENCESLAU: Vi!

PARADA: Pois se viu, retire a expressão *asneiras*.

VENCESLAU: Não retiro, senhor Parada!... É ridícula a sua carta... Estilo como aquele...

PARADA: É bíblico: o estilo da minha carta é bíblico. Aprenda, ignaro!

VENCESLAU: Seja o que for! Reclamo uma satisfação. O senhor sabe que eu amo Luísa.

PARADA: É verdade, desconfiei que sim; mas a paixão é cega. Eu também a amo.

VENCESLAU: Fui eu quem o apresentei.

PARADA: E quem o apresentou ao senhor? Foi o marido. Envergonhe-se um de nós.

VENCESLAU: Não me moralize, seu bandido da honra!

PARADA: Não me bata no ombro, quando não...

VENCESLAU: O quê?

PARADA: Passo a vias de facto.

VENCESLAU: E quer dar aqui escândalo?... Amanhã lhe envio as minhas testemunhas. Duelo de morte!

PARADA: Nem eu me bato de outra maneira.

VENCESLAU: Agora, retire-se!

PARADA: Não quero! Retire-se o senhor.

VENCESLAU: Eu vou passar a noite a casa do meu amigo Andraens.

PARADA: Pois eu também vou passar a noite a casa do meu amigo Andraens.

(Abre-se a porta, sem toque de campainha).

QUADRO ÚLTIMO

(Bonifácio Andraens sai à rua de chinelos amarelos, e barrete de pele de lontra, e diz: « Venho à rua receber os meus amigos...» E, sem mais delongas, estampa na frente de cada um dos amigos dois murros simultâneos, murros capazes de matarem baleias. Os franzinos moços vêm as estrelas, e estendem-se o mais horizontalmente que podem. Bonifácio entra em casa, e pergunta se esta na mesa a pescada.)

MORALIDADE

Os dois murros foram úteis; e muita gente dirá que um terceiro não seria de todo em todo inútil. Era. A senhora D. Luísa, desde aquela noite, lê menos, e – o que mais assombra! – engorda mais.

Este conto parece inventado? Não lhes direi que vão perguntá-lo aos dois galãs,

que são hoje maridos, e homens de bem às direitas; nem à dama, que seria indelicadeza; mas falem no caso ao senhor Bonifácio que ele mostra-lhes uma alavanca em cada pulso, e diz: «Foram *dois murros úteis* a eles, a mim, à minha mulher, à sociedade e aos costumes nacionais.»

A FORMOSA DAS VIOLETAS

I

Júlio Janin, no folhetim do *Jornal dos Debates*, de 30 de Março do corrente ano, escreveu o seguinte:

«No ano da graça de 1836, o mês de Abril correu aprazível e delicioso; e no mês de Maio ressoaram canções que farte. Ora, a ponto de expirar o mavioso Abril e nascer o Maio, (apenas são volvidos vinte e sete anos e três revoluções!) as multidões afanadas e curiosas premiam-se contra o vestibulo do teatro da *Porte-Saint-Martin*. O já popular e glorificado autor de “Henrique III”, de “Antony”, de “Ricardo de Arlington”, da “Torre de Nesle” e de “Ângelo” tinha, naquela noite, em cena um Mistério, em que figuravam anjos e demónios. Muitos mancebos daquele tempo, agrupados no pórtico do teatro, cediam o passo às turbas azafamadas, recreavam-se de vê-las assim entusiastas, e notavam a meia voz os homens conhecidos, os homens célebres, uns que começavam, outros que iam no termo da sua carreira. Senão quando, todos os olhares confluíram sobre um magnífico trem, uma berlinda de Erhler, arreada à Brune, e tirada por dois enormes urcos ingleses, saídos das cavaliças de madame la Dauphine. Um corpulento cocheiro, e um espadaúdo húngaro de sete palmos de altura, afora o penacho, todo broslado de galões doirados, completavam a equipagem que parou rápida à porta do teatro. E abrindo logo o *keiduque* a portinhola, e baixando com estrondo os degraus da carruagem, viu-se apear um elegante moço. Não tinha ainda trinta anos; trajava com apontado esmero; de gravata branca e luvas amarelas; estatura corpulenta e belamente conformada, cabeleira anelada, boca um tanto grande, mas graciosa, olhar ardente, e airosa compostura de semblante. No braço do mancebo apoiou-se a leve mão de uma dama, juvenil como ele, ansiosa de volitar por sobre o espaço interposto. Que formosa ela vinha com o seu vestir de Primavera! Violetas na mão, violetas por adorno do chapéu de palha, ondulante faixa a tiracolo, calçada à perfeição de botinhas *mordorées*, viçosa e linda a mais não ser! A impaciência tirava por ela, e ele caminhava pausado, com aquele ar de homem que escuta em si a fada benigna da suprema fortuna. Exornavam o peito do cavalheiro as mais peregrinas cores de pedraria das condecorações e dos ornatos. Era barão em França, marquês em Espanha, e membro do clube dos fidalgos em Florença. Dizia-se – e era verdade – que o mais somenos utensílio dos seus aposentos era de oiro, o seu lavatório de oiro armoreado, doirada a sua câmara. E contudo, crede-me, se vos apraz, a sensação que ele causou foi a da admiração simpática, a da inveja, não. Nesta França apontada e embevecida nas aparições de cada dia, tais como – de manhã, “As Orientais”; depois, “A Carnagem de Missolonghi” de Eugénio Delacroix; ao meio-dia, os discursos de Thiers; à noite, a ópera de Meyerbeer; no dia seguinte, um romance de Balzac, uma canção de Alfredo de Musset... entre nós aquele mancebo tinha de pouco revelado Hoffmann e os seus contos. Escrevia ele depressa, pouco, e bem. Sabia inglês como um diplomata, e alemão como um filósofo. Pertencia, naquele tempo, à nascente redacção do *Jornal dos Debates*, e chamava-se Loewe Weimars.»

Até aqui Júlio Janin.

II

Nos arrabaldes de Londres, em uma quinta de delícias, quantas pode imitar da natureza o artifício britânico, vivia, naquela época, um português, que a intolerância política expatriara em 1832.

A fortuna dava-lhe formosas mulheres para o coração, e desvelados amigos para o espírito e também para a mesa. O nosso patrício, encarreirado prosperamente no comércio, entendeu que ao emigrado pobre devia ele desvelos de irmão; e assim, quantos portugueses se socorriam do seu valimento encontravam franco e inexaurível aquele coração de ouro, e o ouro das gavetas, cujo quilate é superiormente apreciado. Os convivas habituais da sua mesa eram um jurisconsulto inglês dos mais afamados de Londres, e um português de excelentes qualidades, hoje nosso ministro na corte de Madrid.

Um dia, porém, os comensais saíram do aprazível abrigo do emigrado, porque eram de mais numas alegrias, cuja doce poesia está no resguardo e solidão de dois.

O português fora o preferido daquela formosa das violetas que Júlio Janin recorda no seu folhetim. Mademoiselle Loewe Weimars, a irmã do barão folhetinista, do marquês em Espanha, do fidalgo florentino, casara com o nosso patrício, que era, então, um moço alegre como a felicidade, descuidado do futuro como criança que brinca entre flores, todo expansibilidade em olhos e palavras de muito bem-querer que lhe exuberava do coração.

Coração e nome são ainda os mesmos naquele homem vinte e sete anos depois. Todavia, quem há-de hoje reconhecer o festejado e amado noivo da irmã de Loewe Weimars naqueles cabelos brancos e fronte avincada do jornalista portuense? Aqui vo-lo apresento agora: estendei a mão àquela mão liberal que beijaram muitos infelizes. Abraçai José Joaquim Gonçalves Basto, que sentireis bater o melhor e mais infeliz dos corações!

III

Infeliz! Com tão próspera monção ao entrar no bonançoso mar da vida?! Amado por aquela peregrina dama, cujos espíritos cultivados em Paris e Londres competiam com a distinção de sua beleza?

Infeliz, sim, porque não? A desgraça, quando assalta de ímpeto os seus predilectos, não respeita a virtude, nem os anjos, nem o amor. Os mais elevados espíritos, as mais generosas almas é que ela se compraz de humilhar e rasojar pelo nível das baixas e estúpidas condições.

Gonçalves Basto, volvidos dois anos de felicidade santa na intimidade de esposa e filhos, achou-se pobre e vencido na luta com insuperáveis calamidades comerciais.

Deixou a Inglaterra, e voltou à Pátria com sua família.

De repente, os amigos todos o desampararam, os amigos que se desobrigaram do que deviam com a infâmia de esquecerem a dívida.

Permaneceu leal no infortúnio o que se mantivera desprendido na propriedade: era José Vieira de Carvalho, moço portuense, abastado, instruído, e de nobilíssima índole. Deliberara este fundar um jornal de camaradagem com o falecido António Bernardo Ferreira, da Régua, e o actual deputado e insigne industrial, Faria Ribeiro Guimarães.

Fundou-se *A Coalisão*, jornal de que Gonçalves Basto aceitou a redacção principal e a responsabilidade. Cada qual por sua vez, os proprietários retiraram-se, declinando sobre o redactor o encargo de sustentar o periódico. Gonçalves Basto fundou *O Nacional* há dezoito anos, com os elementos d'*A Coalisão* extinta.

José Vieira de Carvalho, solteiro, rico e doente, antevendo o próximo termo da vida, anuncia que a sorte dos filhos do seu amigo está segura nos seus haveres. Morre,

em França, Vieira de Carvalho, e o testamento é subtraído.

Na contra-revolução de 1846, Gonçalves Basto é nomeado comandante de um batalhão de artistas. Domina o descomedimento dos seus subordinados, e, no campo, dá-lhes o exemplo da coragem. Quando o exército espanhol transpôs as raias pelo Norte, as últimas espingardas que obedeceram às ordens da junta foram as dos artistas comandados por Gonçalves Basto.

E, neste entretanto, a família do jornalista, esposa, e três filhos, belos como anjos, viviam, da gratificação mensal do, comandante: DEZ MIL RÉIS!

Entrou, ao cabo de dez meses, o jornalista em mais perigosa e sanguenta batalha. Os caceteiros fardados enxameavam nas ruas do Porto; os partidários da Junta, que não emigravam, escondiam-se; a cada passo, os mais audazes eram assaltados nas praças e espancados. José Joaquim Gonçalves Basto está tranquilo à sua banca de trabalho, ouvindo gemer os presos, que afrontam a cobardia das autoridades civis e militares, de cujas mãos os sicários recebem o cacete e o punhal.

O escritório d'*O Nacional* é assaltado por uma malta de sargentos e soldadesca ébria e furiosa. Gonçalves Basto, Sousa Reis e os tipógrafos defendem-se com os galeões, e os cobardes fogem a grandes brados invocando a guarnição.

Alguns amigos de Gonçalves Basto reduzem-no a dar-se à prisão, para evitar o incêndio da casa e a carnagem. O jornalista, com alguns dos seus cúmplices de defesa, entram na Relação.

IV

O duque de Saldanha voltou vitorioso de Lóbios. Gonçalves Basto saudou o homem que apregoava *A Regeneração*. Eu fui convidado a colaborar n'*O Nacional*, e este foi o periódico mais veemente em apregoar as virtudes do velho general.

Ali, na casa pia, no salão donde desalojara o conde de Casal, o duque atirou às rebatinhas empregos, retribuições de serviços fabulosos, lugares diplomáticos, consulados, escrivadinhas, títulos; mas, a esse tempo, Gonçalves Basto, em vez de ir à casa pia, estava no escritório d'*O Nacional* encarecendo as virtudes políticas do marechal, e explicando a justiça de suas liberalidades. Os amigos diziam-lhe: «Vai, não percas a ocasião»; e ele respondia: «Se alguma coisa mereço, em vinte anos de serviço, a ocasião me virá procurar.»

Ora, aconteceu que a ocasião o não procurou. Todos os amigos da Junta se levantaram; todos os talentos e capacidades se identificaram com a regeneração: triunfaram em 1851 as ideias de 1846; mas Gonçalves Basto, nomeado cônsul de Vigo pela Junta, e condecorado na ordem de Nossa Senhora de Vila Viçosa – graça não solicitada nem rejeitada – esqueceu maiores da Junta que se bandearam com Saldanha, e esqueceu àquelas mãos-rotas do dadivoso duque, o qual alegremente lia as apologias d'*O Nacional*.

V

José Joaquim Gonçalves Basto envelheceu, curtido de lancinantes dores; lágrimas, porém, só duas vezes lhe vi o rosto lavado delas: foi ao fugirem-lhe dos braços para Deus dois dos seus filhos. A pobreza cerra-o de perto há quinze anos, e ele como que tem minas de ouro no coração. É sempre com um sorriso que vos ele diz: «Não tenho nada.» A desgraça tem estes sorrisos, que são dentro do peito unhas de ferro.

E ela, a formosa das violetas de 1836, a irmã do marquês em Espanha, do revelador de Hoffmann, do diplomata ilustre, há tantos anos morto, na opulência da

vida, do nome, e das esperanças?

Elisa Loewe Weimars vai, de tempo a tempo, ao cemitério da Foz, onde estão umas flores plantadas por sua mão sobre as cinzas de um filho. Ali, decerto lhe esquecem as glórias de Paris e as glórias de Londres. Aquele cômodo de terra é um pregão contra as vaidades da formosura, flor de um dia requeimada pelo gear de uma noite e contra as vaidades do talento, flama brilhantíssima que mais escuras deixa as trevas em redor, quando se extingue.

Ó santa de todas as dores de mulher, de esposa e mãe!, quem saberá contar as tuas horas excruciantes? Quais almas descerão do teu Calvário com o segredo dos teus suplícios?!

VI

Meu caro Basto, releva ao teu amigo de dezasseis anos o vir ele falar de teus infortúnios em face do mundo, que os há-de ler, por ser isto dito em folhetim, e ajeitado em forma de romance. Quando eu entrei nesta via dolorosa das letras, achei-me contigo. Por força devia ser um desgraçado quem me abrisse as portas deste inferno. Achei-o nesse tormento de Sísifo, e aí te vejo agora. Rolas o penedo ao píncaro da montanha, o penedo revolve-se ao fundo da precipitosa ladeira, e tu lá vais de novo costa acima limpando o suor e as lágrimas. Se às vezes paras um instante nesse trabalho de forçado, é para contemplares como a estupidez e a infâmia trazem avassalados os fiscais da república, e como eles sobem arreados de placas e fitas, enquanto tu vais descendo às margens do rio da morte, olhando em ti, e pensando que vem perto o dia em que não possa repartir um pão com a tua família.

Há trinta anos que sofres e trabalhas por amor da Pátria, meu pobre amigo. Deves ter quebrantos de angustioso desalento, quando em ti reparas, e não achas um só homem que te possa dizer: «Eu sofri e lidei tanto como tu, e recebi dos governos do meu país a retribuição vilipendiosa de tamanho desprezo!»

Luta, meu amigo; e, quando mais não puderes, pergunta à Providência Divina que mal fizeste à Pátria para tamanha ingratidão, ou que mal devias fazer aos homens para eles te recompensarem com benefícios.

Lisboa, 14 de Julho de 1863

COMO ELA O AMAVA!

I

Aos 24 de Agosto, na povoação chamada Cavês, cuja ponte, sobre o Tâmega, estrema pelo norte as duas províncias do Minho e Trás-os-Montes, celebra-se a festa de S. Bartolomeu, santo gravemente infesto a Satanás. Vêm aqui, de muitas léguas em volta, dezenas de criaturas obsessas. E para notar que raro homem ali vá incubado de demónio. As mulheres é que, por cima de muitas outras penas, sofrem o dissabor de serem visitadas pelos espíritos infernais, caso único, a meu ver, em que os sobreditos espíritos se mostram espirituosos.

É de saber que o demo tem caprichos sujos; e nisto, como em muitas outras coisas, parece homem, com ressalva do leitor. A legião deles, que se entranhou na vara de cochinos, era indecente. S. Jerónimo, na vida do beato Hilarião, conta de um formidável demónio que se alojou num camelo, o qual, levado à presença daquele santo, urrou, caiu, e desfez-se do sevandija que o incomodava. O mesmo conta frei Luís de Sousa de um urso possesso, que, ao sinal da cruz de S. Bartolomeu dos Mártires, caiu, estrebuchou, e morreu. Também se mete nos legumes o maldito! O mesmo santo farejou-o nuns feijões fradinhos. Já é condição mui rasteira, ou muito má vontade aos feijões em ódio aos frades!

Afirmam insigníssimos autores que há seis espécies de demónios: ígneos, aéreos, aquáticos, subterrâneos e lucífugos. Anda a gente cercada destes malandrins, que zombam da polícia, e fazem praça do seu despejo até ao escândalo de se meterem nela!

A mim, pois, não me espantava o grande concurso de mulheres endiabradas que vi na romaria de S. Bartolomeu, em Cavês. Do usurpado senhorio de algumas direi que me fez inveja a besta imunda! Eram desempenadas raparigas de Barroso, escarlates e possantes como as matriarcas do género humano; pulsos de ferro, olhos coriscantes, e formas tão esculturais de beleza antiga, que eu fiquei cismando se o demónio desengraça com as raças adelgaçadas, e vai às montanhas procurar corpos com capacidade de o receberem. Ainda bem que vai. Se assim não fosse, a sala de baile havia de ser um pandemónio!... E quem sabe se é? O regirar vertiginoso dos bailados não parece coisa macabra, doidice satânica, vórtice em que as almas vão remoinhando até caírem nas fauces do dragão? Eminentíssimos sábios e santos estão comigo.

Oiçamos o congregado Bernardes:

«Que o que baila e dança tem parte de louco e furioso, basta vê-lo de fora para confessá-lo. Aqueles mesmos movimentos do corpo, tão vários, tão ligeiros, tão violentos, tão afectados, estão indicando que o sisso está movido algum tanto do seu assento.»

E ajunta:

«...Bem certificados podemos ficar de que os bailes, danças e saraus costumam trazer consigo muitos pecados. A não ser assim, nem os demónios insistiram tanto em os persuadir...»

S. Valeriano na *Homilia 6ª, De otiosis verbis*, diz que as danças são laços do demónio que ajudam a dar muitos garrotes. E o salmo 139, quando diz *caput circuitus eorum* quer dizer que o diabo é o cabeça das reviravoltas de um baile.

Logo: os bailados são diabruras.

Mas, enfiando outra vez o conto, gentis mocetonas eram aquelas energúmenas que eu vi na igreja de Cavês, em 1842. Há que anos isto vai!... Naquele tempo, até as mulheres com espírito ruim me pareciam boas.

Voltei lá no ano seguinte, armado de figas que espantam maus ares, e nóminas e amuletos refractários ao demónio.

Na aldeia, onde eu então estudava latim, correu a nova de se terem desafiado para a romagem de S. Bartolomeu os valentes de dois concelhos inimigos, desde muito enrixados e aprazados para ali. Um morgado, meu vizinho, de nome José Pacheco de Andrade, filho do antigo capitão-mor de Basto, Serafim dos Anjos Pacheco de Andrade, oito dias antes, mandara demolhar em poças um braço de paus de carvalho, com o fim de lhes dar elastério, e cingirem-se melhor com as costas das vítimas. Estes preparatórios aqueciam-me o ânimo belicoso, posto que os chibantes da terra avisadamente se rissem dos meus quinze anos.

Por nove horas da noite do dia 23, saímos em malta, caminho da ponte de Cavês, uma légua distante. Por volta de onze horas, fizemos alta numa aldeia, chamada Arosa, convizinha dos montados por onde se estendia o arraial. Ali reuniu-se connosco uma estúrdia, que vinha dos lados de Cerva, e nesta os mais graúdos brigões da comarca, homicidas igualmente impunes que arrogantes, e espécie de barões feudais, a cujas barbacãs não ousavam chegar as justiças d'el-rei. A cantadeira da estúrdia era uma rapariga de dezoito anos, sécia e talhada a primor, carregada de oiro, mas ainda assim leve como uma arféloa, saltando quando não cantava, rindo a escâncaras quando não saltava, linda como as dríades dos córregos, alegre como a felicidade das serras. Oh! que moça! Que legião de tentadores demónios ia nela!

O morgado Pacheco de Andrade abraçou o maioral da turba, e concertou o plano da batalha.

Dizia o de Cerva:

– Eu quero-me ver peito a peito com o Vítor de Mondim! Um de nós há-de ficar escutando a cavalaria.

– Que tens tu com ele? – perguntou o morgado.

– Tenho que ele conversou dois anos com a Isabelinha do Reguengo; depois ela deixou-o à minha conta, e voltou-se para mim. E vai ele, na feira de S. Miguel, caiu sobre mim, e mais vinte dos seus. Fiz face a todos, enquanto o pau me não estalou na cabeça de um. Depois caí debaixo de um bosque de estadulhos, e estive à morte. Aqui tem o senhor morgado o que eu tenho com ele.

– A moça vale a pena?

– É esta que está a cantar.

– Guapa rapariga!... Tens razão, Lobo!

– Já correu o primeiro pregão dos banhos.

– Casas com ela?

– É a melhor lavradeira do povo, é de cara ninguém no concelho lhe deita água às mãos.

– Então será bom que te poupes, Lobo! Nada de morrer!...

– Que tem lá isso? Se morrer, já não preciso casar. Morra o homem e fique fama!

A este tempo, cantava a Isabelinha do Reguengo:

Quem quiser cantar comigo
há-de ter no peito amores;
amam as aves cantando
entre arvoredos e flores.

E o competidor respondia:

Entre arvoredos e flores

já te eu vi, linda pombinha,
 deixei-te ir sem te dar fogo,
 que eras doutro, e nenja minha.

O Lobo de Cerva ouviu esta copla e franziu a sobancelha, envesgando os olhos ao cantor; depois foi à beira de Isabel, e disse-lhe:

– Não cantes mais.

– Porquê, João?!

– Não cantes mais, faze-me isso... Oiço cantigas que me bolem cá no interior.

– Pois não canto. Vamos conversando – disse ela com alegre condescendência.

Á meia-noite entrámos no arraial. Já o tiroteio tinha rompido das duas margens do Tâmega. As balas assoviavam nas ramagens de carvalheira onde se ajuntavam os caudilhos em conselho de guerra. Nenhum romeiro pacífico já se metia à ponte. Os atrevidos agrupavam-se nas extremidades; os da esquerda esperavam a ronda de Cerva, os da direita a de Mondim. Na ponte passeavam uns doze soldados de infantaria, idos de Guimarães; pobres homens de quem os contendores não faziam caso nem conta. Os tiros, pelo arder da escorva, viam-se romper dos altos das matas fronteiras. A tropa estacionara na ponte, encarregada de evitar o choque das duas rondas inimigas.

Ora eu, prevalecendo-me da inofensiva presença dos meus anos, desci à ponte, e atravessei-a como coisa que ninguém vira. Fui direito à igreja observar a luta de S. Bartolomeu com o diabo. Era isto principalmente que me chamava.

Quando cheguei, vi simplesmente cinco demoníacos, amarrados por cinquenta braços de pujantes Barrosãos, enquanto o santo, de bom tamanho e de pedra, era levado da cabeça de uma para a das outras energúmenas. O demónio rabiava nelas desencabrestadamente, quando o milagroso granito lhes pesava. O padre levantava a voz também enfurecida, e insultava desabridamente o inimigo do género humano, obrigando-o a ir esconder sua derrota nas profundezas do Inferno. As raparigas desincubadas caíam sem forças no regaço das mães chorosas, arquejavam, iam-se a pouco e pouco restaurando, e erguiam-se afinal sãs, para irem depor no altar do santo o voto, e rodearem sobre joelhos a igreja.

Disseram-me que, passadas algumas semanas, todas estas moças casavam com os sujeitos que o demónio respectivo de cada uma tinha declarado.

Que ofício adopta o diabo às vezes!... Assim mesmo é o mais útil que eu lhe conheço.

II

Quando volvi à ponte já não pude romper a mó de povo que se baldeava de uma a outra margem do caminho, e se desfazia em filas desordenadas, as quais pareciam serpentes negras a colearem pela ribanceira acima.

Tinha começado a luta.

A ronda de Cerva avançava da parte dalém; a de Mondim, recebendo aquele movimento como sinal de batalha, avançou também. Ribombavam os zabumbas de ambos os lados, e guinchavam as requintas por sobre a vozearia da tropa, que se esforçava em evitar o encontro, de baioneta calada.

O alarido das mulheres e rapazio de um e de outro lado retinia nos ecos das margens penhascosas do Tâmega. As fuziladas relampagueavam entre os matagais. A vertigem do terror estendera-se a todo o arraial. Diríeis que os demónios desalojados dos corpos das mocetonas, exasperados de raiva satânica, tomaram à sua conta fazer ali um inferno provisório, mesmo nas barbas de S. Bartolomeu!

Ouvi o retintim das baionetas sacudidas dos seus engastes pelos paus certos dos barrosãos, bandeados na hoste de Mondim. Divisei os doze soldados espremidos entre as multidões inimigas. De repente os de Cerva fizeram pé atrás; os de Mondim também, e por momentos reinou um silêncio, que devia ser como a serenidade de um céu torvo de borrascas na intercadência de dois raios. Que suspensão fora aquela? Cingi-me com a guarda da ponte, e cheguei ao meio. Avizinhei-me do primeiro grupo dos dalém, e ouvi dizer que, no afogo da briga, Isabel do Reguengo se lançara entre as vanguardas dos combatentes, e bradara: «Matem-me primeiro a mim!» E, dito isto, cruzara os braços.

Vítor de Mondim reconheceu-a, clamara aos seus: «Alto, meus rapazes!» e o Lobo de Cerva, cobrindo-a com o seu argo-lado de cobre, exclamara: «Olhai que é minha noiva!»

Assim se explicava o improviso regresso de cada exército aos seus arraiais. Caso digno de memória!

É, pois, certo, que Vítor de Mondim lhe queria muito ainda. Que milagre! Dois anos a vê-la todos os dias santificados, e andar duas léguas para vê-la, duas léguas tão queridas na ida, e outras duas tão longas e saudosas na volta!... Porque assim deslealmente o deixaste, Isabelinha do Reguengo? Porque havias de ser tu mulher como tantas? Que átomos da peste das cidades coavam em tua alma, ó virgem dos arvoredos?

Fui onde estava a gente de Cerva. Isabel comia cavacas, e repartia delas com o Lobo, que ensopava um lenço de seda em camarinhas de suor. Uns pimpões estavam encostados aos paus, cruzando com eles as pernas, outros emborcavam grandes pichéis e canecas de vinho. O meu vizinho morgado José Pacheco de Andrade empanava a cabeça partida, e desequilibrava as pernas, não já por causa do terreno, senão que o vinho desmentia nele o característico humano da posição vertical, conquanto o meu vizinho, mais que nenhum outro corpo, com grande glória de Newton, pendesse ao centro da Terra.

Aí por volta das três horas vieram parlamentários dalém, propondo a passagem livre das rondas de parte a parte. O morgado tomou a si o encargo de responder, e tartamudeou:

– Não há convenções! O mundo acaba-se aqui hoje!

Disse, e deu ares de se acabar primeiro que o restante do mundo. Cambaleou floreando o cerquinho elástico, tropeçou no

próprio pau, e caiu na calçada, que, porventura, a fantasia rica e ardente lhe afigurou almofadada com toda a flacidez convidativa de um longo sono.

Os parlamentários foram repetir com gravidade as palavras do ébrio. Rompeu de lá temerosa grita, e logo o tiroteio.

Lobo depôs o varapau, e pegou da sua clavina de dois canos. Isabel segurou-o pelos alamares de prata da jaqueta, rogando-lhe que se aquietasse. O bravo, que seguia a máxima do «morra o homem e fique fama» sacudiu de si a moça, e bradou:

– Rapazes!, à ponte!

Ergueram-se todos, e o próprio morgado lá das trevas espessas da sua modorra ainda rugiu:

– A eles!

Os de Mondim, quando ouviram o instrumental, avançaram à entrada da ponte. A passo igual iam ganhando terreno uns e outros.

Uma voz estridente se fez ouvir por sobre a algazarra dos brados e toada da música. Era Vítor de Mondim que bradava:

– João Lobo de Cerva!

Lobo fez calar os seus, e respondeu:

– Quem me chama?

– É Vítor de Mondim.

– Aqui estou.

– Se és homem, sai sozinho, que eu também saio ao meio da ponte.

– Nunca o diabo te mostrou homem mais homem! Aí vou.

Isabel lançou-se-lhe ao pescoço, dando vozes de aflição e ternura. E ele repeliu-a com desamor de inimigo, exclamando:

– Que diabo me pedes tu, mulher? Queres que eu caia aqui morto de vergonha?!

E eu *estava de ângulo a espreitar*, como um santo bispo de Sevilha diz em seus cantares, o qual santo, segundo modestamente confessa, espreitava de ângulo o batalhar de godos e sarracenos.

Senão quando, os dois paladinos, adiantados de suas imóveis coortes, param a vinte passos, com as clavinhas aperradas.]

– Não há-de ser tua nem minha! – disse Vítor.

– Tua, por Deus te juro que não será! – respondeu Lobo.

E, a um tempo, desfecharam; e, a um tempo, bateram em terra os dois moribundos arquejantes.

Que horror de grita restrugiu então! Que frenesi de espedaçarem-se conglobou em feroz abraço os dois campos! Era um segundo duelo de homem para homem com cem braços. Os de Mondim levantaram o cadáver de Vítor, e defenderam-no; os de Cerva, cegos de furial vingança, não viram que os outros remessavam ao Tâmega o cadáver de João Lobo.

Isabel tinha caído como fulminada pelo relâmpago das escorvas. Passaram por cima dela os seus parentes e amigos a vingarem-lhe o noivo. Pisaram-lhe o peito, onde já não havia coração que sentisse a dor. E eu aproximei-me, reconhecia-a entre a multidão, e pedi que me ajudassem a tirá-la da ponte.

Assim se fez. Deram-lhe um encosto sobre as caniçadas de um carro de fruta, e rodearam-na algumas mulheres temerosas que, pouco depois, a desamparam, fugindo ao silvo das balas.

Eu tinha ido ao longo da ponte, na aberta em que os de Mondim retiravam a segurarem da represália o cadáver do seu chefe.

Quando voltei, ao nascer do Sol, fui às caniçadas, e não vi Isabel. Perguntei por ela, e disseram-me que tinha fugido como doida.

Por ambas as margens do Tâmega se alinharam duas fileiras de homens, rebuscando o cadáver de João Lobo. Palmilharam meia légua de caminho fragoso, sem o encontrarem. Volveram desanimados, cuidando que o cadáver fora ao fundo, e lá encalhara na penedia, ou se engastara nas raízes dos salgueiros. Os melhores mergulhadores bateram todas as cavernas conhecidas. Perdidas forças e esperanças, volveram de novo à ira, e recobraram alento para se vingarem.

Enquanto a raiva os reacende, e o arraial fica abandonado às correrias dos valentes e dos ébrios, vamos encontrar Isabel, sentada na margem esquerda do Tâmega, sobre uma rocha que se debruça a cavaleiras da corrente.

Tem o rosto entre as mãos, e os olhos cravados na espuma do jorro de água precipitada em bacia de fragas. Assim está desde que o Sol nasceu, o Sol ardente de 24 de Agosto, que lhe cai a prumo sobre a cabeça.

Que espera ali aquela mulher, como empedernida pela dor?

Que pensam dela uns pastorinhos que da serra fronteira lhe perguntam que faz ali?

Não os vê nem ouve.

Espera o resvalar do cadáver do noivo no rolheiro donde não descrava os olhos pávidos?

O Sol inclina já ao poente, e ela cerra as pálpebras, e cobre-as com as mãos,

baixando a cabeça ao regaço.

Talvez que o fogo do céu lhe houvesse calcinado o cérebro, e os lampejos da torrente a cegassem!

A rocha em que Isabel está é puída e resvaladiça.

Instantes de desmaio bastarão a despenhá-la. Um ancião, que dalem a vira, desde a madrugada até sobre a tarde, vadeou o Tâmega nas poldras, chegou à raiz da rocha, e disse:

– Ó cachopa, que fazes aí?

Isabel estremeceu e circungirou os olhos, esfregando-os.

– Que fazes aí, moça? – tornou o velho.

– Estou à espera do meu defunto – respondeu Isabel.

– Do teu defunto!? Então ele vem pelo rio!? Querem vocês ver que tu eras mulher do Lobo de Cerva?... Eras ou não?...

– Havia de ser... – disse Isabel a grandes brados, erguendo-se de golpe – havia de ser!... havia de ser!...

– Desce cá para baixo, criatura, que o mal da morte não tem remédio. Vem daí que eu dou-te agasalho, e amanhã irás para os teus. Olha que tu malhas ao poço, mulher. Deus te defenda, que morres!

Neste momento, Isabel abordara mais à aresta do penedo.

O velho, que não podia trepar à rocha escorregadia, gritou pelos pastores dalem. A moça pôs as mãos em oração; e, depois, tapando os olhos despenhou-se!

Antes de baquear-se na refervente cachoeira da bacia, já tinha abolido o crânio num ângulo da rocha.

Os pastores esperaram o cadáver num remanso de água, e ali o velaram, durante a noite, aguardando que a justiça fosse alevantá-lo.

COMO ELA O AMAVA!

HISTÓRIA DE UMA PORTA

I

Fui a uma aldeia, pendurada de uns rochedos de Barroso. Bragadas era o seu nome. Chamavam-me ali as trutas do rio Beça, as maiores trutas dos córregos riquíssimos de Portugal.

Distanciei-me duas léguas de casa, e fui surpreendido pela noite, debruçado por sobre uma fraga, com o anzol numa levada, onde vi uma truta velha, de cabelos brancos, como lá dizem.

Desta macróbia se dizia que tinha impunemente engolido anzóis! O peixe era um Mitrídates da sua classe.

Assustado da noite, e transviado do caminho, fui dar àquela aldeia, e perguntei a um pastor se lá havia padre. Casa de padre é sempre albergaria certa de forasteiros, mesa farta, e cama limpa. Não havia padre em Bragadas.

– Quem me dará agasalho nesta povoação? – perguntei ao pegureiro informador.

– Quem quer lhe dá agasalho.

– Mas onde hei-de ir bater?

– Vá vossemecê por esse quinchoso abaixo; lá ao fundo carregue à sua esquerda, e salte um portelo que não tem que errar. Vossemecê vai rebentar mesmo à porta do tio João Barroso.

– Rebentar?! – articulei eu, assustado da profecia.

– Sim, à porta do tio João Barroso, que é o lavrador maior da freguesia.

Rebentar, felizmente, era sinónimo de sair ou chegar.

Rebentei, pois, à porta... *Aporta?* Hei-de eu chamar porta a isto?

Era o lavor mais primoroso que meus olhos tinham visto. Um luar brilhantíssimo alumiaava a vulto aqueles rendilhados, festões, laçarias, refendimentos, figuras e relevos do mais luxuoso cinzel. Era alteroso o portão. As ombreiras eram colunas recebendo nos capitéis uma cúpula triangular recamada de florões, com grande folhagem, donde surdiam anjos dedilhando cítaras, e outras figuras emblemáticas, que eu não enxerguei se eram faunos ou santos.

Neste espasmo estava eu, quando de uma barroca próxima me saiu um lavrador com uma gabada de canas-milhas, sobraçada, e sacola ao ombro.

– Guarde-o Deus! – me disse ele.

– Muito boas-noites – respondi, descobrindo-me.

– Quem busca?

– Ia bater nesta porta, para pedir ao dono da casa o favor de me dar agasalho.

– Levante o gramelho, e entre. O dono da casa sou eu. Vossemecê é caçador?

– *De cana, que come mais do que ganha*, diz lá o ditado.

– E de longe?

– Sou da Ribeira.

– Longe veio!... Mas vossemecê está muito seco.

– Estou seco?!

– Sim; diz lá o outro: *não se pescam trutas a bragas enxutas*... Não o vejo molhado!

Tínhamos entrado na cozinha.

– Sente-se – continuou o lavrador –, esteja a seu gosto. Se quer tirar os sapatos, arranjam-se-lhe uns socos. Ponha-se em mangas de camisa, à vontade; aqui não há políticas.

Agradei o suplício dos tamancos, e mantive a decência da jaqueta.

– Vossemecê parece que estava a gostar das figurinhas do portão? – disse o senhor Barroso.

– Estava a admirar.

– As figuras são os doze apóstolos e os anjos. Aquilo está bem feito de uma vez, heim?

– Nunca vi coisa melhor! Mas...

Sustive-me. Eu ia perguntar ao hospedeiro, dono daquele magnífico portal, como era que a fachada do edifício escondia uns quase pardieiros, uma cozinha térrea, e uns sobrados com umas janelas de pedra bruta, e portadas de madeira nem sequer desbastada pelo capilho! Pareceu-me indelicada a pergunta, e esperei explicações.

– Mas é que estava somente começada a obra... – acudiu o lavrador adivinhando a pausa. – Assim ficará até ao fim do mundo, que o portão só pode cair quando o mundo tiver *sua* fim.

– Pois é pena! – disse eu. – Uma obra daquelas não devia estar sumida nestas serras. Eu vim de Lisboa, há sete anos, não me lembro de lá ter visto arquitectura mais majestosa.

– De lá vieram seis obreiros, e dois anos trabalharam nessas pedras... Era eu da sua idade pouco mais ou menos. Há cinquenta e seis anos que a obra parou.

– Mal haja quem a fez parar! – interveio uma velha, que devia ser a consorte do senhor João.

– *Amen!* – disseram dez ou mais familiares, que por ali estavam deitados ou sentados sobre os escanos e bancos.

– Tantos demónios lhe chorrisquem a alma, como de... – acrescentou um ancião de aspecto encorreado, e cãs estopentadas.

– Cale-se lá, tio José! – disse o velho. – Deus lá sabe o que faz... – Toca a comer o caldo – ajuntou o sobrinho do praguejador, declinando do assunto, que me estava incitando a curiosidade, muito mais do que a ceia o apetite.

A ceia era um caldo de castanhas piladas bem adubadas de toicinho bem assazoadado de batatas, a que lá chamam *castanholas*.

Demos graças a Deus, e cada qual foi à sua cama. Para homens cansados do lidar do dia, o sono reparador traz-lho como doce mimo a natureza benfazeja, e leal ao Criador que santificou o trabalho.

Estes não carecem de engalhar o sono com palestras, nem, comida a ceia, ficariam ali para ouvir propriamente *as sete partidas do conde D. Pedro*, ou a *história da imperatriz Porcina*.

– Venha daí vossemecê – me disse o senhor João Barroso, guiando-me, com uma candeia, a um quarto de cantaria, com firmamento de ripas e telha, intermeado de colmo e loisa.

– Aqui dormiu dez anos um grande homem! – disse o lavrador. – Amanhã, se vossemecê não for cedo, eu lhe direi como foi começada e acabada a obra do portão. Nessa cama é que dormia o padre que a mandou fazer. Toca a sossegar. Com bem passe a noite. Apague a candeia antes de pegar a dormir.

Antes de me deitar nos alvíssimos lençóis, olhei em todo o quarto, e vi a um canto uma rima de livros. Fui examiná-los e achei breviários, ripanços, um *Flos Sanctorum*, uns doze volumes em espanhol de um Saavedra, um Calepino, a *Recreação Filosófica* do padre Teodoro de Almeida, e outros que esqueci, menos as *Peregrinações de Fernão Mendes*, que levei comigo, para, como de facto, adormecer na primeira página, e dois *in-fólios* com os quais fiz travesseiro. Ao romper da manhã, acordaram-me as marradas dos bodes, cuja corte era debaixo do meu quarto; e o balar das ovelhas, que moravam

defronte, e o mugir das vacas, que deviam morar perto, e o chilrar das andorinhas, que tinham seu ninho no friso da cimalha.

Levantei-me; e como não visse lavatório, nem água, nem toalha, saí a lavar-me na fonte, que estava perto, e regresssei a limpar-me aos lençóis.

Depois saí a revistar os pormenores do portal. Em cada folha de festão achei motivo para assombro. As miudezas fisionómicas dos santos eram maravilhas de engenho e paciência. O soco das colunas primava em lavores emblemáticos: num era o quadro grandioso de Jesus ordenando serenidade às ondas encapeladas, quando os descritos apóstolos se julgavam comidos pelo mar. No outro edificava Moisés, recebendo as tábuas da lei no monte Sinai, e os israelitas perjuros adorando às abas da montanha o ídolo incensado por Aarão. Os doze apóstolos estavam ao longo da padieira enfileirados sob dossel de trepadeiras, tão subtilmente lavradas que a folhagem parecia transluzir o sol-nascente. O remate da cúpula era um quadrante de mármore circundado de florões, e descansado sobre as espáduas de dois querubins, que pareciam pedir ao Sol o raio demarcador das horas.

– Cá está vossemecê outra vez! – disse o lavrador, saindo ao terreiro da casa.

– Não me farto de ver.

– Ora veja, e, se quer, venha daí, que eu vou levar os bois ao pasto, e lá lhe contarei a passagem.

– Pois irei de muito boa vontade.

Tangeu ele o gado para dentro de uma tapada de restolho; sentou-se num combro, mandou-me sentar à sua beira, e falou assim:

II

– Muito antes de eu nascer, um irmão de minha mãe, que Deus haja, ordenou-se, e foi para esses Brasis, à conta de umas rapaziadas que iam dando com ele nas unhas da justiça. Chamava-se padre Domingos Carneiro, Deus lhe fale na alma.

Meu amiguinho e senhor, vai o homem para aquelas terras, que, pelos modos, o dinheiro lá é tanto como a praga, e pega o padre a enriquecer, que já media peças de duas caras aos alqueires!

Estava ele lá havia coisa de vinte anos, quando mandou perguntar a minha mãe se poderia voltar para a terra. Minha mãe mandou-lhe escrever que viesse, porque a moça já tinha morrido, e os velhos também.

– Pode-me contar a história dessa moça? – interrompi eu com a grosseria desculpável à curiosidade de um futuro cronista de moças.

– Homem! – respondeu o lavrador meditativo – deixemos em paz quem já lá está.

– Queira perdoar..., eu pensei que...

– Deus lá sabe o que foi... Como eu lhe ia contando, meu tio padre Domingos, assim que recebeu a resposta, ensacou a riqueza e veio. Tinha eu sete anos. Ainda o estou a ver! Era um padre do tamanho daquele sobro! Trazia seis baús que pesavam como chumbo!

Vinha com ele um mulato já espigadinho, assim como vossemecê, e andava vestido como um pimpão! Este mulato chama-se Vicente, e já vinha de lá com os latins sabidos para se ordenar. Assim que chegou, foi para Braga tomar ordens, que custaram muitos centos de mil réis, porque naquele tempo sangue de preto não recebia ordens senão a peso de oiro. Agora, pelo que oiço dizer, o estado manda aos matos buscar pretos para os fazer padres. A religião está por um cabelo! Veio o padre Vicente para casa, e meu tio queria-lhe como às meninas dos olhos. O que ele dissesse era o que se fazia. Lá dizia o mulato missa uma vez por outra; mas minha mãe, que era a verdade em

pessoa, estando para morrer me disse que o padre Vicente algumas vezes, antes de ir celebrar missa, ia à prateleira da cozinha, e amolava os dentes nos bocados de carne que acertavam de ficar da ceia! Eu não quero com isto fazer mal à salvação do pecador. Deus lá sabe!...

Ora pois. Meu tio, assim que chegou, entendeu logo em fazer uma casa. Chamaram-se os pedreiros melhores destas redondezas, e ele lá lhes fez as suas perguntas, e impontou-os, dizendo que fossem erguer socalcos, e escreveu para Lisboa a pedir obreiros do palácio real. Vieram logo seis para mestres da obra, e muitos de outras partes para oficiais. O tio padre lá disse a sua ideia aos pedreiros e começou pela porta. Dois anos andaram a picar! Cada uma daquelas engenhocas mais pequenas que vossemecê ali vê, levava duas semanas a fazer. Há ali pedra que veio lá da capital, e, posta ali de mão-de-obra, custou para riba de dois mil cruzados. Lá estão os assentos no caderno: podem-se ver.

Acabou-se a porta, e alargou-se metade da casa, que pegava à outra por uma varanda. O palácio havia de romper por ali fora, e depois lá adiante fazer um cotovelo, e desandar pela outra metade. A pedra estava toda cortada na serra e picada; o tabuado já estava em rimas; a ferragem já tinha vindo de toda a parte do mundo; eis senão quando, meu tio morre de um dia pró outro! Assim que os barbeiros lhe disseram que tratasse da sua alma, meu tio chamou minha mãe e meu pai, e disse já com a morte na garganta: – É chegada a minha hora. Aí vos ficam muitos mil cruzados: meu afilhado Vicente vos dirá onde eu tenho enterrado o dinheiro, que escondi com medo dos ladrões. Recomendo-vos que trateis sempre do padre Vicente como se ele fosse vosso filho. Se ele quiser voltar ao Brasil, deixai-o ir, que ele tem de seu com que viver onde quiser. Recomendo-vos que acabeis a casa. O mestre das obras sabe a minha ideia. Na capela que se há-de fazer, mandareis enterrar os meus ossos e escrever na pedra o meu nome, e a era do meu nascimento e fim. Mandai dizer por minha alma oitocentas missas de esmola de cento e vinte. – Pouco mais disse, e fechou os olhos, abraçando-se no padre Vicente, chamando-lhe filho. Veja vossemecê! Era filho dele, o mulato! Que lhe parece?

– Parece-me também que seria filho.

– Deus perdoe a meu tio!... Era de casta! Vamos ao caso. Enterrou-se o defunto, e fez-se-lhe um enterro de quarenta padres, e armou-se a igreja. Minha mãe pediu dinheiro para os gastos ao padre Vicente, e ele foi à adega, esteve lá um grande pedaço, e voltou com seis moedas de ouro em cruz. Logo meu pai farejou que o dinheirame grosso estava debaixo de alguma cuba: mas não disse nada até ver, e atrigava-se de falar nisso enquanto o corpo do defunto estivesse quente. Minha mãe bem lhe dizia: – Toma conta do dinheiro, homem, – E meu pai que era um *bom serás*, dizia: – Ó mulher, deixa lá teu sobrinho: ele o trará.

O padre dormia no sobrado da adega. Uma manhã ao outro dia do enterro, era já tarde e ele não aparecia. Trepou-se-lhe à porta, e ele nem por burro nem por albarda. – O homem deu-lhe alguma! – disse meu pai. Deu não deu, pr'aqui pr'alí, arrombe-se não se arrombe, cerca tem mão, às duas por três vem um ferro de monte, e foi a porta dentro. Estava vossemecê lá na cama? nem ele. – Querem vocês ver que ele foi à vila e pernoitou por lá? – disse meu pai; e, nisto, olha, e vê aberto o alçapão que dá para a adega. Vai a baixo: abre a porta; mete-se por trás das cubas e das pipas, e acha-se uma cova à guisa de caixote com umas tabuinhas por dentro, e uma tampa de loiça ali para um lado. Meu pai deu um grito, e barregou: – O dinheiro foi-se mulher! – E minha mãe pega a chorar, e tem-te não caias, faltou-lhe o fôlego, e estendeu-se naquele chão como morta!

Acudiu o povo a saber o que era, e meu pai estava entalado que não dizia uma nem duas! Afinal de contas, meu amiguinho, o padre Vicente roubara o dinheiro!

Meu pai foi logo queixar-se ao juiz pedâneo e a todos os governos da comarca. Todos à uma lhe disseram que soubesse onde estava o ladrão, que eles o iriam prender. Onde estaria ele se bem corresse!

O grande caso é que os pedreiros foram-se logo embora, porque a nossa lavoira não dava para nada, e ficou assim a porta, e ficámos com meia casa alagada; e só depois que eu casei com minha mulher, que trouxe doze contos, é que eu pude ir erguendo aos pedaços casa que nos cobrisse. Ora aqui tem vossemecê.

– E do padre Vicente nunca mais soube notícias? – perguntei.

– A esse respeito não sei que lhe diga para não errar; mas aqui há dois anos apareceu nestas serras um romeiro que vinha da Terra Santa, e ia para Santiago de Compostela. Não pedia nada: sentava-se à porta dos lavradores; se lhe davam alguma tigela de caldo, comia; se lhe não davam nada, molhava côdeas em água, e comia-as. Ele era assim a modo de anegriscado, e os velhos de Bragadas começaram a espalhar que ele era o padre Vicente, que andava a fazer penitência.

O romeiro foi à sua vida por esse Barroso fora; e eu tirei-me dos meus cuidados e fui dar comigo em Montalegre, onde ele andava. Enfitei-me bem nele, e, a falar-lhe a verdade, o velho deu-me ares do outro; mas a coisa já lá ia há mais de sessenta anos, como havia eu conhecê-lo? Quer sim quer não, fui-me ao *pelingrino*, e disse-lhe: «Vós donde sois?» E vai ele respondeu-me: «Não tenho Pátria: sou pó; o pó é do vento.» Fiquei como o Outro que diz, sem pinga de sangue, que ele fazia uma cara, e punha os olhos no céu, que era mesmo de um homem se *estarrecer*! E não lhe disse mais nada.

Dali a meses tornou o pobre a pedir em Bragadas, e outra vez o povo a dizer que era o padre Vicente. O rapazio perguntava-lhe se era o padre Vicente, e ele punha os olhos na terra, e dizia: «Sou pó; o pó é do vento.»

– Seria ele?! – atalhei eu quase convencido.

– Não vou jurá-lo; mas a verdade é que ele adoeceu nesta aldeia, e uma noite saiu de um palheiro onde dormia, e foi morrer à porta da minha adega.

– Não há dúvida nenhuma que era ele – acudi eu.

– Pois sim; mas um brasileiro do Arco disse-me que o padre Vicente Carneiro, ainda há doze anos, era bispo numa cidade dos Brasis.

– Sim?!

– E verdade.

– Nada! o padre Vicente era o peregrino que veio aqui rematar a sua atribulada penitência – redargui, agarrado à poesia fúnebre do lance.

– Será isso, será; mas então de quem é a alma que anda na adega?

– Pois anda lá uma alma?

– Ainda não lho tinha dito?! Ninguém lá entra, assim que é noite. Ouve-se remexer dinheiro, e arrastar ferros, e dar gemidos. Já lá têm ido padres, requerer a alma e fazer as rezas; mas e tempo perdido. Se não é a alma penada do padre Vicente, é a de meu tio, Deus lhe perdoe!... Vamos almoçar, que já tenho a boca seca...

Almocei e fui às trutas.

À beira do rio Beça cismeí muito nas almas dos padres Domingos e Vicente, e confesso que me pus a caminho, enquanto era dia, com medo de encontrá-las ambas, ou pelo menos uma das almas.

Pensando neste caso vinte e dois anos depois, de mim para mim tenho que o padre Vicente não era o peregrino que morreu à porta da adega do senhor João Barroso. O padre inquestionavelmente morreu bispo. Se morreu em cheiro de santidade, não ousou asseverá-lo sem ler os necrológios. Vou averiguar isso.

O INFANTE D. DUARTE

I

Veremos lastimosamente um príncipe vendido e um imperador comprado.

CONDE DA ERICEIRA

(*P. Restaurado*)

Neste dia em que escrevemos (3 de Setembro de 1861) fecham-se duzentos e doze anos depois do homicídio de D. Duarte de Bragança, nas masmorras do castelo de Milão.

Leia o povo estas páginas da história. Mostrem-se ao povo as nódoas do sangue português, em que uns civilizantes de má morte não reparam do alto da sua cátedra de apostolado político. É ilustre sangue covardemente derramado do coração de um dos mais preclaros filhos de Portugal.

Foi D. Duarte irmão de D. João IV. Estava ele em Alemanha, militando no exército do imperador Fernando III, depois da restauração de 1640. Nas mais insignes vitórias do César sobre a Suécia assinalara-se o preclaro português.

O traidor Francisco de Lucena, depois justicado, não avisara oportunamente o infante da aclamação do duque. Avisá-lo seria precavê-lo dos ministros de Castela que haviam de querer vingar a desonra de Filipe na pessoa do infante, com assentimento do imperador a quem o devotado príncipe servira lealissimamente.

Outro português traidor, D. Francisco de Melo, ainda aparentado com a casa de Bragança, e vendido ao conde de Olivares, recebeu ordem de intender na prisão do infante. Chamou D. Francisco ao seu intento o confessor do imperador e o secretário da imperatriz. Fez sua proposta ao primeiro, e foi repellido; mas não desanimou. Com o dinheiro de Castela, ensaiou a corrupção dos ministros de Fernando III, e comprou a alma do mais privado. O confessor fez seu officio, e a imperatriz o dela.

Estava o infante em Leypen. Antes de capturado, já sua cabeça estava posta em talha de oito mil cruzados. Para ali partiu um comissionado com esta ordem do general-em-chefe:

«Ordeno ao coronel D. Jacinto de Vera que vá ao quartel de Leypen a prender o príncipe de Bragança, e que, não o podendo conseguir, o mate, e que vivo ou morto me traga o seu corpo.»

Não encontraram D. Duarte no quartel. Procuraram-no em Ratisbona, e leram-lhe uma ordem em que o imperador o chamava à corte: obedeceu, e entrou na carruagem que Francisco de Meio cortesmente lhe oferecia. Na primeira pousada, esperavam-no quarenta *mosqueteiros*, com ordem de parar. Detiveram-no oito dias em cárcere cerrado. O infante queixa-se; não, porém, contra o imperador. Afigurava-se-lhe incrível que o entregasse a castelhanos quem tão egregiamente fora servido por ele. Dali passou ao castelo de Milão.

Ao mesmo tempo, os congregados da dieta de Ratisbona protestaram contra a perfídia do imperador, dando como corrompida a fé germânica. Foi muito neste protesto o manifesto de Sousa Coutinho, embaixador da Suécia, a favor dos direitos de D. João IV. Rematava com estas palavras o manifesto:

«...que lei divina nem humana permitia que fosse preso em império absoluto e cidade livre um príncipe inocente, e oficioso ao mesmo império, pois por servir ao imperador deixara a Pátria e a grandeza da própria casa, achando por satisfação o tormento e o evidente perigo da vida.»

Tudo inútil! Nem as súplicas do preso ao imperador valeram mais. Pediu audiências: Fernando negou-lhas. Alguns príncipes intercederam pelo preso, sem proveito. O inflexível imperador fez remover o príncipe para outra fortaleza mais remota, entre escolta de sessenta espingardeiros. Aqui demorou seis meses, e passou a Gratz, donde escreveu ao bispo de Lamego, que estava em Roma, pedindo a intercessão do Sumo Pontífice. Nem a misericórdia do vigário de Cristo valeu às súplicas do encarcerado.

Tiraram-lhe o confessor e criados portugueses, e deram-lhe como consolador um jesuíta alemão.

Nestes transe, vingou o infante fazer chegar à mão do imperador a seguinte carta:

«Muitas vezes tenho manifestado a Vossa Majestade cesárea a grande injustiça e agravo que se me faz, quando eu por haver deixado a Pátria, e a comodidade da minha casa, e havendo servido oito anos a Vossa Majestade com tanta satisfação, como sabe todo mundo, esperava receber grandes favores: agora entendo que o marquês de Castelo Rodrigo, continuando o mesmo que já havia intentado D. Francisco de Melo, procura conduzir-me a Milão para que eu sirva de zombaria e sacrifício ao ódio e indignação deste e de outros ministros; porém, espero da grandeza de Vossa Majestade que não queira romper em mim as leis da justiça, e aquele direito no qual me constituíram a hospitalidade e fé pública, inviolável entre as mais bárbaras nações. Pelo que, espero que Vossa Majestade terá consideração à minha justiça e inocência, deixando uma e outra nas suas imperiais mãos, até que Vossa Majestade me franqueie o direito das gentes com a mesma liberdade do império, não permitindo que se execute em mim novidade que sirva de exemplo tão prejudicial à fé pública. Representando juntamente a Vossa Majestade o grande amor, trabalho e despesa com que tenho servido a Vossa Majestade, expondo a vida a muitos perigos, como agora fizera com o mesmo ânimo e fidelidade, se Vossa Majestade mo permitira. Guarde Deus a imperial pessoa de Vossa Majestade cesárea. De Gratz, 16 de Março de 1642. *D. Duarte.*»

Responde, em nome do imperador, o valido comprado por Castela:

«Dei a Sua Majestade cesárea a carta de Vossa Excelência e lhe referi tudo o que Vossa Excelência me escreveu em dezassete do passado. Sua Majestade cesárea me respondeu muito benignamente declarando não querer agravar Vossa Excelência na sua aflição, mas aliviá-lo muito depressa, e em sendo tempo fazer-lhe todo o favor: o que se me oferece referir a Vossa Excelência, beijando-lhe as mãos. Viena, 5 de Abril de 1642. *Conde de Transmandonff.*»

II

Verdadeiramente que não acho termos com que encarecer o horror que me faz este successo, olhando para o imperador, e a lástima a que me obriga esta tragédia, pondo os olhos no infante.

CONDE DA ERICEIRA
(*P. Restaurado*)

Não se havia ainda o imperador declarado despejadamente o coroado algoz do irmão de D. João IV. Avulta a infâmia à medida que a perfídia se rebuça no manto real. A resolução estava definida. A liberdade ou vida do leal servidor estava contratada com a Espanha.

O traidor Meio foi premiado com o governo de Flandres, para onde se abalou, deixando o infante entregue ao marquês de Castelo Rodrigo, mediante quarenta mil cruzados que o imperador recebeu para alienar de tal convénio a sua honra.

Quis o marquês levar preso a Espanha o infante; mas temeu-se de convizinhar de Portugal, e ainda mais de passar com o preso por estados de príncipes livres, que poderiam não querer (pondera um historiador) que os seus estados fossem estrada de acção tão indigna.

Mais pelo seguro, resolveram encarcerá-lo no castelo de Milão. Pressagiu o infante este horrível destino e perguntou ao caudilho da escolta se o levavam ao castelo. Primeiro, sob juramento, dissuadiram-no do susto; depois, intimaram-lhe a prisão. Este, sem demudar o semblante, disse serenamente: «Seja Deus louvado! *Exierunt cum gladibus et fustibus tanquam ad latronem...*»

No mesmo ponto encerraram-no em uma liteira, e assim foi dado a um comissário imperial. Nas raias de Valtelina, passou D. Duarte à guarda de um comissário milanês. Quando o enviado imperial se despediu do infante, este lhe disse: «Dizei ao imperador que maior pena me dá haver servido a um príncipe tirano que o ver-me preso, vendido, e entregue a mãos de meus inimigos; mas que Deus há-de permitir que haja alguma hora quem faça o mesmo com seus filhos, que não nasceram mais privilegiados que eu; pois a casa real de Portugal de que descendo não cede em sangue à casa de Áustria; e que se lembre para mortificação sua, como a mim me sucede para meu alívio, de que as histórias hão-de falar nele e em mim.»

No decurso da jornada, conseguiu o infante ver as ordens. Eram firmadas pelo imperador, e diziam: *no caso de encontrarem algum poder que quisesse livrar o infante, o matassem primeiro.*

Entretanto, o marquês de Nisa, embaixador em França, maquinava traças de arrancar o príncipe, com homens salarizados, ao dobrar as fortalezas do império para o ducado de Milão. Malogrou-se o honrado intento.

Designaram os Castelhanos no forte de Milão a torre da Roqueta, onde era uso encerrarem-se os réus de grandes delitos e de mais baixa condição. Nem uma hora o confiaram dos ferros, sem que a sentinela lhe espiasse os mais leves actos. Privaram-no de criados e de toda a relação externa. E assim no passar lento de oito anos!

Algumas vezes escreveu D. Duarte a seu irmão, rei de Portugal. O padre Francisco Porti, que lhe dizia missa, sabia que, debaixo da alcatifa do degrau do altar, estavam papéis do infante, escritos a lápis sobre o livro em que ele rezava durante a missa. No mesmo lugar, achava o infante as respostas.

Em honra de D. João IV, dizem os cronistas coevos que nenhum esforço foi

remisso no resgate do irmão. Quatrocentos mil cruzados foram oferecidos a Castela, e depositados em Itália. Não saiu o rei com o generoso intento. Filipe IV dava-se por melhor pago com as torturas cada hora de oito anos.

Ao cabo de muitas esperanças mortas, levou para si a divina piedade a alma do mártir.

Trinta e nove anos tinha quando morreu. Aos trinta e um de flores, de desejos, de glórias, entrara na masmorra, onde se presume que a peçonha lhe pôs termo ao martírio.

Autor coevo descreve assim D. Duarte de Bragança: «Era valoroso em grau muito superior, e trazia unidos na esfera mais superior o entendimento e a prudência. Esmaltava estas partes com uma liberalidade tão afável, que parecia que ficava obrigado a todos os que beneficiava. Foi de estatura levantada, branco, e louro, e todas as feições tão proporcionadas, que levava os olhos de todos a sua gentil disposição.»

Oferece-se este painel aos políticos de mão furada, que espalham flores na estrada da servidão para que os cautelosos não vejam as nódoas de sangue que lá derramaram nossos avós. Destes políticos em todo o tempo os houve: aquela mesma época os teve. Quando o infante agonizava, houve aí portugueses que, mirando a consolar a paixão do rei, denegriam a memória do encarcerado príncipe, dizendo «que um dos fundamentos da conservação destes remos era não vir a eles o infante, cujo natural era caprichoso, altivo, e faustoso». Outros com dobrada infâmia, senão crassíssima estupidez, acrescentavam: «que o exercício da guerra alemã lhe havia ensinado ao príncipe ideias militares, que não serviam à moderação necessária em guerra defensiva.»

Estes abjectos contemporizadores por pouco não agradeceram a Castela e à Áustria o favor de nos matar o infante nas masmorras do Forte de Milão!

CÉSAR OU JOÃO FERNANDES?

I

CÉSAR NA FOZ

Era César um quartanista de Matemática, moço mui bem posto, com uma testa significativa de talento, olhos grandes, negros e cismadores, bigode turco, lustrosos cabelos, luneta e outras muitas excelências fisionómicas muito de impressionarem damas.

Contava César vinte e quatro anos em 1856; e, nesse ano, a vinte e dois de Agosto, pelas seis horas da tarde, estava ele no cais de Carreiros, em S. João da Foz.

Sentado na rocha mais contígua ao mar, com a caçadeira a um lado, anediava a cabeça de Diana. Diana era uma cadela perdigueira, que, em desprezo da mitologia, recebera o nome da deusa venatória.

Nesta ocasião, o caçador não pensava na mitologia, nem afagava conscientemente a meiga cadela. Devaneava em enlevos amorosos, ia com olhos e espírito por esses mares e céus além, vendo e ouvindo a mística visão e o místico salmear dos que amam e cismam à beira-mar, se céu, mar, alma e ouvidos são os daquela idade. Aos vinte e quatro anos, todo o homem recebe do Criador a mercê de lhe mostrar a formosura da natureza, como ela seria sempre, se não fossem as paixões más; porque, aos vinte e quatro anos, todas as paixões são afectuosas e boas. Quem então as sente infames está a transformar-se de homem em fera.

Ora, César tinha visto, oito dias antes, na Cantareira, uma menina de vinte anos, mais que muito bela, iluminada da santa auréola da inocência, que é a poesia dos anjos, e da meiguice afável, que é a poesia dos homens. Também Clotilde vira César embelezado nela, com aquele ar de assombro, que a formosura incute, assombro que seria estúpido, se não fosse sublime.

Deste verem-se a procurarem ver-se de novo não mediou a mais leve operação do raciocínio. A razão, como entidade inútil naquele subitâneo ferver de duas almas, agachou-se a um canto com medo de ser atropelada pelo coração. Tenho para mim que esta importante coisa, chamada *razão*, com, respeito aos incêndios do amor, é uma espécie de bomba que chega, quando o melhor da casa tem sido devorado pelas chamas.

Veio, talvez intempestiva a figura analógica no presente caso: Clotilde e César não tinham ultrapassado os limites da honestidade, embora dessem na vista de algumas famílias com o seu fitarem-se de um modo tão penetrativo. Assim mesmo, nem a razão, nem a honestidade tinham de que malsinar os mudos colóquios dos quatro mais peregrinos olhos, que ainda conversaram na Cantareira, salvando os das pessoas que fazem favor de me ler.

Como anoitecesse, e a mãe de Clotilde espirrasse, o pai da menina espirrou também, e disse que a viração os estava constipando. Clotilde observou meigamente que a noite estava calmosa e sossegada: porém a encantarroada senhora espirrou novamente, e não houve remédio senão recolherem-se.

César seguiu de longe com infantil respeito e susto a família até àquela parte mais elevada da Foz, que chamam *Monte*. Viu-a entrar em casa, animou-se a convizinhar da porta, que se fechara com aquele estrondo, que é uma rija pancada em peitos de amantes, e por ali se deteve alguns minutos, contemplando as janelas, e dizendo entre si: «Ou me não ama, ou me aparece por detrás das vidraças, quando mais não seja.»

Este monólogo não me parece tão lírico nem puxado de linguagem quanto era de

esperar. Eu achava muito mais interessante que César começasse o seu monólogo por estas ou equivalentes palavras exclamativas: «Ó tecto abençoado, que cobres a mansão da minha amada! Ó receptáculo de um anjo! Ó pedaço do céu povoado por Ela...» *Et caetera*.

Devia ser assim, e creio até que algumas vezes terá sucedido dizerem amantes coisas muito mais peitorais diante da pedra bruta que os separa do objecto amado; mas, a darem-se factos semelhantes, isto é, a apóstrofe do homem à pedra, eu ficarei propenso a crer que a inteligência da pedra tem razão para rir da inteligência do homem. O mais ordinário e corrente é não dizer ninguém semelhantes palavriados em casos análogos; e, portanto, César não disse disparate nenhum, pelo qual desde já o encartemos na repartição dos namorados alarves.

O sucesso diz em crédito do moço. Dali a pouco, abriu-se subtilmente uma janela, rangeram gomas, ciciaram sedas, entre a compressão das mal abertas portadas, e Clotilde encostou-se ao banzo da varanda.

Neste ponto, César deu um testemunho indelével de seu puríssimo amor: é que não avançou um passo da sua postura estatuária, não proferiu um monossílabo, nem acreditou inventada a palavra própria da sua situação! Isto, leitor, é que é amar; isto é que é poesia. Creia Vossa Excelência que, se ele tivesse dito entre si: «Ó tecto abençoado, que cobres a mansão da minha amada!», também depois exclamaria umas parvoçadas muito mais graúdas, com as quais, meninas incautas se deixam imbelicar, excepto aquelas que leram, ao saírem do colégio, histórias de tolos, e desde logo formaram em seu espírito uma espécie de estalão para lhes medirem a altura, quando a desgraça lhes deparar ao correr da vida.

A elas, e a nós, e a todos os que nos lerem, livre Deus de tolos, tolos à força de estilo, que são os mais daninhos herpes do corpo social.

Enfiando o conto, convém saber que Clotilde, passados quatro minutos, saiu da janela, fechou-a de mansinho, e foi dizendo consigo: «Que estará ele a fazer ali!? Não se mexeu!... Será ele outro, que tem por aqui namoro?!...»

Esta incerteza incomodou-a. Deteve-se instantes ao pé da mãe, que dialogava em espirros com o pai, e voltou à sala, a espreitar por detrás das vidraças. Lá estava ainda encostado ao cunhal da casa fronteira o moço dos olhos lânguidos. Clotilde reconheceu-lhe os olhos ao clarão de um fósforo com que César acendia o charuto, e disse, com alvoroço: «E o mesmo!» Foi buscar um castiçal com que, para ser vista, alumiou a sala; e encostou-se à vidraça.

O catarro da família cresceu de ponto. Os enfermos resolveram recolher mais cedo que o costume, e tomar chá de tília e laranjeira na cama. Clotilde recebeu a louvável ordem de também recolher-se antes, e esperar o chá no seu quarto. Ao sair da sala, a menina apagou o castiçal junto da janela. Era um sinal de ausência, e mais nada; César, porém, imaginativo e cismador, entendeu que o apagar-se subitamente a luz significava o sumir-se a estrela da sua vida.

Por horas altas daquela noite, quando ele se julgava sozinho com a Lua nos infinitos espaços da criação, falava com a Lua – vítima obrigada de todos os amantes infelizes e maçadores. Alvoreceu-lhe o dia nos pinhais de Nabogildel.

Dali voltou ao seu quarto no *Hotel da Boa Vista*. Escaldou o sistema nervoso com algumas chávenas de café, e foi para a praia do Caneiro. Sentou-se nos fragedos a tragar a frescura húmida das ondas, que o borrifavam. Fumou charutos péssimos até sentir as ânsias do vômito. Ergueu-se azoado. Foi duas vezes a Carreiros, outras duas a casa. Encontrou amigos, que o saudaram, e ele não os viu. Tacteava o pulso, e dizia-se: «cento e vinte pulsações!» Levava as mãos à frente, e murmurava: «Uma paixão!»

Uma paixão deveras!

Vai agora dizer-se quem eram os pais da menina.

II

QUEM ERAM OS PAIS DA MENINA

A menina era filha do comendador Inácio José Leituga e de sua mulher a senhora D. Caetana Emília, residentes no concelho de Cinfães, pessoas abastadas, bons vizinhos, e de mui sãos costumes e notória cristandade.

Leituga, na mocidade, alinhavara-se mal com a sua vida.

O pai, serrador de madeira, quisera metê-lo ao ofício; mas o moço, empurrado a melhores destinos, fugiu para o Porto e por aqui andou em apuros desde 1823 até 1828, umas vezes empregado como adjunto ao cobrador das rendas dos frades da Serra, outras como vigia de armazéns em Vila Nova, e ultimamente, meses antes da tentativa revolucionária de 1828, entrara ele como guarda-barreira em Quebrantões.

Se o senhor Inácio, naquele tempo, era liberal, e já do fundo da sua obscuridade saudava a aurora da civilização, não sei, nem ele mesmo sabe dizer o que sentia a respeito dos direitos do homem. O que Leituga queria era melhorar de posição, ainda que para isso a posição de algum seu amigo piorasse: desejo este que não deve sujar a reputação do senhor Inácio, num tempo em que a família portuguesa, dividida em duas hostes inimigas, se ufanava em mutuamente se aniquilar, com o fim um pouquinho imoral de ficar a hoste vencedora com o espólio da hoste vencida. Isto é o que se figura à primeira vista; porém, quem souber alguma coisa de filosofia da história, e dos arcanos em que a civilização esconde o segredo das suas operações, desvia os olhos do espectáculo feio das nossas lutas fratricidas e remonta o espírito a certas alturas. Ora, a guerra, a orfandade, a viuvez, o sangue e a penúria são bugiarias que não impressionam as almas que lá das tais alturas da filosofia olham para isto, que se chama humanidade.

O senhor Leituga invejava o lugar do guarda-fiscal de Quebrantões: inveja, que já não pertence à dos *sete pecados mortais*, por ser uma inveja do emprego do amigo, coisa tão congenial da natureza humana, que os confessores já se abstêm de perguntar por isso. O guarda-fiscal era realista ferrenho. Inácio, com um olho no lugar do vizinho e outro na regeneração do país, fez-se liberal ferrenho também. Romperam-se as hostilidades no campo dos princípios, e dispararam na consequência final de se amolgarem os narizes os dois políticos. Inácio, acusado ao chefe, foi despedido; e, meses depois, emigrou para Espanha, passou a Inglaterra, e de lá à Terceira, donde veio expedicionário e já furriel.

Terminada a guerra, foi Inácio Leituga a Lisboa com o invariável propósito de requerer o lugar do vigia de Quebrantões. Melhor fada o esperava. Hospedara-se ele numa taberna da Ribeira Velha, denominada a *Estalagem da Forçureira*. A forçureira era uma mulher redonda e suja, que tinha uma filha esguia e limpa. Nunca tão desconcertada a natureza andara na dissemelhança de uma criatura desentranhada de outra criatura!

Inácio, benquistado da estalajadeira, entrou com os olhos no coração intacto da moça e viu-se amado. Sem averiguar dos teres e haveres de Caetana, pediu-a à mãe. A judiciosa velha, considerando os perigos a que estava sujeita uma rapariga bonita em época de tamanha desmoralização, aceitou a proposta, com a cláusula de que os casados ficariam em casa e o genro despiria a farda de 1º sargento para se entregar ao tráfego do negócio. Leituga conformou-se da melhor vontade, e desistiu do emprego, que lhe fora dado na alfândega do Porto.

Em 1836 morreu a forçureira, momentos depois de ter revelado à filha onde tinha

o dinheiro, ganhado em cinquenta anos.

Inácio nunca tinha visto nem sonhado tamanho cabedal em oiro! Passava de cem mil cruzados o tesouro acumulado.

De comum acordo os herdeiros trespassaram a taberna e cuidaram de empregar mais sossegada e limpamente o seu capital.

Caetana era dócil, modesta, boa esposa, desafeiçoada a festas, ignorante de todos os chamados prazeres da vida, amiga de dormir e de comer. Além disto, o seu grande amor era uma filhinha, nascida em 1836, o botão desta florentíssima Clotilde que, vinte anos depois nos vem espantar na Cantareira, com as suas graças aristocráticas, de modo que o leitor fica sinceramente persuadido de que a aristocracia de sangue tem umas graças especiais, infalíveis e intransmissíveis às raças plebeias. A maior parte das coisas humanas decidimo-las e definimo-las com tanta crítica e segurança como aconteceu com a fidalguia de Clotilde, inferida do adelgaçamento da cintura e mimo do pé.

Voltando a 1836, Inácio resolveu tornar para a terra do seu nascimento, comprar propriedades, edificar uma boa casa e melhorar a sorte da parentela pobre. Caetana gostou da ideia e começou desde logo a engordar com a perspectiva de comer muita castanha e chouriços de sangue, comestíveis de sua particular predilecção.

Realizou Leituga o seu programa, com muita felicidade. Estavam em praça dois conventos de frades entre Douro e Minho, os quais, à falta de lançadores ele comprou ao desbarato. De um convento, reformado e afeiçoado profanamente, à vontade de seu dono, fez Leituga a sua residência pomposa, vastíssima e tamanha que D. Caetana tinha medo de andar em casa, e via fantasmas de frades a cada canto. Inácio tinha ilustração de sobra para espancar fantasmas e para convencer sua mulher de que os frades eram tão maus sujeitos que nem fantasticamente podiam aparecer a ninguém. D. Caetana, convencida, continuou a comer, a dormir, a encher e a doidejar de amores da sua Clotilde.

Dobrou em doze anos a fortuna do senhor Inácio; e a consideração pública no seu concelho tocou o apogeu. Foi juiz ordinário em 1841, administrador em 1844, presidente da Câmara em 1845, teve votos para representante do povo em 1849, foi comendador da Conceição em 1852, e eleito deputado por uma maioria, rara na história do nosso sistema representativo em 1854.

A sua individualidade no Parlamento acreditou-se pela modéstia e sisudeza do silêncio. O Ministério considerava-o bruto e homem de bem – qualidades excelentes, que, se acertam de se ajuntarem, levam um homem onde ele quer ir, e levam com o mesmo sujeito toda a gente, que ele quiser levar consigo.

O comendador Leituga, com admirável desprendimento e desinteresse de obséquios dos ministros, conseguiu empregar uns dezanove parentes, que tinha, em dezanove lugares. Virtude rara! Porque há deputados que fazem despachar dezanove parentes para trinta e oito lugares.

Clotilde e sua mãe acompanharam a Lisboa o deputado, D. Caetana queria ver a casa onde nasceu, e espreitar o recanto da taberna em que sua saudosa mãe costumava provar as forçuras e fazer as contas com os fregueses sentada num mocho vermelho. O comendador, porém, concedendo a sua mulher o prazer inocente de ir contemplar a taberna, proibiu-a de se acompanhar da filha, cujos espíritos atiravam voo para coisas mais levantadas, e o pai, sem saber como, nem porquê, simpatizava com a condição afidalgada da menina.

Como é de crer, Clotilde não passou despressentida na capital. Leituga tinha fama de rico, e a filha, só de per si, era um tesouro, maiormente para os bons apreciadores de uns olhos negros, de uns cabelos de ébano, de uns lábios e dentes cujo coral e marfim estalaram as consoantes dos cardumes de poetas, que se perfilavam ao perpassar a bela

provinciana.

Honra seja feita aos poetas do Chiado! Cantaram-na, em trovas imortais, com raro desapego: que o poeta, digno deste nome, canta a mulher como canta a Lua, o oceano e outras coisas grandes: canta, adora, enleva-se no êxtase do grandioso, e não pede ao Criador a Lua, nem aos pais das meninas que canta, as meninas cantadas. Ser grande é isto! A poesia que não for isto é... a poesia que fazem todos os poetas.

III

CASO NOVO!

Consta do capítulo primeiro deste aranzel que o pensativo Castro estava em Carreiros, olhando contra o mar, oito dias depois que vira Clotilde.

Neste espaço de tempo, o académico soubera que a menina era rica, e o pai ambicioso de um genro titular. Enquanto à qualidade de ser rica, nem por isso o desconsolou a informação: que as almas mais refinadas em poesia – almas empestadas e perdidas se não tomam tento no corpo – costumam conformar-se e resignar-se, quando a sorte as une a outras almas aleijadas com o peso de algumas dezenas de contos de réis. Porém, a cláusula do título desanimou-o, esfriando-lhe aquela ardileza temerária que, aos vinte e quatro anos, impele o mancebo a afrontar dificuldades.

Andou o moço cismático a esquadrihar que entrada lhe ofereceria a natureza das coisas para a classe dos titulares. Via ele muita gente esquisita com título, e pasmava de sua própria insuficiência para, na volta do correio, mandar vir de Lisboa um diploma. Parece que o amor o tinha algum tanto embrutecido! O homem, se tivesse normal o espírito, havia de ver que os títulos, quando não distinguem à primeira vista o merecimento do agraciado, mandam presumir que o merecimento existe. «Que fez aquele homem para ser visconde?» – usam perguntar os detractores e os ociosos. A sã razão responde que tal visconde tinha virtudes cívicas de que não fez praça diante do público. Os altos poderes, bem que ele modestamente escondesse o seu civismo, descobriram-no e agaloaram-no. Aí está porque é visconde a pessoa que a gente não sabe dizer porque o é. Os governos é que sabem. Quando a geração actual tiver passado, os curiosos da geração vindoura irão às secretarias averiguar o porquê de tanta fidalguia criada em tempo de tamanha paz e de vida tão ramerraneira, aprosada e plebeia. Bom é que averiguem para crédito dos nobilitados e dos nobilitantes. Então se há-de ver, em recatada sombra, se a traça ou a manteiga os não tiver estragado, os requerimentos documentados, as justificações indubitáveis dos que, para incitamento de si mesmo e lustre da Nação, quiseram sair da mediania de seu nascimento. E assim o século vindouro fará justiça ao século ido, e aos homens que vão com ele a uma certa e benemérita imortalidade.

Lastimava-se o académico de não ser titular. O coração a içar-se para a alta poesia e superfina natureza do amor, e os preconceitos sociais a puxarem-no para o vilíssimo barro. Que absurdo encontro de extremos! César, em ocasião de tanto espírito e desapego, desejava ser o que dias antes metia a riso na pessoa do barão da Penajóia, pai de um lorpa, seu vizinho, chamado João Fernandes, de quem faremos crónica logo adiante.

Em menos sensatas cogitações se engolfava César, quando enxergou duas damas, que os olhos mal discriminavam, mas o coração logo farejara com aquele nariz de coração namorado, nariz digno de um volume à conta dele, dele nariz, digo eu, e não me despeço de escrever eu o volume, e o leitor, se ama ou amou, tem de ficar pasmado quando souber o nariz do coração que teve ou tem.

Vinham as damas a apontar na saída da Foz para Carreiros, e eram Clotilde e sua mãe. Ergueu-se César e fitou a orelha da audição interior, orelha que merece ser descrita noutro volume, para emparelhar com o volume do nariz, obra de que também eu me encarrego, e dos mais que vierem a propósito, de modo que espero brindar o público respeitável com a descrição anatómica da segunda pessoa que cada homem namorado encerra em si.

Agora, vai César cogitando e ideando empresas arriscadas, feitos façanhudos, sucessos extraordinários, com os quais a sua boa estrela lhe azasse ocasião de cativar o coração de Clotilde e as simpatias do comendador Leituga e da consorte. Lembrou-se do *Antony* de Alexandre Dumas sustendo o ímpeto da desenfreada parelha, e escalavrado pela lança da carruagem em que se ia desmaiada de terror a querida da sua alma. Lembrou-lhe o *Pedro* do drama do Sr. Mendes Leal salvando das lavaredas a filha orgulhosa do fidalgo. Lembrou-se das eras felizes em que da bravura do campeador de castelãs resultava a conquista da menina refece, ou a perda da vida na passagem defesa, perda que vinha a ser um grande lucro, em comparação da esquivança da dama requestada.

«Que tempos estes de prosa férrea, prosa negra, vilã e esmagadora de toda a alma, que puxa a destinos extraordinários!» – exclamava César, ao longo da praia, com os olhos postos nas duas senhoras, que ele via acoradas a apanharem seixinhos. «Não se ajeita caso nenhum», continuava César, «em que um homem possa distinguir-se aos olhos da mulher, que ama!» Afora a distinção que dá um carro bem puxado de cavalos ajaezados lustrosamente e a outra distinção menos ruidosa de possuir acções nos bancos, uma só conheço eu que algumas vezes tem vingado: é a tolice desmedida, a tolice sem horizontes, a tolice que vence a razão, porque a razão do homem é limitada, e a razão da mulher é limitadíssima, e a tolice sem limites abrange o mundo moral e o físico, abrange os dois sexos, e há-de abranger um terceiro, quando a civilização o tiver inventado!

Por esta grande tolice ia também já abrangido o coração do declamador desvariado, quando as duas senhoras Leitugas se levantaram da postura menineira, e seguiram seu caminho na direcção de César.

O moço caminhou também para elas, a passo mesurado e cadencioso como usam andar os amantes tristes.

Clotilde avistara-o, e estremeceu nervosamente, porque era muito assustadiça a menina quando avistava homens mais ou menos parecidos com a imagem ideal que ela formara de um certo Agobar, seu simpático conhecido de não sei que novela de Arlincourt, a quem Deus perdoe o mal que fez às meninas do seu tempo, e ao senso comum de todos os tempos.

A vinte passos de um fosso enlameado por onde se escoava a sangueira do açougue da Foz, Clotilde e a mãe pararam, olhando contra um barco a vapor que aproava à barra. César estugou o passo, e parou também a vinte passos para além do fosso, fingindo que observava a entrada do vapor.

A cadela, no entanto, para desencalmar-se na frescura da lama embebida em sangue, entrou pelo fosso dentro chapinando e agachando-se nas pocinhas em que a veia de água se represava mais cristalina.

Neste chafurdar andava Diana, quando uma enorme ratazana espavorida saltou de sua lura, e, acoçada pela cadela, correu ao longo do barroco em direitura às duas senhoras, que se haviam chegado ao fosso para verem o prazer com que o quadrúpede encalmado se retouçava.

D. Caetana, ao dar tento da ratazana, cuja cauda eriçada e encaracolada fazia pavor à própria Diana, expediu um grito, e clamou:

– Olha, olha, Clotilde...

Clotilde, apenas encarou no quadrúpede, estendeu os braços inteiriçados, abrindo e espalmando as mãos, e voltando o rosto como fazem todas as actrizes trágicas notáveis, quando acertam de verem perpassar pela lona do cenário lúgubre algum fantasma mais ou menos papelão; e depois destes e outros feitios e trejeitos e caretas estarrecidas, tirou da arca do peito um grito estrídulo de horror, e... ia desmaiar quando o estrondo de um tiro a fez soltar mais ingente brado e a espartou para abrir os olhos sobre um espectáculo digno de ser contado por pena melhor aparada!

César recebia dos dentes da cadela a ratazana agonizante, e levantando-a ao alto, disse:

– Está morta!

Clotilde respondeu com um vagido congratulatório à ovação do fino amante; porém, reparando que ele tinha entre os dedos a cauda do bicho repulsivo, exclamou:

– Largue isso!... Pois não tem nojo!... Cativa!

César, corrido da suja acção do seu entusiasmo, deixou cair o cadáver da ratazana, e desceu ao mar a lavar as mãos.

Quando voltou ao local em que praticara a façanha, as senhoras tinham desaparecido, no pinhal vizinho, para encurtarem o caminho de casa.

O amante, fino de mais para estes grossos tempos, entrou-se de uma convicção dura de tragar; e, pondo os olhos no corpo ensanguentado da ratazana, disse:

– Não valia a pena aniquilar-te, criatura do Senhor, nota do hino da criação, ente necessário à perfeição do Cosmos! Não valia a pena matar-te, para satisfação dos nervos de uma ingrata!

Disse, e deu com a coronha da arma na cadela que queria comer a rata! Que a faminta Diana, ia-se a pique de morrer de fome, todas as vezes que seu dono amava!

Nisto, chegou João Fernandes.

IV

JOÃO FERNANDES

Já se disse que o barão de Penajóia, antigo Manuel José Fernandes, o *Chicha*, de alcunha, era a máquina produtora de um filho único, que houve nome João, e se estava, ao tempo desta história, gozando das graças do diminutivo *Joãozinho*. As moças da Penajóia, Mesão Frio e Moledo amavam-no e perseguiam-no, sem embargo de ele ser vesgo e zambro das pernas o seu tanto ou quanto. Dizia-se que João Fernandes botara a perder algumas raparigas lá do Douro e casara outras com beneplácito e dinheiro do pai, no louvável intento de calar as famílias e calar o escândalo – o escândalo que é muito mais rebelde de acomodar que as famílias.

João Fernandes estivera no Porto, em rapaz, estudando francês na academia, e então conhecera César, seu condiscípulo. Fechado de cabeça como uma pedreira de mármore, o filho do barão da Penajóia não aprendeu nada, e gastou um ano e algumas dúzias de moedas a namoriscar as loiceiras dos sótãos da academia, e as fruteiras da praça do Anjo. Trajava com elegância, vestia luva gema de ovo todos os dias, e aos domingos alugava cavalo e, à falta de ruas e de espaço por onde passeasse o galope do cavalo e da alma desenfreada, batia as mesmas calçadas cinco vezes em cada dia de equitação.

Fernandes ficou sobremodo alarve, e contente de si. Tudo he saía ao pintar. A fortuna ameigava-o com entranhas da mãe estúpida, que se endoidece de alegria ao ver-se escouceada pelo filho boçal. Parece que a natureza fora feita privativamente para

regalo dele. As mulheres da Penajóia, como fica escrito e anunciado à posteridade, amavam-no a peito. Nenhum vesgo e zambro abusara mais a froixo das delícias deste globo, tão avaro delas para incalculável número de homens bem apessoados, escorreitos e até poetas! Aquele bestunto gizava prazeres, e para logo os mais dadivosos acasos confluíam a chover-lhe contentamentos ao molde e talho de sua soez fantasia. O amor, principalmente o amor, se é cego, como dizem, apertara sobre os olhos uma dupla venda com receio de ver o sandeu a quem servia humilimamente. Era coisa de fazer chorar uma pedra ver que donzelas, que sécias, que tafulas das mais cobiçáveis da freguesia, lhe saíam ao encontro do caminho, por sobre o qual um escritor de gosto e estilo diria que legiões de cupidos lhe avoejavam iriando-lhe a luz e enflorando-lhe as alfombras de sua passagem! Isto assim dito, a respeito de João Fernandes, seria bonito e digno. Agora penso eu que se está fabricando, pelo quilate daquela, uma linguagem para uso dos imortalizadores das pessoas distintas, como João e outros.

Achava-se Fernandes na Foz por causa da fidalga de Canelas, morgada de Encavalgados, filha única, criatura alegre, bonitota e bruta. Esta senhora, chamada Filipa, gostava dele e convidara-o a comer letria, uma vez que o vira numa festa de igreja, lá em Canelas. João comera a valer, sem dar fé de se lhe ir o coração e estoirando de amor. Doutra vez, a fidalga foi à Penajóia, onde tem um casal, e, convidada pelo barão, foi comer arroz-doce *vis à vis* de João Fernandes. Desde esta saudosa comezaina, os dois corações ataram-se com tão cego nó que parecera ser aquele amor para disputar constância e duração com a eternidade. Eram dois azeméis talhados, vazados, fundidos da mesma

forma. Se estes se não amam até à campa, não há nada certo, em matéria de amor, matéria materialíssima, e amor animal, amor fibroso, amor de osso e músculo, carne de carne, e para uma só carne, como o Evangelho diz que sejam marido e mulher.

D. Filipa Paiva e Pona foi a banhos de mar, à conta de flatos, e enchimentos de estômago, e outras doenças de má cara. O cirurgião mentira. A morgada de Encavalgados era sadia, nédia e oleosa como um chouriço de sangue. Fora João Fernandes que a induzira a queixar-se de uma dor da ilharga esquerda e a deitar-se da cama abaixo, ululando uns gritos histéricos e torcendo-se em trejeitos e esgares tão assustadores, que a gente de mais são critério de Canelas deu a fidalga como possessa do cão tihoso, contra o qual se fariam exorcismos, se o demónio se não antecipasse a dizer, pela boca do cirurgião, que a morgada precisava de banhos de mar.

Em virtude do que desceram à Foz os Paivas e Ponas, em companhia de João Fernandes e de alguns presuntos, e vários foles de feijão, e outros legumes, e farináceos.

Agora tem o leitor a felicidade de encontrar o filho do barão da Penajóia a palestrar com César, no mesmo ponto em que ouvimos o raticida apostrofando o cadáver ensanguentado daquela mansa vítima imolada aos nervos de Clotilde. Mas, antes de aproximá-los, vejamos ainda brutesas novas de Fernandes.

Descia ele da parte do monte na ocasião em que as damas se iam de fugida por entre os pinheirais e tirava da algibeira um binóculo de teatro com que andava sempre prevenido. Assestou os vidros às damas fugitivas; e, como quer que uma silva prendesse o vestido de Clotilde, e indiscretamente lhe mostrasse da perna uma porção bastante a delatar maravilhosos mistérios, posto que a desvendar o segredo fosse bastante o pé, que assim o disse o poeta de Rola:

.....
 lors qu'on volt le pied, la jambe se devine

João Fernandes, vinha eu contando, como visse pelo óculo o quer que foi da perna e, como parvo que era, cuidasse que estava na Penajóia, expediu do peito alvar uma gargalhada e disse em vozeamento de cabreiro que fala ao rebanho: «*Isso é que é perna! Viva quem é uma flor!*»

Clotilde e a mãe olharam ao mesmo tempo e viram o atrevido cavalgando uma parede, com o binóculo assestado.

– Que petulante estúpido! – disse abafada de cólera a menina.

– Anda daí – acudiu a mãe –, faz de conta que o não ouviste. Apanha as saias!

E João Fernandes, sem desfrutar o óculo, cantou na toada galhofeira da música popular, estes dois versos:

Ponha aqui o seu pezinho,
Ponha aqui ao pé do meu.

César subira então a um cômodo de areia, por ter ouvido o falaris do insolente, e avistou João Fernandes, que vinha em direitura dele, assoviando a moda do *pezinho*.

– Olé! – disse o da Penajóia. – César, condiscípulo, amigo, *et caetera!* Estavas também à espreita do pezinho da encantadora ninfa!?

– Cala-te, selvagem! – respondeu o académico. – Tu és um grosseirão!

– Pertenciam-te as criaturinhas?! – redarguiu João Fernandes. – Perdoarás! Eu cuidei que não ofendia ninguém com isto! Vocês, os rapazes civilizados, andam atrás das senhoras nas salas para lhes dizerem em segredo que elas têm o pé muito galante; e vai depois, se acontece um homem franco dizer em voz alta a uma senhora que ela tem a perna bonita, porque ela deixou ver, vocês chamam grosseiro e bruto ao homem! Que dizem lá os teus autores a este respeito, meu doutor?

– Os meus autores dizem-me que tu és um asno; e como a asneira é a soberania do universo e a mãe de todos os heroísmos extraordinários, respeito-te, amigo Fernandes, descubro-me diante de ti, e vou meu caminho para me não convenceres de que eu sou um tolo superior a ti.

– Ouve cá, César! – replicou João Fernandes, metendo-lhe o braço. – Que diabo de mulher é uma mulher que tu estavas ontem a cocar ali na praia? Fez-me mozza a rapariga, e tive vontade de te dizer: «Anda para diante, se és homem; e, se não és homem, faz-te ao largo, e deixa-me fazer a esta ninfa dois dedos de namoro!»

– A mulher era aquela que tu apupaste agora, pedaço de maroto. É assim que tu amas as ninfas de Penajóia?

– É assim mesmo, digo-te que é assim, que se amam as mulheres de toda a parte. Agora, vou fazer contigo uma aposta. Dobrado contra singelo. Se ela me não aceitar o namoro, perco eu o meu cavalo ruço, e, se eu dentro de Oito dias te mostrar uma carta dela, perdes a tua cadela. Valeu?

– Estava capaz de experimentar... – respondeu César.

– Tens tudo a ganhar, rapaz! Ganhas a mulher e o cavalo. E tens pouco a perder, porque perdes a cadelita, que pouco vale, e a moça, que se é o que eu cuido, pouco vale também. Que dizes tu, homem?

– Apostei! – exclamou resolutamente o académico. – Oito dias para ela te responder. Se te não responde...

– Mando-te o meu cavalo..., palavra de cavalheiro!

César encostou mãos e face à coronha da espingarda, meditou, correu a mão pela frente e disse:

– Pois o mundo estará assim organizado?

– Assim como?! – interpelou João Fernandes.

- Serás tu o homem destinado a impressionar aquela angélica criatura?
- Sou: tenho-as impressionado mais finas. Conheces a Filipa de Canelas?
- Isso é uma lavadeira! Com que seresma tu me vens argumentar!
- Pois faz-lhe tu a corte, que eu perco a minha fortuna se lhe apanhares uma piscadela de olho!...
- Qual de nós é o parvo?! – perguntou solenemente César.
- És tu! – respondeu solenemente João Fernandes.

V

VITÓRIA DA TOLICE

No dia seguinte, estava o comendador Leituga em Sobreiras examinando um porco de raça inglesa, que recolhia de ser exposto e proposto a prémio.

– Abençoado sejas tu que tão perfeito saíste! – exclamava o comendador coçando o cevado no focinho.

– E foi premiado! – disse um outro comendador circunstante.

– Premiado! – acudiu João Fernandes. – Pois cá premeiam-se os animais?

– E reprovam-se os vegetais que estudam francês – acrescentou César, que acertara de estar no círculo cujo centro era o porco premiado.

João Fernandes derramou o olho vesgo sobre o chacoteador, e disse:

– Cuidado com as ventas, Augusto César!... Olha que eu não desatendo ninguém. Fala bem que ninguém te fala mal. Eu falava com o porco.

– Para falares com quem te entenda... – redarguiu o académico.

O comendador Leituga voltou a carranca contra César, e disse gravemente:

– A dizer a verdade, o senhor não tem razão. Eu conheço desde ontem à noite o filho do Sr. barão da Penajóia, e vou jurar que ele é incapaz de ofender pessoa alguma.

César respondeu sorrindo:

– Eu também conheço o senhor João Fernandes há nove anos, e por isso graciei com ele, sem intenção de beliscar a sua vaidade de conhecedor da língua francesa...

Estoirava de despeito e raiva o matador da ratazana. Sendo ele o único homem de talento e espírito, que estava no grupo, era ele por isso mesmo também o único ridículo e aparvalhado naquele momento. João Fernandes entortava a boca para morder o beijo inferior, exibindo a dentadura superior, suja até ao espanto. Esta careta simbolizava a alegria íntima, de se ver defendido por Inácio José Leituga, na presença do infausto amador da filha.

César dispensava esclarecimentos. Posto que se arrecesse de ser suplantado pelo da Penajóia, ainda assim não esperava tão rápida e sumária derrota. Cuidava ele que João Fernandes seguiria a trilha de todos os moços distintos em matéria de namoro, começando pelo princípio, que é a parte contemplativa, ou extática; depois, passando à secção epistolar; e daí às outras, que variam, consoante as pessoas e as circunstâncias. Neste pressuposto entendeu César que o parvoinho de Penajóia, antes de ousar oferecer uma carta a Clotilde, consumiria alguns dias em seguida do banho a casa com a pertinácia estúpida de um indiscreto, que apostara o cavalo ruço, e havia de pagar pontualmente a aposta, se, no prazo de oito dias, não apresentasse uma carta da menina de Cinfães.

Isto cuidava ele como homem de espírito e génio, homem de alta poesia e profundo respeito pelas senhoras, homem que falava com asco da corrupção da espécie humana e supunha que nenhuma das pessoas que ele conhecia estivesse corrompida. As criaturas dotadas de espírito e génio são assim boas, assim idiotas; e, se deixam de o ser

nalguma hora, é quando lá do íntimo de sua consciência lhes rompe um gemido, gemido do orgulho castigado, dor sem igual e sem consolação, porque as desgraças e desenganos que esmagam as almas estremadas do vulgo são dores que o vulgo escarnece; e escárnio atroz é esse, porque vai nisso o vingar-se a canalha; e a canalha urra triunfante a cada homem distinto que sopesa e recalca no seu esterquilínio.....

Vamos ao conto.

Saibamos de que modo João Fernandes se relacionou com o comendador Leituga.

Ao separar-se de Castro, no dia anterior, entrou em sua casa para pensar se devia pensar na maneira de começar namoro com Clotilde; porém, como lhe não acudisse de pronto pensamento nenhum, resolveu pelo melhor não pensar nada. Resolvido isto, saiu, e foi passear para o Monte.

Ora João Fernandes tinha a dose de velhacaria, que a natureza concede a cada tolo maior de marca. Ele já sabia quem era a menina quando pediu informações a César; sabia que ela tinha em Cinfães um casão, e outro casão em Canaveses; sabia que o seu condiscípulo a trazia de olho, e versejava por amor dela, e cruzava os braços sobre o peito, buscando-a no Céu, quando ela saía da praia, e ia para casa almoçar bolinhos de bacalhau; isto dos bolinhos de bacalhau sabia-o ele de ter ouvido dizer ao comendador Leituga que em sua casa todos os dias ao almoço e à ceia comia bacalhau em bolinhos. Tudo isto sabia o velhaco! Chegou João Fernandes ao Monte, e a primeira pessoa que viu numa janela foi Clotilde. A menina, mal o enxergou e reconheceu, deu uma viravolta, e mostrou o costado elegante e as negras pastas de cabelo que se lhe amoldavam ao torneado das espáduas. João Fernandes tossiu e prolongou um som rouco, e feio, posto que em certos casos pareça linguagem do coração, e em outros um esforço que se faz para desembargar os gorgomilos de algum entulho incómodo.

Clotilde, azoada com esta plebeia e audaciosa demonstração de affecto, saiu da janela e bateu com as portadas na cara festival de João.

– Sempre é muito bruto! – monologava ela, mirando-se no espelhinho do toucador de cedreira. – Quem cuidará este homem que eu sou?!

Acabava de fazer esta pergunta a menina, quando a campainha da escada tilintou. A criada pergunta quem é e responde uma voz exterior:

– Está em casa o senhor Comendador?

– Não está: foi para a cidade. O senhor quem é?

– O filho do barão da Penajóia.

– Quem? – perguntou Clotilde. – Quem?! – e foi espreitar ao patamar da escada.

– Diz que é o filho do senhor barão da Penajóia – respondeu a criada.

– Um criado de Vossa Excelência, minha Senhora – acrescentou João Fernandes.

D. Caetana Emília, que estava lendo uma novela intitulada *O Menino da Selva*, meteu as cangalhas de prata entre as duas páginas, e disse:

– Eu lá vou.

Saiu com efeito ao topo da escada e disse:

– Meu marido não está em casa; se é recado que lhe deixe...

– Eu vinha aqui de mando de meu pai cumprimentar o senhor Comendador, e saber da sua saúde e da sua estimável família.

– Mas eu não conheço o senhor barão, que me lembre – replicou D. Emília.

– Os fidalgos conhecem-se uns aos outros – redarguiu João Fernandes – e a política manda que eles se cumprimentem. Por isso é que eu vim cumprir os meus deveres; e, como o senhor Comendador já me conhece, aqui deixo o meu bilhete-de-

visita.

João Fernandes tirou da carteira o seu bilhete, impresso de modo que depois do nome *João* estava uma coroa de barão metida numa grinalda, e depois seguia-se o apelido *Fernandes*, e, por baixo, em letras d'ouro: *futuro barão de Penajóia*, etc., etc., etc., e mais abaixo, à orla do papel, estas palavras escritas do punho do próprio tolo: *criado venerador de Vossas Excelências*.

Foi o bilhete para cima, e João Fernandes ia a sair quando o comendador apontava ao cimo da rua, defrontando com a sua residência.

Fez-lhe sensação o ver sair João Fernandes de sua casa; este, porém, com o mais sossegado ânimo, dirigiu-se ao Leituga e disse-lhe:

– Venho de deixar um bilhete a Vossa Excelência, porque tenho muita honra em fazer o seu conhecimento, e meu pai é da mesma opinião.

– Muito reconhecido ao seu favor – disse o de Cinfães.

– Eu não tenho o gosto de conhecer pessoalmente o senhor barão; mas lá virá vez de nos conhecermos. Já agora faz favor de subir e descansar.

João Fernandes retrocedeu, entrou à sala, foi apresentado a D. Caetana, pouco depois à menina, que entrou grave e mal-assombrada na sala, e dali a pouco estava conversando com todos três, dizendo as suas baboseiras com bastante graça e elegância, falando da sua casa apalaçada na Penajóia, das suas quintas do Alto Douro, dos cevados que se matavam em sua casa, dos casamentos que lhe tinham sido propostos, da sua predilecção pelo arroz-doce e do muito prazer que ele sentia em poder oferecer ao senhor comendador um presunto ainda inteiro de três que trouxera de casa.

A esta hora, Augusto César contemplava a estrela Vésper, e dizia: «Clotilde!, palavra de magia, som que as harpas eólicas gemem, nota de hino que desferem os coros angelicais, talismã, bem-aventurança, Clotilde!

Como eu te amo, como o coração se me vai em incenso para ti!

Avoeja à flor dos meus cabelos, ó ave do Paraíso!... Os áditos do elísio abrem-se para nós, a natureza é nossa, e o mar suspira para nos embalar os sonhos, as auras ciciam nos pinhais para nos ensaiarem o murmúrio, a linguagem rumorosa e estremecida dos corações felizes!

Ó Clotilde...

Ó mariposa dilecta,
Vem abraçar-te e viver
No coração do poeta,
Deixa-te amar e morrer!
Deixa-te amar e morrer
Ó mariposa dilecta;
Vem abraçar-te e viver
No coração do poeta!»

CONCLUSÃO

No fim da tarde do quinto dia depois daquela fatal tarde da aposta, César ia caminho de Carreiros, e viu descer dos pinhais em direcção à praia um grupo de homens e damas. Esfregou três vezes os olhos, e três vezes comprimiu as fontes, que lhe estoiravam batidas e inflamadas pelo vulcão do cérebro incendiado. O que ele vira fora uma visão das que Satanás reserva para os réprobos da última casta: João Fernandes vinha de braço dado com Clotilde e ela, de vez em quando, dava-lhe a cheirar um ramilhete de cravelinas!

Sabeis o que é o cair de um homem desamparado na areia?

Sabeis como cai todo o homem que não pode sustentar o equilíbrio?

Sabeis qual é a posição que um homem toma quando não pode sustentar a vertical que lhe decretou o criador?

Pois foi assim! César caiu na areia como todo o homem que cai.

E, quando tornou a si, ergueu-se, envergonhou-se na ideia de que o tinham visto e foi para casa.

E, na noite desse dia saiu com um par de pistolas em demanda de João Fernandes, que a essa hora se debatia nas angústias da morte entre as mãos de D. Filipa Paiva e Pona.

A qual, como soubesse que era a traçoada, saiu de capote e chapéu braguês, armada de uma tesoura, e surpreendeu João a dar o nó de uma gravata vermelha, que naquela noite ia estrear a casa do comendador. A morgada de Encavalgados travou-lhe do pescoço e pôs-lhe ao peito o duplo bico da tesoura. João, assombrado e fascinado por tamanho heroísmo de mulher apaixonada, pediu que lhe largasse a garganta e jurou abandonar Clotilde. E abandonou.

Mas no dia seguinte, que era o sétimo, receando que César mandasse buscar o cavalo ruço hipotecado na aposta, apresentou-se ao amanhecer em casa do condiscípulo e disse:

– Não venho buscar a cadela; mas venho trazer a carta. Conheces esta letra?

– Não – disse César – mas creio que é da infame.

– Se é infame, não sei; atolambada te juro eu que ela é. O que eu te digo é que se ela não serve para João Fernandes, menos servirá para César. Pergunta-me agora qual de nós é o parvo, amigo César!

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
